
CPAD
VALMIR NASCIMENTO
NA COVA DOS LEÕES
O Exemplo de Fé e Coragem de Daniel para o Testemunho Cristão em Nossos Dias

NA COVA DOS LEÕES

VALMIR NASCIMENTO

NA COVA DOS LEÕES

O Exemplo de Fé e Coragem de Daniel para o Testemunho Cristão em Nossos Dias

1ª Edição

CPAD

Rio de Janeiro
2024

Todos os direitos reservados. Copyright © 2024 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia, distribuição na *web* e outros), sem permissão expressa da Editora.

Preparação dos originais: Cristiane Alves
Revisão: Miquéias Nascimento
Adaptação da capa: Elisangela Santos
Projeto gráfico e editoração: Elisangela Santos

Conversão para Ebook: Cumbuca Studio

CDD: 240 – Moral Cristã e Teologia Devocional
e-ISBN: 978-65-5968-300-0

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 2009, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso *site*: https://www.cpad.com.br

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ
CEP 21.852-002

1ª edição: 2024

APRESENTAÇÃO

Quais são as pessoas que te inspiram? Que homens e mulheres servem de exemplo para tua vida?

Ao longo de nossa jornada, conhecemos diversas pessoas que nos inspiram; pessoas cujas vidas e forma de conduta servem-nos de modelo. São homens e mulheres exemplares que, de alguma forma, deixaram marcas indeléveis em nosso coração – heróis e heroínas da vida comum.

Num primeiro momento, a palavra herói faz com que recordemos personagens fictícios com habilidades sobre-humanas, extraídos diretamente de quadrinhos, filmes e outras formas de entretenimento. Numa acepção bíblica, contudo, refere-se àquelas pessoas cujas histórias ressoam não apenas pelas conquistas monumentais, mas também pela maneira como enfrentaram desafios e superaram obstáculos com valentia.

Temos inúmeros modelos na Bíblia. São heróis da fé que construíram legados de coragem, persistência e dedicação. Mesmo imperfeitos, mostraram virtudes e, apesar das falhas humanas, deram um bravo testemunho de vida.

Poderíamos fazer uma extensa lista dessas pessoas a partir da narrativa das Escrituras. Em Hebreus 11, por exemplo, o autor menciona um pequeno rol notável de heróis da fé que desempenharam papéis significativos na história bíblica.

Diferentemente dos super-heróis idealizados pela mente imaginativa, os heróis da Bíblia são assim conhecidos por causa da confiança inabalável em Deus. Não são salvadores; são salvos por Deus. Não possuem superpoderes, mas servem ao Deus Todo-poderoso. Não são valentes pela força sobre-humana, mas, sim, pela dependência ao sobrenatural.

Um desses heróis bíblicos é Daniel, que é um exemplo inspirador para os cristãos em geral e os jovens em particular. O seu testemunho de vida encoraja-nos a enfrentar as adversidades e a cultura secularizada, pluralista e neopagã que predomina na sociedade ocidental contemporânea. É um

modelo de jovem, homem, profissional, amigo e líder levantado por Deus numa cultura hostil.

Num tempo em que faltam referenciais de virtudes, inteligência, humilde e lealdade sábia no mundo, vale a pena olhar para a vida de Daniel e sermos inspirados pela sua história e sabedoria. Numa época em que as pessoas que influenciam as novas gerações são avaliadas não pela excelência moral e intelectual, mas pela quantidade de seguidores nas redes sociais, é urgente resgatar modelos sólidos de inspiração para a vida.

Daniel não foi perfeito, mas foi alguém digno de ser imitado. Daniel não é impecável, mas a sua fidelidade inabalável é um caminho pelo qual podemos seguir, pois espelha o seu intenso amor e devoção a Deus. A vida de Daniel não é incriticável, mas é inspiradora. Ele é amado no Céu!

A presente obra expõe um comentário sobre o livro das Escrituras que traz o nome desse importante personagem e profeta bíblico a fim de extrair ensinamentos da sua jornada e lições do seu testemunho público, assim como interpretar, com o apoio de eminentes teólogos de nossa linha escatológica, as visões proféticas recebidas do Senhor.

Sem a menor pretensão de oferecer um comentário exaustivo, considerando a reconhecida complexidade do livro de Daniel, a intenção primordial é fornecer auxílio no estudo das *Lições Bíblicas* da Escola Dominical.

Nesta ocasião, agradeço primeiramente ao Senhor Deus pelo privilégio de servir ao seu Reino e à Igreja de Cristo. Expresso minha gratidão ao Pr. José Wellington da Costa Júnior, presidente da CGADB, e ao Dr. Ronaldo Rodrigues de Souza, diretor executivo da CPAD, pela oportunidade de contribuir com a Escola Dominical da Assembleia de Deus no Brasil. Na pessoa do Pr. Alexandre Claudino Coelho, gerente do Departamento de Publicações, registro meu agradecimento a toda a equipe da editora, em especial ao Setor de Educação Cristã. Faço ainda referência ao Pr. Marcelo Oliveira e à professora Telma Bueno, pelo costumeiro apoio.

Agradeço a Assembleia de Deus de Cuiabá e Região, na pessoa do Pr. Silas Paulo de Souza, o seu presidente, pelas orações e incentivo ao ministério educacional, assim como aos membros e amigos que compõem o Conselho de Educação e Cultura.

Por fim, agradeço e dedico esta obra à minha amada esposa, Carla Marcele, e aos meus filhos, Vinícius e Beatriz.

Oro para que esta leitura seja rica e abençoadora!

Cuiabá, janeiro de 2024
Pr. Valmir Nascimento

SUMÁRIO

Apresentação

Capítulo 1
Daniel: Uma Inspiradora Jornada de Fidelidade

Capítulo 2
Como Viveremos na Babilônia

Capítulo 3
Conservando os Valores e Guardando a Identidade

Capítulo 4
Uma Firme Decisão de não se Contaminar

Capítulo 5
A Revelação de Deus Confronta o Secularismo

Capítulo 6
Coragem para Enfrentar a Fornalha Ardente

Capítulo 7
Deus Abate o Coração Orgulhoso

Capítulo 8
A Consequência Destruidora do Prazer Carnal

Capítulo 9
Entre a Lei de Deus e a Lei dos Homens

Capítulo 10
Os Impérios Mundiais e a Supremacia do Filho do Homem

Capítulo 11
Revelações sobre o Tempo do Fim

Capítulo 12
Estudo, Oração e as Setenta Semanas de Daniel

Capítulo 13
O Fim de Todas as Coisas

Epílogo
Referências

Capítulo 1

DANIEL: UMA INSPIRADORA JORNADA DE FIDELIDADE

Iniciamos o estudo do livro de Daniel, um dos livros mais instigantes e desafiadores das Escrituras Sagradas.

John Lennox observou muito bem ao afirmar que "A história de Daniel é uma história de fé extraordinária depositada em Deus e vivida no auge do poder executivo no pleno resplendor da vida pública".[1] Juntamente com os seus companheiros de Judá — Hananias, Misael e Azarias —, forma-se um lindo quarteto de jovens crentes e destemidos que nos estimulam a servir ao Senhor com excelência, integridade e devoção em todas as áreas da vida. Mesmo advindos da nobreza judaica e após alcançarem o topo da carreira pública babilônica, não abandonaram o temor e a humildade características dos servos de Deus.

Vivendo no coração da Babilônia, nos dias tumultuosos do exílio do povo israelita, esses jovens hebreus destemidos levantam-se como figuras emblemáticas de coragem fiel diante das vicissitudes da vida, das pressões culturais e das influências religiosas espúrias.

Além do exemplo de vida, Daniel também nos ensina por meio das revelações que lhe foram dadas por Deus. Ele foi um homem com os pés na Babilônia, mas com o coração em Jerusalém. Vivia no mundo, mas a sua mente estava no Céu. Por isso, Deus deu a ele revelações extraordinárias sobre os eventos futuros do povo de Israel e do mundo, incluindo os últimos dias.

O livro que o Espírito Santo inspirou Daniel a registrar contém profecias, sonhos e visões que descortinam o porvir e mostram as dimensões apocalípticas do plano divino ao longo dos anos. Embora algumas dessas revelações sejam tenebrosas, quando devidamente interpretadas, trazem

esperança ao povo de Deus, na certeza de que o Senhor domina o mundo e conduz o fio da história humana.

I. CONHECENDO O LIVRO DE DANIEL

Antes de percorrermos o seu conteúdo capítulo por capítulo, vale a pena termos uma visão preliminar e panorâmica do livro.

Panorama geral

O livro de Daniel é composto de 12 capítulos. Eles percorrem um longo período histórico que começa com a primeira invasão babilônica ao Reino de Judá (605 a.C.) até a queda da Babilônia diante de Ciro da Pérsia (536 a.C.).

O escrito bíblico narra a trajetória de Daniel e dos seus amigos advindos de Israel, destacando os desafios culturais, políticos, morais e espirituais que suportaram em terra estrangeira. Ao longo de todo esse tempo, o profeta viveu e serviu com fidelidade a Deus perante as cortes imperiais, da juventude ao fim dos seus dias.

Escrito no período pós-exílio, o livro reflete não apenas eventos históricos, como também revela visões proféticas que têm inspirado incontáveis gerações ao longo dos séculos. Daniel também registra as mensagens proféticas que o Senhor revelou a ele, inclusive interpretações de sonhos, visões de animais simbólicos e uma visão detalhada dos eventos escatológicos. Por isso, é chamado de "Apocalipse do Antigo Testamento",[2] guardando um grande paralelo com a revelação ao apóstolo João no Novo Testamento.

Autoria e mensagem

Quem escreveu o livro de Daniel?

Algumas correntes acadêmicas argumentam que o livro pode ter sido escrito por múltiplos autores[3] em diferentes períodos, com algumas partes sendo compostas durante o período do exílio babilônico e outras mais tardiamente.

Outra razão para esse entendimento é a presença de diferentes línguas ao longo do texto. O livro contém partes escritas em hebraico, que é a língua tradicional dos textos bíblicos do Antigo Testamento, mas também inclui seções em aramaico.

Não obstante, é entendimento majoritário entre estudiosos judeus e cristãos que o autor deste livro é o próprio Daniel. Em primeiro lugar, temos evidências internas que mostram a sua autenticidade (Dn 8.15,27; 9.2; 10.2). Em segundo lugar, o livro exibe uma unidade, uma mensagem teológica coesa, enfatizando a soberania de Deus sobre os reinos terrenos e a importância da fidelidade ainda que em meio à adversidade. Essa coesão é uma clara evidência de uma visão teológica única e consistente. Em terceiro lugar, como argumento cumulativo, temos o próprio testemunho de Jesus, no Novo Testamento, referendando a autenticidade da mensagem do profeta (Mt 24.15; Mc 13.14). Jesus de Nazaré claramente dá endosso à legitimidade de Daniel como profeta e para a veracidade da sua mensagem.[4]

Diante desse importante testemunho interno da Bíblia, devemos concluir que Daniel foi uma pessoal real, e não uma figura ficcional criada pela tradição judaica posterior, com a suposta intenção de abrigar as profecias do livro aos fatos históricos ocorridos (*vaticinium ex eventu*), como sugerem teólogos liberais e críticos da Bíblia. Os detalhes geográficos e históricos, bem como o estilo linguístico evidenciam que o livro foi composto na época do exílio babilônico, no século VI a.C.

Stuart Olyott foi categórico ao declarar que

> o livro de Daniel é uma peça literária fantástica em que a História foi escrita antes de se realizar! Não pode haver outra explicação além desta: sua origem é sobrenatural.[5]

Qual seria a mensagem principal presente neste importante livro?

Sem dúvida, o tema teológico dominante em Daniel é a soberania de Deus:[6] "Deus, o Altíssimo, tem domínio sobre os reinos dos homens" (5.21). As revelações apocalípticas dadas a Daniel desvendam os mistérios divinos e os acontecimentos futuros e servem para mostrar que Jeová é o Senhor de todas as coisas e que a história do mundo está nas suas mãos. Enquanto os reinos humanos são passageiros, o governo divino é eterno.

Na medida em que lemos o livro, temos a nítida impressão de que o Senhor inspirou Daniel a registrar as suas experiências e a relatar as visões

proféticas recebidas para que o povo de Deus mantivesse a esperança viva, aguardando o cumprimento das promessas. Mesmo que os hebreus tivessem sido levados cativos e os governos do mundo tivessem recebido poder para tomar a Terra Prometida e dominá-la por algum tempo, o Deus Altíssimo conduz todas as coisas.

Dessa mensagem teológica central, irradia-se uma mensagem subjacente para a vida prática: a fidelidade dos servos de Deus. A dramática vida de Daniel na Babilônia tem como pano de fundo a soberania divina. Mas, enquanto os homens dominam essa terra, aquele que serve ao Senhor mantém a sua fidelidade e integridade. Mesmo exilados em terra estrangeira, passando provações e perseguições, podemos proteger nosso coração e manter o compromisso de fé incontaminável.

A mensagem prática que ressai do livro de Daniel é a busca por uma vida autêntica de excelência e bravura. Esse fragmento das Escrituras destaca a necessidade de o crente manter a fé inabalável em momentos de adversidades e recorda-nos que podemos ser íntegros em qualquer ambiente, lembrando que Deus é soberano e Senhor da história, pois o reino, o domínio e a majestade dos reinos pertencem a Ele (ver Dn 7.27).

Em essência, Daniel é o protagonista do seu livro, mas Deus é o protagonista de todas as coisas. Durante nossa jornada nesse mundo, buscamos a fidelidade inabalável até o fim.

Estrutura e peculiaridades

Por tratar-se de um documento histórico e profético ao mesmo tempo, é possível dividir o livro em duas seções que formam um todo perfeito.

Na primeira parte (capítulos 1 a 6), narram-se os fatos e as experiências importantes na vida de Daniel dentro da Babilônia. Na segunda (capítulos 7 a 12), estão as visões e as mensagens proféticas, que revelam acontecimentos dos séculos seguintes e até o tempo do fim.

Uma das peculiaridades do livro de Daniel é que, embora seja considerado um profeta, ele não profetizou diretamente ao povo, como outros profetas do Antigo Testamento. Em vez disso, ele serviu como um conselheiro e intérprete de sonhos e visões para reis e governantes da Babilônia. Na Bíblia Hebraica, Daniel não aparece, por isso, entre os Profetas (*Nebhiim*), mas entre os Escritos (*Kethubhiim*).

Daniel foi um estadista, um homem público levantado por Deus para servir nas cortes babilônicas. A sua função profética era diferente de outros profetas do Antigo Testamento. Embora não fosse um profeta itinerante, foi poderosamente usado por Deus para fazer saber o sentido de sonhos e visões que afetariam Israel e os reinos humanos. Isso mostra que a função profética também possui um caráter público.

Outra característica notável do livro é o uso de duas línguas diferentes. A maior parte, do capítulo 2 ao capítulo 7, está escrita em aramaico. Os capítulos 1 e 8 até o fim do livro são escritos em hebraico. Essa mudança de língua reflete a natureza do livro, que abrange eventos ocorridos na Babilônia e profecias relacionadas a Israel.

II. COMPREENDENDO O CONTEXTO

O contexto histórico

No pano de fundo histórico dos primeiros capítulos do livro de Daniel, há um cenário de agitação e instabilidade, decorrente da disputa pelo predomínio político na região. No século VII a.C., o Império Assírio estava no auge do seu poder. Liderados por reis como Assurbanípal e Assaradão, os assírios tinham conquistado vastas extensões de território, incluindo o Reino do Norte de Israel e muitas regiões do Oriente Médio.

Durante esse período, o Egito, liderado pelo faraó Neco II, buscava expandir a sua influência na região. Os seus esforços, no entanto, frequentemente colidiam com os interesses assírios. A Batalha de Megido em 609 a.C. é um exemplo notável, em que as forças egípcias tentaram intervir no conflito entre a Assíria e a Babilônia, mas foram derrotadas pelos assírios.

Enquanto isso, a Babilônia, liderada por Nabucodonosor II, emergia como uma potência em ascensão. Havia-se libertado do domínio assírio e começava a afirmar a sua autoridade na região. A Batalha de Carquemis, em 605 a.C., foi um momento crucial nessa disputa. Nabucodonosor II derrotou as forças egípcias de Neco II, consolidando ainda mais o domínio babilônio. Esse conflito é mencionado na Bíblia em Jeremias 46.2.

Liderada por Nabucodonosor, o exército babilônico invadiu e sitiou Jerusalém no terceiro ano do reinado de Jeoaquim (2 Rs 24.1-6; 2 Cr 36.5-7). Era o início das invasões babilônicas ao Reino de Judá e a sua capital. Posteriormente, em duas outras oportunidades a cidade voltou a ser invadida: em 597 a.C. (2 Rs 24.10-14), e a terceira, a maior de todas elas, em 586 a.C., ocasião em que a cidade foi arrasada, e o Templo, destruído.

Deus castiga o seu povo

Jeoaquim era filho de Josias e sucedeu o seu pai como rei de Judá aos 25 anos de idade (2 Rs 23.36). Foi um rei ímpio que não andou nos caminhos do Senhor.

O profeta Jeremias proclamou a mensagem de Deus, alertando Jeoaquim e o povo de Judá sobre a vinda do juízo divino devido à idolatria e injustiça. Ele exortou o rei e o povo a arrependerem-se e voltarem-se para o Senhor. Jeoaquim não apenas rejeitou as palavras do profeta, como também queimou o rolo em que a Palavra de Deus estava escrita (Jr 36.20-26). Infelizmente, muitas vezes aqueles que deveriam zelar pela Palavra de Deus acabam menosprezando-a.

Jeoaquim era um oportunista político. Depois de ser tributário da Babilônia por três anos, levantou-se contra o seu suserano numa tentativa de rebelião, embora Jeremias houvesse profetizado sobre os resultados dessa política (Jr 22.18). Em consequência, Nabucodonosor invade Jerusalém em 597 a.C. Jeoaquim morre naquele ano.[7]

No início do livro, Daniel é enfático ao escrever:

> E o Senhor entregou nas suas mãos a Jeoaquim, rei de Judá, e uma parte dos utensílios da Casa de Deus, e ele os levou para a terra de Sinar, para a casa do seu deus, e pôs os utensílios na casa do tesouro do seu deus. (Dn 1.2)

Não foi Nabucodonosor que a conquistou, mas o Senhor que a entregou.

Israel virara as costas para Deus. Os profetas advertiram repetidamente o povo de Israel sobre as consequências da sua infidelidade a Deus. A desobediência persistente, a idolatria e a injustiça social foram citadas como razões para o juízo divino.

Em vez de arrependimento, os líderes e a nação endureceram o coração para não seguirem os seus estatutos. As Escrituras registram que:

> [...] todos os chefes dos sacerdotes e o povo aumentavam de mais em mais as transgressões, segundo todas as abominações dos gentios; e contaminaram a Casa do SENHOR, que ele tinha santificado em Jerusalém. (2 Cr 36.14)

Por essa razão, o Senhor estava disciplinando o povo da promessa quando permitiu o seu cativeiro e a destruição da cidade. A Bíblia diz que o Senhor corrige a quem ama (Hb 12.6).

É preciso concordar com David Helm quando afirma que essa expressão "E o Senhor entregou [...]" — em algumas traduções: "E o Senhor deu [...]" — é para que saibamos que quem estava fazendo a roda da história girar era Deus, para realizar os seus propósitos eternos.[8]

Essa afirmação evoca um sentimento de conforto para dar ânimo aos leitores que estão esperando pela chegada das promessas de Deus; um bálsamo em meio às circunstâncias preocupantes. Segundo o autor, "quando tudo parecia perdido, e quando parecia que a vida não valia a pena, Deus ainda assim estava realizando seus propósitos".[9]

III. A RELEVÂNCIA DO LIVRO DE DANIEL PARA OS NOSSOS DIAS

Um livro para todas as épocas

O livro de Daniel é para todas as épocas. Retirado à força da sua casa, quando tinha entre 14 e 18 anos, Daniel é conduzido até uma terra estrangeira. Dentro de uma cultura hostil, cercado por inimigos, enfrentou diversos ataques e desafios ao longo da vida; esteve exilado mais de 70 anos até o fim da vida; enfrentou conspirações, mudanças culturais e políticas; foi pressionado de diversas formas, mas não negou a sua fé.

Segundo Stuart Olyott, Daniel mostra-nos como viver para Deus quando tudo está contra nós. Das suas páginas, aprendemos como entoar o hino do Senhor numa terra estranha. Ele sempre esteve rodeado do mal e dos ataques tanto na juventude, quanto na maturidade e até mesmo na velhice.[10] Em tempo algum, esteve livre da tentação e das seduções, mas permaneceu firme e fiel em tudo. Não se portou como vítima ou como murmurador. Antes de ser cativo do imperador, a sua consciência era cativa à Palavra de Deus.

Embora se tenham passado centenas de anos desde a sua época, a sua trajetória é um exemplo inspirador para os dias em que estamos vivendo. O livro de Daniel, por ser a Palavra de Deus, continua atual, e a sua mensagem urge para esse tempo. "Daniel tem uma mensagem ética clara para o nosso tempo. Revela-nos como podemos ser íntegros na adversidade ou na prosperidade."[11]

O período em que o profeta viveu foi um dos mais turbulentos em termos de mudanças geopolíticas na região do Oriente Médio e no mundo antigo. Ele conviveu com um mundo cujas características assemelham-se àquelas que nos deparamos hoje.

Em primeiro lugar, Daniel viveu num *mundo frágil e cheio de incertezas*. A Babilônia era palco das transformações e agitações globais da sua época. Daniel viu impérios desmoronarem e reis caírem, enquanto as pessoas sobreviviam de expectativas aterrorizantes, onde imperava a incerteza.

De igual forma, estudiosos têm denominado o período recente, principalmente pós-pandemia, como Mundo BANI, referindo-se aos desafios enfrentados no século presente. A palavra BANI é um acróstico formado pelas iniciais das palavras: Brittle, Anxious, Non-linear e Incomprehensible; em português, respectivamente, significa Frágil, Ansioso, Não linear e Incompreensível (FANI). A trajetória de Daniel certamente nos ensinará a encontrar resistência e coragem em dias ruins e esperança numa época de desespero.

Em segundo lugar, o profeta presenciou um *mundo com constante transição de poder*. Daniel serviu nos Impérios Babilônico e Medo-persa com a mesma fé e fidelidade. Nenhum soberano fez com que ele mudasse as suas convicções, tampouco que fosse seduzido pelo poder. Com o seu exemplo, somos lembrados de que os reis, presidentes e governantes desta terra passam, mas o Senhor permanece para sempre. Não importa quem esteja no poder político, o cristão mantém a sua esperança sempre em Deus.

Em terceiro lugar, Daniel viveu numa *época cheia de conflitos e violência*. Ele viu de perto os horrores da destruição provocada pelas guerras entre nações e sentiu na pele o sofrimento decorrente do exílio.

Semelhantemente, o mundo contemporâneo continua a ser palco de conflitos internos e internacionais, ações terroristas e violências de todas as formas, que provocam dor e migração forçada. Isso nos faz recordar das

pessoas que se encontram nessas situações, a fim de orar, buscar soluções e apoiar.

Em quarto lugar, o mundo de Daniel era *hostil aos valores judaicos*. Com isso, podemos traçar um paralelo da época de Daniel com o panorama da cultura contemporânea, essencialmente virulento à visão de mundo judaico-cristã, em nome do relativismo e do secularismo.

Da mesma forma que aquele jovem hebreu foi pressionado a abandonar a sua crença em razão das pressões culturais e religiosas dentro da Babilônia, os cristãos de hoje estão enfrentando ataques severos da cultura anticristã, a exemplo do relativismo e do secularismo, dentre outras correntes filosóficas. O livro de Daniel ensina-nos a ter sabedoria e inteligência espiritual para combater as estratégias do Inimigo no tempo presente.

A mensagem de Daniel, portanto, transcende à época em que foi escrito. A sua narrativa rica e exemplar, a partir da jornada dos jovens hebreus, oferece-nos hoje um manual singular sobre diversos assuntos da vida cristã em sociedade, tratando temas relevantes como juventude corajosa, vida acadêmica, política externa, acordos internacionais, batalha espiritual e profecia.[12] Também engloba vida de oração, santidade, estudo das Escrituras, relacionamentos e humildade.

Devoção e testemunho público

A inspiração do livro de Daniel vai além da devoção pessoal. O seu testemunho mostra-nos que a sua convicção não estava confinada ao ambiente privado, preferindo enfrentar os leões a renunciar uma confissão pública da fé. Ele é um grande exemplo bíblico de como podemos usar a sabedoria e o conhecimento de Deus para testificar em diversos lugares da sociedade.

Nas palavras de John Lennox:

> O que torna notável a história de fé desses jovens é que eles não só continuaram a devoção particular prestada a Deus que desenvolveram na terra natal, mas também mantiveram um notório testemunho público em uma sociedade pluralista que se tornava cada vez mais antagônica à fé deles. É por isso que sua história tem uma mensagem tão poderosa para nós hoje. As fortes correntezas do pluralismo e do secularismo na sociedade ocidental contemporânea, reforçadas pela correção

> politicamente paralisante, jogam cada vez mais para escanteio a expressão da fé em Deus, confinando-a, se possível, à esfera particular.[13]

O livro de Daniel, portanto, possui uma mensagem singular para a Igreja na atualidade. A sua vida na Babilônia é um exemplo de coragem, fé e integridade diante de circunstâncias adversas. Ele também nos ensina a confiar em Deus em todas as situações e a buscar a sua vontade em nossa vida.

---

1 LENNOX, John. **Contra a Correnteza**: A inspiração de Daniel para uma época de relativismo. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 15.
2 SWIN, Roy E. **Comentário Bíblico Beacon**. Vol. 4. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 497.
3 BALDWIN, Joyce G. **Daniel – Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 42.
4 SWIN, 2016, p. 499.
5 OLYOTT, Stuart. **Ouse Ser Firme**: o livro de Daniel. São José dos Campos: Editora Fiel, 1996, p. 178.
6 BARKER, Kenneth (Org.). **Bíblia de Estudo NVI**. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 1453.
7 HARRISON, R. K. **Tempos do Antigo Testamento**: um contexto social, político e cultural. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 257.
8 HELM, David. **Daniel para Você**. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 23.
9 Idem.
10 OLYOTT, 1996, p.10.
11 LOPES, Hernandes. **Daniel – o Homem Amado no Céu**. São Paulo: Hagnos, 2005, p. 15.
12 LOPES, 2005, p. 17.
13 LENNOX, 2017, p. 15, 16.

Capítulo 2

COMO VIVEREMOS NA BABILÔNIA

Você já esteve em algum lugar e teve a sensação de não pertencer àquele ambiente?

Certamente foi esse mesmo sentimento que Daniel e os seus companheiros tiveram ao chegar à Babilônia. Os jovens hebreus certamente tiveram um choque cultural, pois se depararam com um mundo novo e uma cultura completamente distinta da sua terra natal.

A civilização babilônica, desenvolvida na região da Mesopotâmia, destacava-se em diversas áreas, ficando famosa por ter estabelecido a primeira legislação escrita, conhecida como "Código de Hamurabi". Era, no entanto, dominada pelo paganismo e pela imoralidade, sendo, por isso, um símbolo bíblico de um sistema reprovável diante de Deus.

Dentro desse ambiente, repleto de desafios culturais e morais, como Daniel e os seus amigos deveriam viver? Este capítulo permitirá que compreendamos a maneira como eles encaravam a cidade, mantendo-se fiéis aos princípios que aprenderam em Judá, desempenhando, assim, um papel fundamental na construção de um testemunho sólido ao longo da sua jornada no exílio.

I. A CHEGADA DE DANIEL E OS SEUS AMIGOS NA BABILÔNIA

Os judeus foram deportados para o exílio babilônio em três levas (605, 597 e 586 a.C). No primeiro grupo, estavam alguns israelitas de origem nobre. O registro em 2 Reis 24.14 estima em 10 mil pessoas, entre nobres, artífices e ferreiros, transportados de Jerusalém.

Usando uma estratégia comum na Antiguidade, o objetivo de Nabucodonosor era treiná-los para ocuparem posições importantes e servirem ao reino dos conquistadores. Longe de ser uma generosidade, esse método sagaz tinha o propósito de incorporar os nobres hebreus cativos na sua corte. A ocupação de posições-chave era uma maneira de evitar rebeliões do povo exilado contra os seus próprios irmãos.

> E disse o rei a Aspenaz, chefe dos seus eunucos, que trouxesse alguns dos filhos de Israel, e da linhagem real e dos nobres, jovens em quem não houvesse defeito algum, formosos de aparência, e instruídos em toda a sabedoria, e sábios em ciência, e entendidos no conhecimento, e que tivessem habilidade para viver no palácio do rei, a fim de que fossem ensinados nas letras e a língua dos caldeus. (Dn 1.3,4)

Como se percebe, dentre os requisitos, esses rapazes deveriam ser

> jovens em quem não houvesse defeito algum, formosos de aparência, e instruídos em toda a sabedoria, e sábios em ciência, e entendidos no conhecimento, e que tivessem habilidade para viver no palácio do rei. (Dn 1.4)

Em outras palavras, eles deveriam ser fisicamente saudáveis, esteticamente bonitos e intelectualmente inteligentes, bem como dotados de cultura geral e de sabedoria prática para a vida no palácio.

O jovem Daniel e os seus companheiros

Daniel fazia parte desse grupo juntamente com Hananias, Misael e Azarias. Daniel descendia de uma família da aristocracia, talvez até mesmo pertencesse à linhagem real de Judá. Nessa época, tinha provavelmente entre 14 e 18 anos de idade.

A Bíblia não fornece detalhes sobre a sua família ou juventude, exceto que ele era descendente da nobreza. Ele nasceu provavelmente em Jerusalém antes de a cidade ser conquistada pela Babilônia. O seu nome hebraico, דָּנִיֵּאל (*Dāniyyē'l*), significa "Deus é meu juiz".

Você pode imaginar o que se passava na cabeça desses jovens? Eram rapazes cheios de virtudes e sonhos, com grandes expectativas sobre o futuro em Jerusalém, que agora foram arrancados abruptamente da comodidade do lar. Eles perderam a família, a casa e os demais amigos. Enquanto hoje muitos parecem perder a vida quando perdem um celular, aqueles jovens perderam quase tudo, menos a fé.

Além da vergonha de viverem sob o jugo de outro povo, os hebreus tiveram de lidar com os efeitos psicológicos de uma mudança abrupta para uma terra com características culturais e geográficas completamente distintas. Eles deixaram as montanhas de Judá para viverem na planície da Babilônia.

> Quando tais pessoas são conduzidas para um exílio vergonhoso sob a impressão de terem sido traídas por seus governantes e abandonadas por seu Deus, a crise emocional e espiritual que por essa razão de precipita, é incomensuravelmente mais aguda.[1]

De uma hora para outra, a vida deles mudou de percurso. Ainda que fossem piedosos e tementes a Deus, tiveram de enfrentar o sofrimento e a vergonha de serem levados como escravos de um rei ambicioso e cruel. A terra natal havia sido devastada; os muros, derrubados; o Templo, destruído, e amigos e familiares foram assassinados por ocasião da invasão (2 Cr 36.6-20; Lm 5); contudo, não deixaram abater-se pelas circunstâncias da sua vida, pois sabiam que tudo decorria da benevolência de Deus.

O sofrimento do justo

Apesar de fazerem parte do povo escolhido, os hebreus estão passando por sofrimento. Isso não tinha a ver com algo que tenham feito em particular, mas como decorrência da disciplina de Deus sobre a nação israelita. A história de Daniel e os seus amigos faz-nos recordar que os justos podem passar por provações. O sofrimento é uma parte comum da experiência humana e não poupa aqueles que temem ao Senhor (ver Ec 9.2).

Para os críticos do cristianismo, o sofrimento é um argumento da inexistência de Deus. Os ateus e agnósticos que não conseguem entender a questão do sofrimento — mas também não oferecem qualquer resposta satisfatória — indagam: se Deus é onipotente, por que permite que pessoas inocentes sofram? Se Ele é onisciente, por que não intervém?

Em primeiro lugar, é preciso considerar que o simples fato de o ser humano inquirir acerca do sofrimento, da maldade e das injustiças do mundo indica a natural percepção de que algo se encontra com defeito, fora do propósito para o qual fora planejado. Ficamos perplexos com o sofrimento porque, originariamente, a raça humana não foi criada para sofrer. Não fomos feitos para morrer, mas para a vida eterna!

Vemos a morte como algo estranho, que ameaça tirar-nos do mundo para o qual fomos planejados. O questionamento da existência de Deus a partir do problema do sofrimento traz subjacente outro sentimento que aponta para a existência de um Legislador Moral: o senso de justiça presente no homem. Esse foi um dos aspectos que levou o escritor C. S. Lewis a abandonar o seu ateísmo. No seu livro *Cristianismo Puro e Simples*, ele diz que questionava a existência de Deus com o argumento de que o Universo parecia injusto e cruel. Num passo seguinte, no entanto, ele questionou a si mesmo: "De onde eu tirara a ideia de justo e injusto?". Lewis percebeu que o seu ato de tentar provar que Deus não existe, ou que a realidade não tem sentido, forçou-o a admitir que uma parte da realidade — a sua ideia de justiça — tinha sentido.

Noutras palavras, o simples fato de duvidar da existência de Deus, colocando em questão a sua bondade e onisciência, conduz o homem a interrogar a origem da bondade. De onde a tiramos? Se sabemos que algo é bom e que outro é mal, qual o referencial que distingue uma coisa da outra? Somente a partir do reconhecimento da existência de um ser de grandeza e bondade máxima é que podemos fazer tal distinção, o que nos leva diretamente a Deus.

Antes de uma resposta intelectual ao problema do sofrimento, o servo de Deus encara-o a partir da sua própria experiência de fé. A passagem do crente pelo fogo do sofrimento pode ser comparada ao trabalho com uma forja quente, em que o metal é moldado, refinado e purificado. Se a dor que sentimos não é decorrente de nossos erros, mas do resultado inescapável da vida em Deus, então ela pode servir para moldar nosso caráter e refinar-nos como pessoas.

Foi com fundamento nesse tipo de entendimento que Daniel e os seus amigos não ousaram reclamar de Deus e nem buscaram vingança ou retaliação, mas procuraram ser canal de benção onde se encontravam. Embora novos, tinham a mente madura o suficiente para não adotarem uma postura de amargura e vitimismo.

II. A IMPONENTE BABILÔNIA

Babilônia estava localizada às margens do rio Eufrates e era uma cidade-estado rica que servia como um importante centro comercial entre o Oriente e o Ocidente. Os jovens possivelmente ficaram admirados com a sua grandiosidade, que era a maior da época, distante cerca de 1.500 quilômetros de Jerusalém.

Tratava-se de uma metrópole impressionante, conhecida pela sua suntuosa arquitetura. Segundo John Lennox:

> Nabucodonosor tornou a Babilônia uma cidade única. Quando o historiador grego Heródoto a viu muito mais tarde, em 450 a.C., disse que superava em esplendor qualquer cidade do mundo conhecido.
>
> A cidade era, em linhas gerais, aproximadamente retangular com o rio Eufrates cortando a cidade no meio de norte a sul. Vindo do norte com o Eufrate à direita, entrava-se na cidade pela porta espetacularmente bonita chamada pelo nome de um ou outro dos deuses. Essa era a porta de Ishtar. Ishtar (Portadora de Luz) era a deusa da fertilidade, do amor e da guerra, e era a deusa-mãe do céu do panteão babilônico. Havia na cidade um magnífico templo dedicado a seu culto, não muito longe da porta.[2]

Para os padrões da atualidade, Babilônia era uma metrópole que se destacava pelo padrão estético, orientado a imagens e beleza,[3] comparável a metrópoles modernas como Nova Iorque, Tóquio e Dubai, com os seus arranha-céus majestosos, pontes icônicas e *designs* arquitetônicos arrojados.

A cidade era cercada por uma forte e extensa muralha com milhares de torres. A cidade fazia-se conhecer por conta dos seus luxuosos palácios reais e obras de arte, pátios e jardins, dentre os quais os jardins suspensos, assim reconhecidos como uma das sete maravilhas do mundo antigo. Era fácil alguém ser seduzido pela sua luxúria e opulência, como ocorre com a mídia hodierna.

Olhando para os edifícios magnificentes da cidade, para efeitos de comparação, o Templo e as construções de Jerusalém pareciam esteticamente desprezíveis e insignificantes diante da pomposidade babilônica.

A ostentação da cidade e a sua cultura pagã

Toda a exuberância das obras arquitetônicas era uma forma de representar o poder do Império. Nabucodonosor queria ostentar a sua força e riqueza

por meio de coisas materiais e das suas realizações, relembrando a fundação original da cidade (Gn 11.1-9).

Os descendentes de Noé pretendiam construir uma cidade com uma torre tão alta que alcançaria o Céu, usando tijolos e betume, uma espécie de piche. Além de não terem consultado o Senhor, o propósito era a fama e a falsa sensação de segurança sem Deus.

Os homens usaram toda a inteligência que possuíam e a engenharia da época para construírem um edifício simplesmente para a sua própria glória. Deus, porém, não se agradou do empreendimento e, por isso, confundiu as línguas e espalhou-os pela terra, dando à cidade o nome de Babel.

Os babilônios atribuíam grande importância à sua religião. Eles acreditavam que os deuses governavam todos os aspectos da vida, desde os assuntos cotidianos até os eventos cósmicos. Marduque, o seu principal deus, era considerado o patrono da Babilônia. Uma das principais portas da cidade era dedicada a Ishtar, a deusa da fertilidade, do amor e da guerra. Havia um templo dedicado ao seu culto.

A Bíblia apresenta a Babilônia pelas suas características de idolatria e prostituição espiritual (Na 3.4; Is 23.15; Jr 2.20); por isso, a atmosfera da cidade estava impregnada pelo paganismo e politeísmo.

III. A CULTURA E O ESPÍRITO DA BABILÔNIA

De acordo com a Palavra de Deus, Babilônia é tanto um lugar geográfico quanto a representação de um sistema reprovável diante de Deus e os seus valores espirituais e morais (Ap 14.8; 17.1,2; 18.2,3).

Nesse segundo aspecto, ainda hoje o espírito e a cultura da Babilônia permeiam a sociedade, simbolizando rebelião e ideologias mundanas que confrontam a verdade divina. Ela é uma metáfora para a idolatria, paganismo e toda falsidade religiosa, bem como símbolo da degeneração moral, inversão de valores, depravação e materialismo presentes nos sistemas político, cultural, midiático e econômico.

Douglas Baptista observou que a Babilônia sinaliza o espírito de perseguição e de desconstrução da fé bíblica. O seu simbolismo não significa apenas uma cultura sem Deus, mas, sobretudo, de uma cultura contra Deus, isto é, uma cultura anticristã.[4]

A relativização da verdade

A principal característica da cultura da Babilônia, com todos os seus reflexos, é a destruição da noção de uma verdade absoluta. Essa foi uma das táticas de Nabucodonosor, conforme a sua religiosidade e visão de mundo.

John Lennox[5] cita o fato de o monarca ter levado os utensílios do Templo em Jerusalém para a casa do tesouro das suas divindades na Babilônia (Dn 1.2). Para os hebreus, os objetos de ouro possuíam enorme valor espiritual. Feitos por artesãos que amavam a Deus, representavam uma relação do povo com o Senhor e apontavam para a sua santidade e glória.

Contudo, o autor prossegue dizendo que, ao serem transportados para a Babilônia, tais utensílios, postos ao lado de outros tantos objetos, passaram a representar somente uma conquista de guerra, da mesma forma como qualquer outro artefato. Os símbolos projetados para indicar o único e verdadeiro Deus, o Criador do céu e da terra, foram colocados no mesmo nível de símbolos de culto de outros deuses.

Assim como Nabucodonosor estava rebaixando os valores e referenciais divinos absolutos, a sociedade pós-moderna tem transformado os tesouros espirituais em coisas sem valor transcendente dentro do mercado religioso. Lennox declara:

> Essa relativização do absoluto é endêmica na sociedade pós-moderna "polimorfa" de nosso século, sobretudo no Ocidente. Quer você acredite em Jesus, Buda, os Beatles, cristais, mãe terra ou qualquer outra coisa que seja do seu interesse, tudo é considerado em pé de igualdade, pois tudo tem a mesma validade para os relativistas. Muitas pessoas estão convencidas de que essa é de longe a posição mais segura a adotar.[6]

Para os relativistas, não existe uma verdade absoluta capaz de estabelecer regras universais para todos os homens. Para eles, a sua verdade é a sua verdade, e a minha verdade é a minha verdade; e as crenças são, em última análise, uma questão de contexto social, resultando daí a inescapável conclusão: "O que é certo para nós talvez não o seja para você" e "O que está errado em nosso contexto talvez seja aceitável ou até mesmo preferível no seu".

Em nossa época, caracterizada pela projeção do espírito relativista da Babilônia, não há hoje nenhum conhecimento moral reconhecido como base sobre o qual se possa elaborar projetos de incentivo do desenvolvimento moral. Há somente perspectivas, ou seja, pontos de vista

distintos sobre o mundo, e nenhum deles pode alegar a sua própria superioridade em relação ao outro. Com isso, essa forma de pensamento advoga a morte da verdade e da própria moralidade.

A religião que conduz à imoralidade

Outro desafio enfrentado pelos jovens na Babilônia era o paganismo que permeava toda a cidade.

A religião babilônica envolvia uma ampla gama de deuses, rituais e práticas, muitas vezes associadas à natureza e ao cosmos. À medida que o império conquistava diferentes regiões e povos, ocorria um sincretismo religioso, ou seja, a fusão de crenças e práticas de diferentes culturas. Isso resultava numa diversidade de divindades e rituais na Babilônia.

Dentre as práticas do paganismo babilônico, estava a prostituição sagrada, pela qual mulheres serviam como sacerdotisas nos templos e envolviam-se em relações sexuais como parte de rituais religiosos. Isso estava ligado à fertilidade e à crença de que tal prática garantiria a benevolência dos deuses para garantir colheitas abundantes.

As falsas religiões, ao perverterem a verdade, são capazes de destruir valores, conduzindo a um estilo de vida depravado. Essa verdade levou o apóstolo Pedro a advertir sobre os perigos dos falsos ensinamentos, baseados em heresias de perdição, pois levam à imoralidade e a outros desvios de conduta (2 Pe 2.13,14).

Atualmente, é possível perceber a volta do paganismo em novas roupagens, mais modernas e "descoladas", ganhando espaço em filmes, séries, desenhos e jogos. O neopaganismo engloba uma variedade de movimentos religiosos contemporâneos que buscam reviver, recriar ou reinterpretar tradições religiosas pré-cristãs, muitas vezes associadas a culturas antigas.

O neopaganismo frequentemente abraça o politeísmo, reconhecendo e adorando uma variedade de deidades, conduzindo ao sincretismo. Também aceita uma ampla gama de identidades e orientações sexuais, com um forte apelo à diversidade.

É preciso cuidado com o conteúdo que você consome, pois as nuances desses falsos deuses antigos continuam presentes no mundo de hoje!

IV. VIVENDO E TESTEMUNHANDO NA BABILÔNIA

Na nova cidade carregada de uma cultura diferente e opressora, era esperado que Daniel e os seus amigos tivessem uma postura de reclusão e até mesmo rebelião em face de Nabucodonosor e o seu reino. Contudo, como veremos, não foi esse o caminho trilhado pelos jovens hebreus. Em vez disso, adotaram uma postura de serviço, participação e responsabilidade dentro da cidade estrangeira. Eles viveriam dentro da Babilônia, mas não deixariam a Babilônia viver dentro deles!

Qual razão para adotarem essa postura? Isso era somente uma tática de sobrevivência e de conveniência social para protegerem a vida, ou havia algo mais significativo que os movia a terem um engajamento prudente na Babilônia?

Certamente, a resposta é a segunda opção. Aqueles moços conheciam as admoestações do Senhor por meio de Jeremias, sobre como os judeus deveriam viver na terra para onde seriam transportados (Jr 29.5-7). Eles deveriam constituir família, multiplicarem-se e buscar a paz e a prosperidade da cidade. O Senhor estava dizendo que, enquanto estivessem exilados, teriam uma vida normal e produtiva. Não era uma sugestão, mas uma ordem divina. Deveriam dar bom testemunho e contribuir para o bem de toda a sociedade, não somente do seu próprio povo.

O mandato cultural e social dado por Deus subverte a lógica humana; afinal de contas, eles estariam vivendo sob o jugo dos dominadores e, mesmo assim, deveriam envolver-se com a cidade e buscar a sua paz e prosperidade. Acontece que o Senhor estava dando uma lição ao seu povo. Se não foram fiéis em tempos de bonança e liberdade, deveriam fazer brotar a fidelidade durante o cativeiro. O Senhor sabe que a provação é a melhor escola para refinar o coração e moldar o caráter do homem.

Tanto é assim que, durante o período do cativeiro, ao perceberem as consequências dos seus pecados, o povo de Israel voltou-se para Deus, indagando sobre a melhor maneira de viver. Por meio do profeta Ezequiel, Deus disse:

> Tu, pois, filho do homem, dize à casa de Israel: Assim falais vós, dizendo: Visto que as nossas prevaricações e os nossos pecados estão sobre nós, e nós desfalecemos neles, como viveremos então? (Ez 33.10)

O povo de Israel expressa um sentimento de desespero e pesar por causa das suas transgressões e pecados. Eles reconhecem o fardo das suas ações e acreditam que não há esperança para eles. Esse versículo destaca a consciência do povo de Israel sobre a sua situação espiritual e moral e reconhece que as suas ações têm consequências. Esse reconhecimento é o passo mais importante em direção ao arrependimento e à busca de reconciliação com Deus.

Ao tomarmos consciência de nossa responsabilidade no mundo, recordamos da pergunta que o povo israelita fez diante do exílio: Como, então, viveremos? A resposta está em voltar-se para Deus e buscar uma relação mais profunda com Ele. Essa atitude impactará a vida como um todo.

Testemunhando no mundo e presença fiel

Enquanto lugar geográfico, a Babilônia é uma cidade que representa a vida do cristão na sociedade. Assim como Daniel viveu na Babilônia sem ser da Babilônia, os cristãos vivem no mundo sem serem do mundo. Da mesma forma como os jovens hebreus viveram dentro da imponente cidade babilônica sem deixarem-se levar pelo seu espírito sedutor e relativista, os cristãos devem viver num mundo secular repleto de atrações sem confirmarem-se aos seus padrões (Rm 12.2).

Vivemos num mundo caído, dominado pelo pecado. Ainda assim, somos chamados a termos uma presença santa, fiel e abençoadora. A igreja eleita do Senhor também está na Babilônia (1 Pe 5.13), sem deixar-se ser dominado por ela; afinal de contas, embora o discípulo de Cristo tenha a cidadania celestial (Fp 3.2), vivemos como forasteiros nesta terra (1 Pe 2.11).

É responsabilidade do cristão zelar pelo desenvolvimento social como sal da terra e luz da terra (Mt 5.13) e mordomos de Deus (Gn 1.26), pois Cristo é soberano sobre toda a criação (Cl 1.15-19). Ao interceder pelos seus discípulos, Jesus pediu ao Pai: "Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal" (Jo 17.15). Isso significa que, assim como Daniel e os seus amigos, os cristãos não estão alienados da sociedade.

"Presença fiel" é o termo que melhor representa a postura dos jovens dentro da Babilônia. Eles não procuraram dominar a política e a cultura da cidade, mas também não se curvaram a ela. Eles estavam presentes na

Babilônia, mas mantinham-se fiéis ao Senhor. Eles não empreenderam uma fuga da realidade, evitando a vida social, mas também não fizeram o paraíso na terra, esquecendo-se do Reino celestial.

Esse é um importante exemplo para a igreja cristã na atualidade, especialmente porque foi esse o modelo adotado pelos cristãos primitivos de Atos dos Apóstolos. Ao adotar a perspectiva da presença fiel, o testemunho público da igreja não se regerá por intenções de predomínio ou pela busca de maioria dentro da sociedade. Somos chamados a viver neste mundo por meio de uma presença em fidelidade ao Senhor, isto é, a sermos fiéis e leais em todos os lugares e em tudo o que fazemos, porém sem depositar esperanças soteriológicas para a salvação — política, econômica ou cultural — do mundo.

A presença fiel não significa uma atitude de omissão e passividade, isto é, deixar como está. Absolutamente não! A presença fiel é profética, ativa, engajada e responsável, sem ser coercitiva, dominadora e pretensamente heroica. Ela é carismática, pois o Espírito capacita o seu povo por meio de dons para a vida em comunidade e fornece uma postura que percebe o mundo em sociedade regido por certos valores estruturais necessários para a boa vida. Como tal, ao participar da vida pública, o cristão irá fazê-lo sob o entendimento de que tal participação decorre da graciosidade divina, e todos os seus talentos, dons espirituais e habilidades profissionais devem servir ao bem comum, dentro de uma concepção de unidade e diversidade.

Os jovens hebreus tinham conhecimento da maneira como deveriam portar-se no exílio. Em vez de buscarem rebelião e vingança contra os captores, eles deveriam viver normalmente na cidade, buscando a sua paz e prosperidade. Como aqueles jovens, vivemos exilados num mundo que, embora criado por Deus, está sujeito aos efeitos do pecado. Assim como Daniel e os seus amigos, somos chamados a viver neste mundo, dando testemunho de nosso compromisso com princípios sólidos, mesmo quando confrontados com dilemas morais e pressões externas.

---

1 HARRISON, R. K. **Tempos do Antigo Testamento**: um contexto social, político e cultural. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 265, 266.
2 LENNOX, 2017, p. 42.

3 PALMER, Michael (ed.). **Panorama do Pensamento Cristão**. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, p. 404.
4 BAPTISTA, Douglas. **A Igreja de Cristo e o Império do Mal**: como viver neste mundo dominado pelo Espírito da Babilônia. Rio de Janeiro: CPAD, 2023, p. 13.
5 LENNOX, 2017, p. 49-52.
6 LENNOX, 2017, p. 52.

Capítulo 3

CONSERVANDO OS VALORES E GUARDANDO A IDENTIDADE

Desde o início do exílio na Babilônia, os jovens hebreus depararam-se com a ameaça de perder as suas identidades à medida que poderiam gradualmente assimilar os valores da nova terra.

No início do livro, podemos perceber duas estratégias empregadas pelos babilônios para minar a identidade piedosa dos jovens hebreus: a imersão na cultura e língua caldeia, bem como a mudança dos seus nomes.

Seguindo a narrativa bíblica e a conduta de Daniel e os seus amigos, extraímos valiosas lições sobre conservar nossa identidade espiritual e nossos princípios, especialmente diante da doutrinação ideológica presente atualmente na educação secular.

I. HEBREUS NA "UNIVERSIDADE" DA BABILÔNIA

O rei ordenou a Aspenaz, oficial da corte, que os jovens recém-chegados fossem instruídos sobre a cultura e a língua dos caldeus ao longo de três anos (Dn 1.4,5). Esse método fazia parte da estratégia de Nabucodonosor de incorporar os povos conquistados ao seu serviço real.

Concluído o "curso de imersão", eles também teriam emprego garantido se aprovados no teste final. Isso parecia uma grande oportunidade para Daniel e os seus amigos crescerem acadêmica e profissionalmente no novo mundo. Após terem sido selecionados pelo "vestibular" babilônico, demonstrando conhecimento suficiente, os quatro jovens estavam sendo

matriculados na "Universidade da Babilônia", onde seriam treinados na nova cultura e nos seus costumes.

Segundo os padrões da época, o programa de estudos era abrangente, envolvendo todas as letras e sabedoria (v. 17). Eles teriam aulas de matemática, ciência, astronomia, navegação, política, história, geografia e, claro, religião.

Os caldeus possuíam um padrão de ensino desenvolvido. Foram pioneiros nos estudos da astronomia e responsáveis pelo avanço da matemática. Eles também dominavam a escrita cuneiforme, usada para registrar leis, negócios e eventos históricos. Por outro lado, o ensino caldeu era impregnado de astrologia e misticismo, formando os seus magos, encantadores e feiticeiros (Dn 2.2). Conforme a comentarista bíblica Joyce G. Baldwin (1921–1995), o estudo da literatura caldeia também constituía em agouros, encantamentos mágicos, orações e hinos, mitos e lendas, fórmulas científicas de práticas, tais como fabricação de vidro, matemática e astrologia.[1]

> Começar a estudar literatura babilônica era entrar num mundo de pensamento totalmente estranho. Segundo os sumérios e os babilônios, duas classes de pessoas habitavam o universo: a raça humana e os deuses. Preeminência era dada aos deuses, embora não fossem todos iguais. No grau mais baixo da escala divina se encontrava um sem-número de deidades menores e demônios, enquanto uma trindade de grandes deuses, Anu, Enlil e Ea, se situavam no topo. Um estudioso moderno observará que muitos desses deuses são personificações de partes ou aspectos da natureza.
> [...]
> Estes jovens vindos da corte de Jerusalém tinham de estar seguros em seu conhecimento de Javé para poderem estudar essa literatura objetivamente, sem permitir que ela minasse a sua fé. Evidentemente, a obra de Jeremias, Sofonias e Habacuque não havia sido em vão. Para poderem dar testemunho de Deus em meio à corte babilônica eles tinham que compreender os pressupostos culturais daqueles que os cercavam, tal como o cristão hoje deve se esforçar para compreender o contexto religioso e cultural em meio ao qual vive, se diferentes mundos de pensamentos têm de ser alcançados pela mensagem cristã.[2]

Isso mostra que, ao serem introduzidos na educação daquele povo, os jovens hebreus estavam adentrando num mundo totalmente diferente. Eles corriam o risco de aculturação, isto é, a perda da cultura e das crenças hebraicas, por meio da assimilação e acomodação à cultura dos caldeus. Isso fazia parte do plano de Nabucodonosor.

Os jovens, porém, traziam na mente e no coração os ensinamentos que receberam em Jerusalém. Eles não recusaram o plano de estudos, pois estavam preparados em termos espirituais, morais e no conhecimento das Escrituras para rejeitarem a doutrinação babilônica. O estudo secular em qualquer nível não é algo que seja temido para quem serve ao Senhor e conhece a sua Palavra!

Conhecer a cultura secular é diferente de aceitá-la; aliás, para podermos refutar os seus fundamentos, é preciso compreender os seus pressupostos. Em nossos dias, saber articular o evangelho de forma inteligente, coerente e relevante no mercado das ideias, mantendo-se ao mesmo tempo fiel às Escrituras, é uma questão crucial aos cristãos, especialmente em nosso contexto cultural, que oferece um cardápio bastante variado de experiências religiosas.

A pluralidade de cosmovisões resultantes do sincretismo nas esferas religiosa e ideológica exige uma mente cristã fundamentada em uma visão cristã do universo, da cultura, do sistema sociopolítico e religioso em que vivemos. É isso o que Nancy Pearcey[3] quer dizer quando afirma que os cristãos têm de ser bilíngues para traduzir o evangelho numa língua que nossa cultura entenda. Como imigrantes, precisamos falar na linguagem da fé e do que professamos. Como missionários, porém, devemos traduzir essa língua para a língua da cultura em que vivemos.

Discernimento diante da estratégia inimiga

Nabucodonosor era um conquistador violento, mas não era um bárbaro em termos de conhecimento. Ele era consciente da importância da formação cultural como estratégia velada de reeducação e ressignificação das ideias na mente dos exilados, especialmente dos jovens; afinal de contas, o inimigo é astuto e procura trabalhar na mentalidade das pessoas desde tenra idade sem usar métodos violentos, mas pedagógicos.

Esse mesmo modo de operação repete-se hoje, quando os inimigos de Deus tentam deturpar os valores das crianças, adolescentes e jovens. Assim como Daniel e os seus amigos, é preciso ter uma mente protegida pela Palavra do Senhor e um coração sábio (Sl 119.11,12) para aprender o que for útil, mas rejeitar todo conhecimento humano que perverte a verdade de Deus.

É possível aprender algo com a cultura geral, fora da esfera religiosa? Certamente! «Toda verdade é a verdade de Deus», diziam os Pais da Igreja. Agostinho de Hipona usava como metáfora o evento bíblico da fuga dos israelitas do cativeiro no Egito para ensinar como fazer isso com discernimento. Na fuga, os judeus levaram consigo o ouro e a prata egípcia para que pudessem dar uma destinação mais nobre e adequada a esses metais preciosos, em vez de o seu emprego na fabricação de ídolos, conforme adotado na cultura pagã. Semelhantemente, Agostinho concluiu que os cristãos poderiam fazer o uso — correto e legítimo — da filosofia e da cultura do mundo antigo para servir à causa da fé cristã, visando ao avanço do evangelho.

De acordo com Agostinho, entre os não crentes, encontram-se algumas verdades relativas à adoração do Deus único. Elas são, por assim dizer, o ouro e a prata que possuem, que eles mesmos não produziram, mas retiraram das minas da providência divina que se encontram espalhadas por todo o mundo, mas que são, contudo, corrompidas de forma imprópria e ilícita. O cristão, portanto, é capaz de separar essas verdades das suas infelizes associações, separando-as e utilizando essas verdades de maneira adequada à proclamação do evangelho.[4]

II. DA RELATIVIZAÇÃO DE VALORES À DESCONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

A relativização da verdade

Caso assimilassem o padrão moral da religião dos caldeus, os jovens hebreus estariam aceitando a relativização da verdade; afinal, o relativismo pode propagar-se tanto pela imposição de uma agenda ideológica quanto pela destruição sutil dos referenciais éticos na cultura.

Atualmente, a primeira forma ocorre quando se procura legalizar concepções politicamente corretas, pela proibição de discursos, limitação do acesso à informação e outros mecanismos que restringem a liberdade de crença e de expressão.

Por essa razão, cristãos enfrentam resistência na pregação do evangelho em muitos lugares do mundo. Em diversos países, a defesa de convicções e

valores morais que decorrem diretamente da fé é considerada crime, sob o título de "discurso de ódio" e "racismo". Trata-se da ditadura do relativismo!

O relativismo, por mais antagônico que seja, não tolera a defesa de qualquer absoluto, nem mesmo na esfera da religião. Na presente era, tudo se dilui e é adaptável; por isso, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925–2017) chamou essa época de "modernidade líquida".

A estratégia de desconstruir identidades

A segunda forma de disseminação do relativismo é sutil; ocorre pela desconstrução dos referenciais que levam à perda da identidade. O que é identidade? É aquilo que define e dá significado a nossa vida. Nós, cristãos, por exemplo, temos uma identidade bíblica, que expressa nossa origem, crenças essenciais e a ética que professamos. Isso nos caracteriza e distingue.

Foi o caminho da desconstrução que a Babilônia adotou com os jovens hebreus ao trocar os seus nomes:

> E o chefe dos eunucos lhes pôs outros nomes, a saber: a Daniel pôs o de Beltessazar, e a Hananias, o de Sadraque, e a Misael, o de Mesaque, e a Azarias, o de Abede-Nego. (Dn 1.7)

Ao fazer isso, Aspenaz, em consideração ao rei e aos seus deuses pagãos, intencionava fazer uma lavagem cerebral em Daniel e nos seus companheiros.

Naquele tempo, os nomes pessoais tinham imenso valor e significado, especialmente para os judeus, que o entendiam como uma expressão da personalidade e do propósito de vida de alguém. Entre os hebreus, o nome era geralmente resultado de uma experiência com Deus, e Babilônia queria apagar isso; queria que os jovens esquecessem o passado e quem eram.

Mudar o nome de alguém era uma forma de exercer autoridade sobre a pessoa e o seu destino. Da mesma forma, como os nomes geralmente continham afirmações sobre a divindade, os nomes babilônios imporiam aos hebreus um nível mínimo de reconhecimento dos deuses babilônicos.[5]

Dessa forma, os seus nomes foram mudados para que a Babilônia pudesse apagar as suas origens do coração e mente deles. Pretendiam substituir o Deus verdadeiro pelos deuses do paganismo, com o propósito de mudar os

seus referenciais e identidades. O próprio nome de Nabucodonosor era uma referência às divindades pagãs. Na língua acadiana, Nabu-Kudurri-Usur significava "Nabu é o meu protetor".

Sendo assim, Daniel, que significa "Deus é meu juiz", recebeu o nome de Beltessazar, "Bel protege o rei"; Hananias, "Deus é gracioso", chamaram-lhe de Sadraque, "Iluminado pelo sol"; Misael significa "Quem é como Deus?" e foi chamado de Mesaque, "Aquele que pertence à deusa Sesaque", e Azarias, que quer dizer "Deus ajuda", deram-lhe o nome de Abede-Nego, "Servo do deus Nego".

Embora não pudessem impedir tal mudança, isso não fez a menor diferença na vida deles. A forma como passaram a ser chamados não entrou no coração deles. Os novos nomes sociais não mudaram as suas verdadeiras identidades e muito menos aboliram a centralidade de Deus. Aqueles jovens "discerniram que a maior batalha que estavam travando era a batalha da mente. Não era uma luta para a preservação da vida, mas uma guerra para a firmeza da fé".[6]

Tal como fez Aspenaz, o mundo procura meios de mudar a identidade do cristão. Em tempos pós-modernos, em que falta firmeza e consistência moral e espiritual, existe uma estratégia diabólica de perda de sentido e significado. O espírito desta época procura seduzir os crentes para fazê-los pensar que não é necessário ter uma identidade própria, dada por Deus, tratando isso como algo ultrapassado.

O mundo fala em "abrir" a mente, em "flexibilizar" as convicções e em "desconstruir" as tradições arcaicas. Em cada área da vida, percebe-se a estratégia de "mudança de nomes". A ideologia de gênero, por exemplo, procura destruir a identidade sexual. O sincretismo, por sua vez, busca acabar com a identidade religiosa, e assim vai.

Como nunca, a forma de proceder dos jovens hebreus serve como modelo de bravura e resistência aos ímpetos de destruição identitária. Podem até mudar nosso nome, mas não conseguirão mudar quem somos: cristãos. Aqueles que creem e vivem em Cristo (ver At 11.26).

III. FIDELIDADE NAS ESCOLAS E UNIVERSIDADES

O fato de os jovens hebreus terem passado pela faculdade babilônica e saído de lá formados e aprovados com louvor (Dn 1.17-20), mantendo a integridade e fidelidade ao Senhor, tem muito a inspirar-nos hoje. Eles, acima de qualquer outra coisa, souberam proteger os seus valores contra o ensino da época.

A educação secular de hoje encontra-se igualmente carregada de ideologias nocivas, que procuram suplantar a educação clássica e os valores cristãos. Valendo-se de pensadores secularistas, agnósticos, ateus e alinhados a ideologias anticristãs, muitos professores fazem uso de um ensino relativista, que visa principalmente a doutrinação ideológica e política dos alunos. Muitos centros educacionais são ambientes hostis aos cristãos em virtude do ambiente e do conteúdo ensinado. Não raro, os crentes são pressionados a abandonar as suas "crenças ultrapassadas", a aceitar a "ciência" e a deixar a fé para trás, ou confiná-la ao ambiente privado. Como observou Phillip E. Johnson:

> [...] cedo ou tarde o jovem descobrirá que os professores da faculdade (às vezes, até professores cristãos) agem conforme a suposição implícita de que as crenças religiosas são o tipo de coisa que se espera que a pessoa deixe de lado quando se dá conta de como o mundo de fato funciona; e que, em geral, é louvável "crescer" afastando-se gradualmente dessas crenças como parte do processo natural de amadurecimento.[7]

Tal hostilidade é em grande parte motivada pela adoção de pressupostos naturalistas e antiteístas que excluem antecipadamente o elemento religioso das discussões teóricas e da produção de conhecimento acadêmico, como se a religiosidade representasse, a priori, falta de rigor lógico, capacidade intelectual e conhecimento científico.

Willian Lane Craig também observou que, nos colégios e faculdades, os adolescentes e jovens são assaltados intelectualmente com todo tipo de cosmovisão não cristã associada a um relativismo opressor.

> Se os pais não tiverem a mente engajada na sua fé e não tiverem argumentos sólidos a favor do teísmo cristão e respostas boas às perguntas de seus filhos, então estaremos correndo sério perigo de perder nossos jovens. Já não é suficiente ensinar histórias bíblicas a nossos filhos, eles precisam de doutrina e apologética. Francamente, para mim é difícil entender como as pessoas hoje se arriscam a serem pais sem terem estudado apologética.
>
> Infelizmente, as nossas igrejas em termos gerais jogaram a toalha nessa área. Não é suficiente que os grupos e as classes de escola dominical de jovens concentrem suas

> atividades no entretenimento e em simpáticas ideias devocionais. Precisamos treinar os nossos filhos para a guerra. Não podemos arriscar enviá-los aos colégios e universidades armados com espadas e armaduras de plásticos. O tempo de brincadeiras já passou.[8]

O exemplo de Daniel e os seus amigos mostra-nos que é possível enfrentar esse ambiente, estando previamente preparados para responder sobre a razão de nossa esperança (ver 1 Pe 3.15). É possível ser um universitário dentro das faculdades e escolas seculares, mantendo a fidelidade a Deus.

Esses quatro jovens de Judá destacaram-se não somente pela fé e fidelidade, mas também pela excelência nos estudos. Eles sobressaíram-se entre os demais. Embora outros pais em Judá pudessem ter falhado em relação à educação dos seus filhos, os pais desses meninos tinham dado a eles uma base sólida em relação às convicções e responsabilidades dignas do significado dos seus nomes. O seu treinamento piedoso havia cultivado profundas raízes de caráter.[9]

Retendo o que é bom

Nem tudo o que os jovens hebreus aprenderam foi negativo e ofensivo à fé em Jeová. Durante os três anos de estudo, como vimos, eles foram instruídos em diversas áreas do conhecimento humano. Grande parte desse conteúdo era importante, pois lhes proporcionava habilidades e competências intelectuais.

O próprio registro bíblico enaltece, ao fim do período, a aquisição de conhecimento e a inteligência de Daniel em todas as letras e sabedoria (Dn 1.17). Esse fato é um forte indicativo de que podemos aproveitar o conhecimento e a sabedoria não tipicamente religiosa, desde que estes não contrariem a verdade de Deus.

Daniel não demonizou toda a cultura da Babilônia e o ensino dos caldeus. Com muita sabedoria, comparou aquilo que os seus professores ensinavam com o que havia aprendido dos seus pais e líderes de Judá. Ele usou um filtro para aproveitar o que era bom e rejeitar o que era nocivo (1 Ts 5.21). De idêntica maneira, o cristão pode e deve valorizar o estudo secular, pois, além de proporcionar conhecimento, serve para a formação profissional e para o mercado de trabalho, área em que o crente pode ser

usado por Deus e fazer a diferença. O segredo é submeter tudo ao crivo das Sagradas Escrituras (2 Co 10.5; At 17.11).

Como escrevi em meu livro *O Cristão a Universidade*:[10]

> a universidade pode ser comparada a um campo de batalha, o que não significa que ela deva ser evitada. Como cristãos, devemos nos preparar para entrar no combate e, assim como o apóstolo Paulo, dizermos, ao término da graduação, que combatemos o bom combate e guardamos a fé (2 Tm 4.7).

Existem boas razões para o cristão ir para a faculdade, incluindo a sua origem histórica, o desenvolvimento intelectual e a possibilidade de usar a profissão como um chamado divino (tal qual ocorreu com Daniel). Não há, portanto, por que temer adentrar nesse embate; afinal de contas, o servo do Senhor não foi forjado para fugir das pelejas, mas enfrentá-las frontalmente.

É óbvio, entretanto, que é necessário preparo prévio para ir a uma guerra. Um soldado que entra na peleja sem o mínimo de preparo é alvo fácil para o inimigo. Esta é a razão por que muitos cristãos afastam-se de Cristo na universidade: a falta de preparo (bíblico, teológico e apologético), seja para conseguir responder (1 Pe 3.15) com firmeza aos questionamentos sobre os fundamentos da fé, manter a identidade cristã, ou para fazer uma conexão entre a fé, a cultura atual e os interesses profissionais.

---

1 BALDWIN, Joyce G. **Daniel – Introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 85.

2 Idem.

3 PEARCEY, Nancy: **Verdade Absoluta**. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 76.

4 MCGRATH, Alister. **Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica**: uma introdução à Teologia Cristã. Shedd Publicações, 2005, p. 339.

5 WALTON, John H. MATTHEWS, Victor H. CHAVALAS, Mark W. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia – Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 946.

6 LOPES, Hernandes. **Daniel – o homem Amado no Céu**. São Paulo: Hagnos, 2005, p. 37.

7 JOHNSON, Philip E. Prefácio em: PEARCEY, Nancy: **Verdade Absoluta**. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 12.

8 CRAIG, Willian Lane. **Apologética Contemporânea**: a veracidade da fé cristã; 2. Ed. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 19.

9 SWIN, Roy E. **Comentário Bíblico Beacon**. Vol. 4. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 503.
10 NASCIMENTO, Valmir. **O Cristão e a Universidade**. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 27,28.

Capítulo 4

UMA FIRME DECISÃO DE NÃO SE CONTAMINAR

Um dos aspectos mais notáveis no livro de Daniel é que a sua ênfase inicial não recai nas profecias, mas, sim, nas experiências e demonstração de força de caráter dos jovens hebreus. Desde a chegada à Babilônia, eles expressaram profunda convicção em Deus, bem como força de vontade para resistir à contaminação naquele lugar. Isso envolvia os aspectos culturais, religiosos e as práticas comuns no ambiente da corte real.

Era preciso, contudo, ter sabedoria para contrariar os costumes dos babilônios; afinal de contas, a resistência tola não produz virtudes. Eles precisavam analisar prudentemente as implicações dos princípios envolvidos nas suas ações e começar do mesmo modo que pretendiam continuar.[1] Essa é a razão pela qual Daniel recusou-se a partilhar das finas iguarias do rei. Tal caráter foi um exemplo para os seus amigos e serve como inspiração diante da triste constatação no atual cenário religioso, em que muitos cristãos mostram-se apáticos e indiferentes para expor publicamente as suas crenças. A integridade moral de Daniel e dos seus amigos têm muito a ensinar-nos.

I. O BANQUETE DO REI

Durante o período de treinamento para o serviço da corte, os jovens cativos estariam submetidos a uma dieta diária específica (Dn 1.5). Eles deveriam alimentar-se da mesma refeição que era servida ao rei. Mais que isso, em

vez de serem tratados como escravos, alimentando-se de uma refeição simplória, eles poderiam partilhar do banquete de Nabucodonosor.

Isso seria uma grande oportunidade para o senso natural. O simples fato de não precisarem fazer a própria comida já seria uma boa notícia, não é mesmo? Além disso, eles teriam o privilégio de desfrutar da gastronomia refinada do palácio e dos melhores pratos produzidos pelos prestigiados *chefs* de cozinha da Babilônia.

Isso poderia parecer para alguns a chance perfeita de adquirir *status*; aliás, a julgar por muitas publicações nas redes sociais de hoje, as fotos de alguns pratos em restaurantes famosos e de comidas caras é um tipo de ostentação de boa vida e suposto sucesso. Daniel, porém, era um jovem espiritual, e o seu coração não estava na satisfação momentânea. Ele não estava interessado em saborear as refinadas refeições palacianas somente para agradar ao rei.

Não valeria a pena para Daniel comer alimentos elaborados e beber o vinho mais fino enquanto perdia a própria alma. Ele não queria ostentar uma posição que, no fim das contas, poderia arruinar o seu testemunho ao longo da vida. Ele sabia que a forma de tratar a questão da refeição seria crucial para definir toda a sua jornada na Babilônia. O que estava em jogo não era a comida, mas algo muito maior.

Uma decisão firme

O texto bíblico ressalta que Daniel propôs no coração não se contaminar com as finas iguarias do rei, nem com o vinho que ele bebia, pedindo que fossem dispensados (Dn 1.8). Eles só comeriam legumes!

Não sabemos ao certo o que era servido na mesa do rei, mas podemos supor que os pratos da culinária real incluíam uma variedade de iguarias e pratos bem elaborados. Cordeiro assado, peixes preparados de diversas maneiras, pães e pratos doces feitos com tâmaras, figos e mel, por exemplo, eram comuns.

Os jovens hebreus estavam abdicando de todo esse *menu*. Fazendo um paralelo com os pratos de hoje, Daniel e os seus amigos rejeitaram um suculento *filé mignon* para comer apenas salada. Trocaram cortes nobres com direito à sobremesa, por uma mistura de verduras e frutas frescas. É preciso ser muito crente para fazer uma escolha dessas!

Enquanto muitos tomam decisões baseadas no estômago ou considerando somente os desejos advindos do instinto de alimentação, aqueles jovens decidiram com base no coração. Para o hebreu, o coração é a sede da vontade, onde se tomam as decisões da vida (Pv 4.23). Foi uma decisão convicta e com firmeza. Antes de dizerem "não" ao rei, os quatro rapazes disseram "sim" ao Senhor Deus. Antes de expressarem-se em palavras o que queriam, eles estavam preparados para absterem-se da contaminação. Foi a manifestação de uma fé firme e sincera (1 Pe 3.16; 5.9; 2 Tm 1.5).

A recusa em participar dos manjares foi um ato de bravura prudente. A vida deles estava em perigo, mas, mesmo assim, manifestaram o protesto. Uma fé verdadeira não compactua com a covardia (2 Tm 1.7). Infelizmente, o medo da rejeição social tem levado muitos ao fracasso espiritual, negando a fé e os valores cristãos.

Uma decisão pequena, porém poderosa

Para alguns, aceitar uma simples refeição ou um pequeno convite não faz qualquer diferença. Eles poderiam pensar em ter feito somente essa concessão, acreditando — como muitos — que não haveria maiores repercussões na vida: "Não tem problema fazer só isso. É só esta vez". Alguém pode ser soprado nos ouvidos deles que eles estavam sendo exagerados com a decisão: "Pra que tudo isso? Vocês estão sendo radicais".

Eles sabiam, contudo, que pequenas decisões provocam grandes consequências (Gl 6.7) e tinham consciência de que ceder um pouco seria abrir a porta para o pecado entrar. Eles não queriam transigir com o erro, e por isso o segredo do êxito nas suas vidas começa nessa postura, aparentemente singela, porém poderosa.

Chamo sua atenção para esse ponto. A vitória desses quatro jovens sobre as provações começa exatamente aqui. Eles somente venceram a fornalha ardente, resistiram às perseguições e à cova dos leões porque negaram as iguarias do rei. Muitos querem vencer grandes batalhas, mas esquecem-se de enfrentar as pequenas lutas diárias. Devemos sempre nos lembrar das palavras de Jesus: "Quem é fiel no pouco também é fiel no muito; e quem é injusto no pouco também é injusto no muito" (Lc 16.10, NAA).

II. O FIRME PROPÓSITO DE NÃO SE CONTAMINAR

Por que Daniel e os seus amigos rejeitaram comer as finas iguarias do rei? Essa é a pergunta mais importante nesse episódio.

Certamente, o próprio texto indica a razão: eles não queriam contaminar-se (1.8). O sentido original da palavra "contaminar" indica algo impuro ou manchado. Eles queriam manter-se puros, mas puros em relação a quê especificamente? Essa é a pergunta que vem logo na sequência. Existem várias explicações para o cuidado dos jovens.

A primeira possibilidade é que eles não pretendiam violar as leis alimentares estabelecidas aos israelitas (Lv 11; 17.11). Na Babilônia, não havia distinção entre animais limpos e imundos, tal qual estabelecido na Lei levítica. Eventualmente, os jovens não queriam correr o risco de quebrarem essa parte da lei.

Em segundo lugar, os alimentos também poderiam ter sido sacrificados aos ídolos, ou, de algum modo, faziam parte de rituais do paganismo babilônico, e isso também contrariava a Lei Mosaica (Dt 6.13-15). Considerando que toda a cultura babilônica estava impregnada de idolatria, a oferenda das refeições e bebidas aos falsos deuses era comum, como se percebe no banquete de Belsazar no capítulo 5.

Sendo assim, "não é desarrazoado pensar que Daniel, mesmo em seus primeiros dias como estudante, viu o perigo de comprometer sua lealdade a Deus".[2] Os jovens crentes protestavam contra a visão de mundo e as práticas idólatras dos babilônios.

Cuidado com as lealdades e com as companhias

Além das razões anteriores, o motivo mais aceito entre os estudiosos para motivar a recusa dos jovens, liderados por Daniel, seria o cuidado para não partilhar habitualmente a mesa com o rei, manifestando, assim, dependência a ele.

Na Antiguidade, participar da mesma refeição era um ato que demonstrava comunhão, algo que Daniel não estava disposto a fazer. Pelos padrões orientais, compartilhar de uma refeição era comprometer-se a uma

amizade, com um significado pactual. Aqueles que estivessem dispostos a aceitar a proposta estariam dando sinais de lealdade ao rei.[3]

> Pareceria, então, que Daniel tenha rejeitado este símbolo de dependência do rei porque queria estar livre para cumprir as suas obrigações prioritárias para com o Deus a quem servia. A contaminação que temia não era tanto de natureza ritual como moral, provinda da sutil adulação que representavam as dádivas e favores, que continham, bem no fundo, implicações de um leal apoio, não importando quão dúbias pudessem ser as futuras políticas de ação do rei.[4]

Para os jovens hebreus, o problema não seria a comida em si, mas todo o programa de assimilação da cultura babilônica, o que incluía os favores do rei. Como eles tinham poucos recursos para resistir às influências culturais, agarraram-se às poucas áreas que podiam resistir, como forma de preservar a identidade.[5]

O maior perigo que um cristão corre no mundo é, de fato, ser seduzido pelas ofertas apetitosas que atiçam os desejos da carne. Enquanto muitos poderiam ver na oferta do rei um sinal de "bênção", pela oportunidade de posição e destaque, Daniel e os seus amigos viram como um sinal de armadilha. Eles não estavam dispostos a vender a sua lealdade em troca de uma boa gastronomia. A fidelidade deles era inteiramente a Deus, o Senhor.

Uma coisa é o crente relacionar-se socialmente com descrentes e pessoas que não possuem as mesmas convicções que as suas; outra coisa é manter comunhão. O salmista escreveu: "Bem-aventurado é aquele que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores" (Sl 1.1, NAA). O apóstolo Paulo igualmente adverte sobre o cuidado que devemos ter com quem nos associamos (1 Co 5.9-11). Isso nos leva a refletir sobre as pessoas com quem convivemos. São pessoas que nos inspiram para o bem e querem o melhor para nossa vida, ou são pessoas tóxicas cuja proximidade poderá destruir-nos? É preciso ser firme para evitar contaminações até mesmo nos relacionamentos. A Bíblia diz que "as más companhias corrompem os bons costumes" (1 Co 15.33, NAA).

Gentileza e favor divino

Mesmo se opondo à proposta babilônica, Daniel não foi mal-educado na sua recusa. O texto diz que ele "pediu ao chefe dos eunucos que lhe permitisse não se contaminar" (1.8, NAA). Ao formular o pedido a Aspenaz, Daniel foi firme e gentil ao mesmo tempo. Foi uma atitude de sabedoria e educação.

Com esse exemplo, aprendemos que, ao defendermos nossa fé diante dos outros, devemos ser mansos e educados (1 Pe 3.15). Coragem sem prudência é tolice. Mesmo quando discordamos dos descrentes, é preciso usar a cortesia e a gentileza. Não é preciso rispidez para defender nossas crenças e convicções diante do mundo. Às vezes, precisamos ser enérgicos, mas nunca devemos perder a cordialidade.

Outro aspecto importante a ser observado nesse episódio é que Deus concedeu a Daniel misericórdia (Dn 1.9). A Bíblia está mais uma vez mostrando que tudo o que alcançamos na vida deve-se ao favor divino, à sua imensa graça. Apesar de todo empenho e dedicação de Daniel, todo o mérito estava no Senhor.

III. O RESULTADO DA FIDELIDADE A DEUS

Conquanto fosse simpático para com os rapazes, o oficial tinha receio do desfecho. Ele temia perder a sua vida caso se mostrassem com aparência menos saudável ao apresentarem-se diante do rei em comparação com outros jovens (1.10).

Daniel propõe, então, um teste: durante dez dias, ele e os seus amigos só comeriam legumes e beberiam apenas água. Ao fim desse período, poderiam ser inspecionados junto com os demais. A audaciosa prova proposta por Daniel mostra que o servo de Deus não precisa temer os desafios do mundo. Isso não significa sair por aí querendo demonstrar superioridade, e sim confiança no Senhor.

Depois dos dez dias, os hebreus apresentaram-se com melhor semblante e mais fortes do que os outros jovens que comiam do manjar do rei da Babilônia (1.15). Esse é o resultado de servir e ser fiel ao Senhor. Ninguém perde coisa alguma quando se recusa a comprometer a sua fé.

O Senhor garante e aprova

Passado algum tempo, os jovens foram conduzidos diante de Nabucodonosor (1.18-20). Depois de fazer-lhes perguntas para medir o conhecimento, ele descobriu que se tratava dos jovens mais sábios do seu reino, superando a todos. Não eram só eruditos, mas também piedosos e tementes a Deus. Daniel, em especial, recebeu do Senhor o dom de interpretar todo tipo de visões e sonhos (1.17). Isso nos faz perceber que é possível conciliar conhecimento com graça e inteligência com poder.

Os quatro moços foram aprovados por Nabucodonosor, mas, antes disso, foram aprovados por Deus, alcançando posição de destaque. Esse é o resultado de servir e ser fiel ao Senhor. Em uma sociedade que gosta de fazer comparações, que mede as pessoas pelo desempenho e coloca a todos nos mesmos moldes e padrões, devemos ter o entendimento de que somos diferentes e de que nossos métodos são distintos do mundo. Vale a pena ser cristão. Vale a pena ser puro. Vale a pena ser fiel!

Rejeitando as tentações do mundo

A demonstração de coragem dos rapazes é um exemplo e, ao mesmo tempo, um chamado para cultivar um coração incontaminado, uma fonte de resistência contra as seduções do mundo.

É importante lembrar que a rejeição dos «manjares do mundo» não se limita apenas a banquetes extravagantes, mas também abrange todas as áreas da vida. Um coração incontaminável demonstra firmeza ao dizer «não» não apenas à pornografia e à fornicação, mas também à idolatria e a todas as obras da carne (Gl 5.19-21).

Vivemos numa era em que muitos cristãos sofrem daquilo que tem sido chamado de "apateísmo". O termo é uma junção das palavras "apatia" e "teísmo/ateísmo" e representa uma postura de desinteresse e desprezo em relação à crença ou descrença em Deus (ou deuses). Embora tenha raízes no ateísmo prático (viver como se Deus não existisse) e no deísmo (a ideia de que Deus não se envolve com o mundo e com a humanidade), o apateísmo não é um tipo de crença ou uma visão de mundo, mas uma atitude de vida.

Essa nova atitude para com as questões religiosas e espirituais parece explicar o motivo do declínio da frequência à igreja em várias partes do mundo. De acordo com o *Public Religion Research Institute*, tem havido um crescente "aumento dos não afiliados" à igreja na América do Norte.

"Muitas pessoas não descreem especificamente no sobrenatural ou em Deus: elas simplesmente não se importam e não querem falar ou pensar sobre isso".[6] Nos Estados Unidos, o apateísmo é especialmente prevalente entre os jovens.

Esses dados encontram ressonância com os apontamentos da psicóloga Jean Twenge no seu livro *iGen*. Ao falar sobre o perfil da "Geração Z" (os nascidos entre 1995 e 2010), a autora mostra que essa nova geração é mais insegura, isolada, individualista e indefinida (em relação à sexualidade); quanto à religião, é menos religiosa tanto pública quanto privadamente. Além da desconfiança nas instituições religiosas, "um número crescente de jovens está se desligando totalmente da religião, tanto em casa quanto em seus corações",[7] principalmente por entender que a fé tem pouca importância nas suas vidas.

Pelo fato de ser uma atitude de vida, manifesta pela apatia religiosa e espiritual, o apateísmo pode aparecer até mesmo naqueles que afirmam pertencer a alguma fé.

Um estudo recente da *Lifeway Research*[8] descobriu que a apatia dentro da igreja foi citada como o desafio mais comum enfrentado pelos pastores hoje. Realizada em 2021, a pesquisa apontou que 75% dos pastores listaram "apatia ou falta de compromisso das pessoas" quando solicitados a identificar aquela "dinâmica das pessoas" que consideram desafiadora no seu ministério.

De fato, a apatia pode manifestar-se na vida daquele que se diz cristão. Embora se declare crente, ele deixa de frequentar a igreja e de ter comunhão com os irmãos. Embora membro da igreja, não se preocupa em aplicar os princípios morais e espirituais das Sagradas Escrituras na sua prática de vida pessoal, familiar e profissional, como resultado não das fragilidades humanas, mas, sim, pela falta de compromisso e desinteresse em viver como um seguidor de Cristo.

Nesse horizonte, é possível dizer que uma das maiores ameaças ao testemunho cristão nos últimos tempos não é o ateísmo, o neoateísmo ou o agnosticismo, mas o apateísmo. A igreja é mais desafiada pelo desinteresse dos descrentes do que pelos seus argumentos; mais ameaçada pela indiferença espiritual dos cristãos do que pelos ataques frontais à fé cristã.

Num mundo de apatia e indiferença espirituais, a postura corajosa dos jovens hebreus é um lembrete constante da importância de permanecer fiel aos princípios espirituais, independentemente das tentações que possam surgir no caminho.

---

1 BALDWIN, Joyce G. **Daniel – Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 87.

2 LENNOX, John. **Contra a correnteza**: A inspiração de Daniel para uma época de relativismo. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 79.

3 BALDWIN, 1987, p. 88.

4 BALDWIN, 1987, pp. 88,89.

5 WALTON, John H. MATTHEWS, Victor H. CHAVALAS, Mark W. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia – Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 946.

6 Disponível em: https://www.thepublicdiscourse.com/ 2018/08/21919.

7 TWENGE, Jean M. **iGen**: Por que as crianças superconectadas de hoje estão crescendo menos rebeldes, mais tolerantes, menos felizes e completamente despreparadas para a vida adulta. São Paulo: nVersos, 2018, p. 149.

8 Disponível em: https://www.christianpost.com/news/the-rise-of-apatheism-and-what-it-means-for-christians.html.

Capítulo 5

A REVELAÇÃO DE DEUS CONFRONTA O SECULARISMO

Você já teve a experiência de ter um sonho e, na manhã seguinte, não conseguir lembrar-se dele? O capítulo 2 do livro de Daniel narra o episódio em que algo semelhante ocorreu com Nabucodonosor, deixando-o atormentado. Como veremos, porém, não se tratava de um sonho comum. O jovem Daniel foi convocado e, por revelação divina, ofereceu tanto a descrição quanto a interpretação do sonho, mostrando o plano de Deus para os governos mundiais. O seu significado, divinamente revelado, mostra um grande panorama histórico sobre o qual Deus governa.

I. O SONHO PERTURBADOR DO REI

No capítulo 2 do livro em estudo, somos apresentados à primeira crise enfrentada por Daniel, que enfrentou um perigo juntamente com os seus companheiros. Tudo começou com um sonho perturbador que assolou Nabucodonosor e deixou-o sem dormir. Para piorar, no dia seguinte o rei não conseguia lembrar-se do conteúdo do sonho.

Para nossa cultura, esse tipo de esquecimento é comum, mas na superstição oriental da época, era considerado um mau presságio, indicando a ira das divindades. Diversas fontes além da Bíblia também indicam que Nabucodonosor, na época ainda novo, era um homem muito ligado à religião pagã.[1] Isso explica por que o rei teria ficado profundamente angustiado (2.3).

A primeira ação do rei foi convocar um grupo diversificado de conselheiros reais, que incluía magos, astrólogos, encantadores e caldeus. Esses indivíduos eram especialistas em várias áreas do conhecimento e da ciência da época, incluindo previsões políticas, econômicas e sociais. Eles representavam diferentes classes de assessores da corte real.

Magos eram frequentemente associados aos escritos da magia pagã,[2] à sabedoria, ao conhecimento esotérico e às práticas místicas. Eles eram estudiosos que se dedicavam ao estudo de diversas disciplinas, incluindo astrologia, alquimia e outras formas de conhecimento oculto.

Astrólogos eram pessoas que estudavam os astros, como estrelas e planetas, acreditando que os movimentos dos objetos celestes podiam influenciar eventos na Terra. No contexto bíblico, a astrologia não era compatível com a visão religiosa judaica, que rejeitava a prática de buscar orientação divina por meio da observação dos astros.

Os *encantadores* eram aqueles que usavam encantamentos, feitiços ou palavras mágicas para realizar atos sobrenaturais. Essas práticas eram geralmente vistas como contrárias à fé monoteísta e à adoração exclusiva do Deus de Israel. Os *caldeus* eram um povo da antiga região da Caldeia, situada na Mesopotâmia, conhecida pelas suas contribuições à astrologia e à adivinhação. Atuavam também como líderes da casta sacerdotal.

Embora fossem peritos em diversas áreas, os conselheiros precisavam de informações mais detalhadas; por isso, pediram ao rei a descrição do sonho. Para surpresa e temor desses conselheiros, eles ficaram sabendo que a tarefa não se limitava apenas a interpretar o significado do sonho, mas também a relatar o próprio sonho. Essa exigência era incomum e parecia absurda, quase como uma brincadeira cruel, pois, se não fossem capazes de atendê-la, seriam condenados à morte. Diante dessa situação, foram forçados a pedir novamente: "[...] Ó rei, conte-nos o sonho e então diremos o que ele significa" (2.7, NVT).

A impotência humana e a convocação de Daniel

Ao perceber que os peritos estavam tentando ganhar tempo, Nabucodonosor reafirma a sua sentença, ameaçando-os com a pena de morte (2.9). Os caldeus reconhecem a sua incapacidade de atender ao pedido, pois se tratava de algo extremamente difícil, senão impossível. Eles

afirmam que nenhum ser humano comum seria capaz de realizar tal feito e que nenhum rei, por mais poderoso que fosse, havia feito uma exigência tão extraordinária (2.10).

Eles não acreditavam naquele tipo de revelação. Embora fossem peritos em diversas áreas do conhecimento, possuíam uma visão eminentemente naturalista. Precisavam de dados racionais e compreensíveis à mente humana, para que pudessem interpretar o sonho. Apesar de acreditarem que os seus deuses tinham esse poder, não achavam que pudessem comunicar aos homens (2.11). A teologia deles não era capaz de solucionar o enigma.

Segundo John Lennox, aqueles homens estavam preparados para usar a razão diante de qualquer informação que lhes fosse apresentada; porém, naquela circunstância, não possuíam qualquer conteúdo que pudessem avaliar. "Na natureza da situação, a razão desassistida não teria produzido os dados. Apenas a revelação oferecida pelo imperador podia fazer isso".[3] Acontece que nem mesmo Nabucodonosor lembrava-se do sonho.

Diante desse contexto, inflamado de raiva, Nabucodonosor dá ordens para executar todos os sábios do reino. Nesse momento, Daniel e os seus companheiros, embora não ocupassem posições de destaque, estão entre os que podem ser condenados à morte (2.13).

Imagine-se na situação desses jovens. Diante de uma crise iminente em que a vida deles está em perigo, o que passaria na mente de cada um? Uma coisa é certa: eles não entraram em pânico! Mesmo cientes do risco, não permitiram que o medo exagerado e paralisante dominasse-os.

II. A CONDUTA DE DANIEL E A INTERPRETAÇÃO DO SONHO

Ao tomar conhecimento da sentença, Daniel adotou algumas medidas para lidar com a situação.

Em primeiro lugar, ele busca compreender melhor o que estava acontecendo, usando sabedoria e bom senso ao conversar com Arioque, o oficial do rei (2.14,15). Antes de qualquer ação precipitada, a pessoa sábia procura entender toda a situação.

Em segundo lugar, ele vai ao rei e solicita mais tempo (2.16). Daniel demonstra uma grande capacidade de manter a calma sob tão grande desatino e pressão da parte do rei.[4] Era uma pessoa emocionalmente equilibrada, que não agia de maneira intempestiva. Nem sempre as questões são resolvidas rapidamente, e nem sempre o Senhor age de imediato. Além do mais, o fato de o pedido ter sido aceito demonstra que Daniel era uma pessoa de palavra e não estava simplesmente adiando o problema.

Em terceiro lugar, ele compartilha a situação com os seus amigos (2.17,18). Isso destaca a importância de termos amigos não apenas para momentos de diversão, mas também para intercessão e apoio mútuo. A Bíblia diz que existem amigos mais chegados do que irmãos (ver Pv 18.24). A amizade é uma virtude, referindo-se a fortes vínculos afetivos de companheirismo. Aristóteles dizia que a amizade é uma relação que se fundamenta no bem, na solidariedade e na reciprocidade. Francis Bacon afirmou: "Não há solidão mais triste do que a do homem sem amizades. A falta de amigos faz com que o mundo pareça um deserto".

Em quarto lugar, eles oram pedindo misericórdia. Os jovens estudantes cristãos pedem a intervenção divina. Temos aqui um verdadeiro círculo de oração; uma reunião de clamor a Deus. Você pode entender a importância desse ato? Em vez de desespero, eles voltam-se para o Senhor, reconhecendo que só Ele é capaz de salvá-los. A oração do justo pode muito em seus efeitos (Tg 5.16).

Deus atende a oração

Como resposta à oração dos jovens, o Senhor revela o mistério a Daniel numa visão durante a noite (2.19). Novamente, temos muito a aprender com a forma de agir do jovem hebreu.

A primeira atitude de Daniel é expressar a sua *gratidão* ao Senhor, reconhecendo e exaltando a sua soberania e bondade. Ele sabia que tão importante quanto pedir era agradecer ao Senhor pela resposta à oração. Ele não atribui a si o mérito do entendimento do sonho. Ele louvou a Deus, reconhecendo a sua soberania, onisciência e bondade para revelar as coisas ocultas e dar sabedoria aos seus servos (2.20-23).

A sua segunda atitude foi expressar *bondade*. Ao comunicar a revelação ao oficial encarregado, Daniel intercede pela vida de todos os sábios da Babilônia (2.24). Ele demonstra generosidade e não age de forma egoísta ou vingativa, mesmo em relação aos incrédulos. Como crentes, não devemos retribuir o mal com o mal (1 Pe 3.9; Rm 12.17).

Em terceiro lugar, Daniel mostra *humildade*. Ele tinha um espírito excelente. Diante do rei, ele faz questão de enfatizar que há um Deus nos céus que é capaz de revelar todos os segredos. Ele não se vangloria nem busca mostrar-se superior; pelo contrário, atribui todo o mérito ao Senhor a fim de que o rei possa compreender o significado do sonho (2.30).

A interpretação e a recompensa

Ao saber que Daniel tinha a interpretação, Arioque apressadamente o introduz na presença do rei (2.25). A expressão "achei", usada pelo capitão, era uma forma de mostrar a sua proatividade, creditando a si mesmo a solução do problema.

Daniel estava diante do rei do mundo na época e, mesmo assim, não temeu. Indagado se sabia o teor do sonho e a sua interpretação (2.26), o menino hebreu começa dizendo que os conselheiros não foram capazes de declarar o *segredo do rei* (v. 27). Daniel, contudo, diz: "Mas há um Deus no céu [...] (v. 28, NAA). Que declaração corajosa e poderosa! Ela mostra que aquilo que é impossível ao homem é possível a Deus.

"Mas há um Deus no céu [...]" exalta a soberania e o poder divino.

"Mas há um Deus no céu [...]" realça que Daniel procurou deixar claro que não viera dar a interpretação do sonho mediante o seu próprio poder ou saber, mas deu a glória merecida ao Senhor.[5] É esse Deus no céu que revela os mistérios.

Daniel, então, relata a descrição do sonho:

> Em sua visão, ó rei, havia à sua frente uma enorme estátua brilhante, e a aparência dela era assustadora. A cabeça da estátua era feita de ouro puro. O peito e os braços eram de prata, a barriga e os quadris eram de bronze, as pernas eram de ferro, e os pés, uma mistura de ferro e barro cozido. Enquanto o rei observava, uma pedra foi cortada de uma montanha, mas não por mãos humanas. Ela atingiu os pés de ferro e barro e os despedaçou. Toda a estátua se desintegrou em minúsculos pedaços de ferro, barro, bronze, prata e ouro. Então o vento levou tudo, como se fosse palha na eira.

> Mas a pedra que derrubou a estátua se tornou uma grande montanha que cobriu toda a terra. (Dn 2.31-35, NVT)

Além de contar o sonho, Daniel apresenta o seu significado (2.36-45). Cada parte da estátua representa um reino diferente. O reino de Nabucodonosor, a cabeça de ouro, será sucedido por três outros reinos mundiais, representados pela prata, bronze e ferro e, por fim, a pedra que destrói a estátua simboliza o Reino de Deus, que é eterno e jamais terá fim (2.44).

Não é difícil imaginar, como observou Roy Swin, o espanto e a alegria que o rei deve ter sentido ao ouvir essa revelação, com detalhes sobre o sonho que ele vagamente se lembrava.[6] Ele era a cabeça de ouro, o mais precioso dos metais. Além disso, somente depois dele viria outro reino.

Ainda assim, Daniel foi extremamente corajoso ao declarar o sentido do sonho e a sucessão da Babilônia por outro reino. Aquele império estava no seu apogeu, e nada indicava a iminência da sua queda. Apesar disso, o profeta não estava avaliando dados e probabilidades geopolíticas, mas fazendo saber a revelação divina.

Dentre as características da estátua, fica claro que os reinos deste mundo são marcados por esplendor e terror; riqueza e morte. Eles são descritos por uma progressiva decadência;[7] começam no ouro, o mais nobre dos metais, e terminam no barro. Assim é o caminhar histórico da humanidade.

Como a própria história viria a comprovar nas décadas e séculos seguintes, a revelação de Daniel estava certa. Como explicam a maioria dos teólogos cristãos, o sonho referia-se aos reinos que haviam de sobrevir. O Império Babilônico durou cerca de 70 anos, sendo seguido pelo Império Medo-Persa (braços e peito de prata), que durou por volta de 200 anos. Na sequência, veio o Império Grego (a barriga e os quadris de bronze), que esteve no poder cerca de 130 anos antes do Império Romano (pernas e pés de ferro e barro), de 146 a.C. a 476 d.C.

Tal cumprimento histórico mostra que a profecia bíblica é fidedigna. A Palavra de Deus não falha. Estamos diante de uma das mais notáveis profecias que se cumpriram na história. Até mesmo os críticos da Bíblia têm dificuldades para explicar como isso ocorreu; afinal de contas, é algo sobrenatural. Podemos descansar e confiar na Palavra de Deus!

Na sequência da profecia, depois desses reinos, virá o Reino eterno. O Deus do céu levantará um Reino que não será jamais destruído; e esse Reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos esses reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre (v. 44). Ele jamais será abalado e não será sucedido.

É interessante perceber que, enquanto os metais que sucederam uns aos outros são partes da mesma estátua, a pedra vem de outro lugar. Como explica John Lennox:

> Não devemos pensar no Reino de Deus como um dos impérios na estátua ou como um novo membro da sequência a ser adicionado no final. Em particular, não é o estágio final de um governo mundial, alcançado pelo avanço da experiência e sabedoria humana. Não é parte do processo político de forma alguma. Como indica a frase usada acerca da pedra — foi cortada uma pedra, sem mãos —, o reino de Deus é um reino sobrenatural (veja Hb 9.11), que toma o lugar de todos os impérios do mundo e é levado à existência vindo de fora pelo poder de Deus.[8]

O expositor Stuart Olyott também menciona que o sonho de Nabucodonosor não tinha quatro estátuas, mas somente uma. Isso mostra que se tratam, numa visão teológica, do mesmo governo humano alterado ao longo dos tempos, seja por sucessão ou tomada de poder. Em outras palavras, pode-se afirmar, decerto, que a pequena pedra destruiu os quatro impérios, e não apenas o último.[9]

Vale a pena destacar esse ponto. Enquanto a Bíblia diz que o Reino de Deus não se confunde com o reino político, muitos insistem em introduzir "a pedra na estátua". O fim é trágico. Embora a igreja possa participar e influenciar as leis, a política e o espaço público em geral, isso não significa implantar o Reino de Deus nesta terra pela força política, numa tentativa de suplantar o governo humano. Isso equivale a antecipar as dimensões escatológicas para o tempo presente.

Seja como for, após a explicação de Daniel, o rei reconhece a veracidade da revelação. Diz que o Deus dos jovens hebreus é Deus dos deuses e o Senhor dos reis (2.47). Além de presentear Daniel, também o pôs como governador de toda a província da Babilônia e chefe de todos os sábios da Babilônia. Os servos de Deus podem alcançar posições de destaque na sociedade pela excelência dos seus trabalhos e obediência à vontade do Senhor!

III. A REVELAÇÃO DE DEUS EM TEMPOS DE SECULARISMO

Esse episódio coloca em discussão, no mundo atual, a existência de um tipo de revelação além da razão humana. O processo de secularização iniciado a partir do Iluminismo procurou afastar a religião da esfera pública. No seu cerne, está o secularismo, uma ideologia que parte da descrença na revelação divina de verdades aos seres humanos, restando somente os elementos fornecidos pela razão.

Essa é a mesma perspectiva adotada por ateístas e céticos que insistem em desprezar a fé, sob o entendimento de que o universo é um sistema fechado de causa e efeito, sem espaço para o sobrenatural.

Somos levados a entender que os consultores do rei tinham essa mesma linha de pensamento. Apesar de religiosos, não acreditavam em uma revelação divina plena. As suas divindades não se comunicavam com os seres humanos.

> Os consultores babilônios de Nabucodonosor não acreditavam que houvesse algo como revelação. Seus deuses não se comunicavam com os seres humanos. Sua epistemologia era naturalista. Seus pontos de vista não eram diferentes em essência dos pontos de vista dos estudiosos que pensam que Daniel não poderia ter escrito seu livro no século VI a.C., porque ele não poderia ter tido acesso a informações sobre acontecimentos que ainda não haviam ocorrido. Esses estudiosos não acreditavam na categoria da revelação. O seu universo é o universo dos naturalistas ou possivelmente até dos materialistas: um sistema fechado de causa e efeito não perturbado pelo sobrenatural. Sua epistemologia é a epistemologia do iluminismo.[10]

Realmente, os conselheiros de Nabucodonosor representam a ideologia secularista que advém do Iluminismo, com a sua ênfase na razão. No seu livro *A Morte de Deus na Cultura*, Terry Eagleton explica que os pensadores do Iluminismo voltaram-se de Deus para a natureza, para nela tentar descobrir sinais de uma inteligência que os mandava de volta para Deus.

> Alguns acreditavam numa força todo-poderosa, autogerada e autodeterminada, só que agora chamada Razão, não mais Deus. Renunciavam à soberania da Igreja e das Escrituras, mas atraíam uma ingênua crença na autoridade da Natureza e da Razão.[11]

Nossa época parece presenciar algo semelhante. Conquanto alguns estudiosos afirmem que estamos numa era pós-secular, com maior espaço

para a religião, é certo que essa religiosidade deve sempre se submeter a um tipo de racionalidade secular, que não acredita em revelação.

De certo modo, até mesmo os religiosos curvaram-se a um tipo de entendimento idêntico aos conselheiros reais, secularizando a mente. A respeito disso, Harry Blamires[12] escreveu no seu livro *A Mente Cristã* uma solene advertência: "Não existe mais uma mente cristã". Ele declara que o cristão moderno havia sucumbido à secularização e, apesar de continuar aceitando a moralidade e o culto da religião e a sua espiritualidade, rejeita a visão religiosa da vida e a sua orientação sobrenatural, que relaciona todos os problemas humanos, sociais, políticos e culturais aos alicerces doutrinários da fé cristã, à visão que vê todas as coisas aqui embaixo em termos de supremacia de Deus e de transitoriedade da terra, em termos de Céu e Inferno. Nas suas palavras:

> Oramos e cultuamos de forma cristã. Depois, esvaziamos nosso cérebro do vocabulário cristão, dos conceitos cristãos para garantir que nos comunicamos plenamente e voltamos a falar sobre política como o político, sobre bem-estar social como o assistente social, sobre relação no trabalho como o sindicalista. Assim, andamos mentalmente no secularismo. Treinamo-nos, até disciplinamo-nos para pensar de forma secular sobre algumas coisas seculares e — ironia das ironias — até conseguirmos nos persuadir de que não há nada mais cristão que ceder nessa matéria e aceitar o meio ambiente mental da outra pessoa.[13]

Olhando para o seu contexto, Blamires dizia que a substituição da mente cristã por uma mente secular era, em parte, resultado da acomodação intelectual dos cristãos, chegando a afirmar que a voz da profecia, ao menos no horizonte social, estava silenciosa. Para resgatar a mentalidade cristã perdida nos escombros do secularismo, ele relembra as suas principais características: a orientação sobrenatural, a percepção do mal, o conceito de verdade, a aceitação de autoridade, a preocupação com a pessoa e a disposição sacramental.

A respeito do primeiro atributo, Blamires recorda que "a mente cristã considera que a vida e a história humana estão nas mãos de Deus. Vê o universo inteiro sustentado pelo poder e pelo amor do Senhor. Considera a ordem natural, e o tempo encerrado na eternidade". A orientação sobrenatural também "percebe esta vida como uma experiência inconclusiva, que apenas nos prepara para outra. Considera este mundo um lugar de refúgio temporário, não nosso lar verdadeiro e final".[14]

A revelação e o sobrenatural

O episódio em questão mostra a dimensão sobrenatural da vida e a revelação divina. Acreditamos, por isso, num Deus que se revela e que revela os seus planos ao homem, seja de forma geral (Sl 19, Rm 1) ou especial (Hb 1.1-3; 2 Tm 3.15-16), incluindo sonhos e visões (Is 1.1; 6.1; Ez 1.3, Ap 1.1).

O favor de Deus sobre a vida do profeta mostra que a fé bíblica sabe conciliar a revelação sobrenatural com a razão. Como observou John Lennox: "Quando Deus revelou o assunto a Daniel, não suspendeu o uso da razão por parte do jovem. Daniel teve de usar a razão para entender as palavras que Deus lhe disse e formular a sua resposta a Nabucodonosor",[15] que, por sua vez, precisou usar a razão para ver que a interpretação fazia sentido.

Sem renunciar à revelação, o crente faz uso de uma racionalidade concedida por Deus (Rm 12.1; 1 Pe 2.2), que opera em um nível além da compreensão humana. Trata-se de uma racionalidade que não negligencia o sobrenatural, pois tem a certeza de que Deus está agindo no seu próprio mundo criado.

A racionalidade é limitada e não consegue entender sozinha a complexidade humana, os mistérios insondáveis de Deus, a vida presente e o futuro. A revelação é o ato gracioso de Deus pelo qual Ele desvela, tira o véu, daquilo que está oculto e que a mente humana não consegue naturalmente acessar.

O mesmo Deus que graciosamente revelou a Daniel o sonho do rei e a sua interpretação é o mesmo que continua a revelar-se em nossos dias. Assim como Ele mostrou a sua sabedoria e poder na vida de Daniel, Ele ainda hoje demonstra a sua presença e cuidado por meio das suas revelações. Podemos buscar a Deus em oração, meditar na sua Palavra e estar atentos à sua voz sussurrada em nosso coração.

---

1 HELM, David. **Daniel para Você**. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 36.
2 PEDRO, Severino. **Daniel Versículo por Versículo**. Rio de Janeiro: CPAD, 1986, p. 26.

3 LENNOX, John. **Contra a Correnteza**: A inspiração de Daniel para uma época de relativismo. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 113.
4 PEDRO,1986, p. 33.
5 PEDRO, 1986, p. 40.
6 SWIN, Roy E. **Comentário Bíblico Beacon**. Vol. 4. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 508.
7 LOPES, Hernandes. **Daniel – o Homem Amado no Céu**. São Paulo: Hagnos, 2005, p. 47.
8 LENNOX, 2018, p. 133.
9 STUART, Olyott. **Ouse Ser Firme**: o livro de Daniel.São José dos Campos/SP: Editora Fiel, 1996, p. 37.
10 LENNOX, 2018, p. 111.
11 EAGLETON, Terry. **A morte de Deus na Cultura**. Rio de Janeiro: 2016, p.24.
12 BLAMIRES, Harry. **A Mente Cristã**: como um cristão deve pensar. São Paulo: Shedd Publicações, 2006.
13 Ibid., p. 45.
14 Ibid., p. 72.
15 LENNOX, 2018, p. 114.

Capítulo 6

CORAGEM PARA ENFRENTAR A FORNALHA ARDENTE

Chegamos ao terceiro capítulo de Daniel. Essa passagem descreve o momento em que o rei Nabucodonosor decretou que todos se curvassem diante de uma imponente estátua que ele havia erguido, com a pena de serem queimados vivos na fornalha em caso de desobediência.

Sem a menção de Daniel no ocorrido, veremos que os três jovens hebreus — Ananias, Misael e Azarias — possuíam a mesma tenacidade e fidelidade do seu líder. Em toda a sua profundidade, a narrativa fornece-nos um importante ponto de contato com as tentativas contemporâneas de imposição totalitária tanto religiosas quanto seculares. Também nos leva a perceber os perigos das formas mais sutis de idolatria, que procuram, de maneiras diversas, retirar a primazia de Deus em nossa vida.

I. O REI TOTALITÁRIO MANDA CONSTRUIR UMA ESTÁTUA DE OURO

Ao longo da história, muitos homens tentaram assumir a posição de deuses em busca de glória e reverência. Envenenado pelo poder, Nabucodonosor também fez isso. O monarca mandou construir no campo de Dura[1] uma estátua colossal de ouro com mais de 27 metros de altura.

Alguns expositores sugerem que esse intento soberbo teria nascido no coração do rei após ouvir que ele era a cabeça de ouro. O sonho teria marcado-o profundamente, de tal forma que a estátua seria a sua própria representação. A construção suntuosa seria, eventualmente, o resultado da crescente vaidade desse déspota oriental, cuja mente pagã falhou em sondar

o verdadeiro significado[2] das percepções espirituais que Deus havia revelado a Daniel.

Em adição a esse argumento, não era incomum na Antiguidade a construção de imagens para honrar os governantes. Enquanto a participação nessas cerimônias era uma prova de reconhecimento da soberania da divindade e do rei, a ausência nesses rituais revelava insubordinação. Desse modo, os três amigos não teriam sido obrigados a adorar uma divindade, mas a participar de uma cerimônia que honrava e adorava ao rei de forma semelhante aos deuses.[3] Embora os reis pagãos evitassem igualar-se às suas divindades, a exigência de lealdade absoluta e veneração implicava a mesma coisa.

Outros comentadores bíblicos[4] sustentam que Nabucodonosor teria edificado a estátua em homenagem a um dos seus deuses. Na Mesopotâmia, a prática de culto e adoração a divindades por meio de estátuas era comum. Muitos sugerem que a estátua fosse uma imagem do deus Merodaque, o padroeiro da cidade de Babilônia; ou do deus Nebo, do qual derivava o nome do rei.[5]

O decreto de Nabucodonosor para que todos se curvassem diante daquela estátua pode ser interpretado como uma estratégia para consolidar o poder político, vinculando-o à autoridade divina. Os estrangeiros que foram levados cativos, tão devotos às suas próprias religiões e divindades, deveriam saber quem eram os deuses da Babilônia.

A Bíblia, contudo, não menciona de quem era a representação da imagem, se dele mesmo ou se de alguma das suas divindades. Seja como for, vemos aqui um ato extremo de autoexaltação e demonstração de poder. Muitas vezes a religião é somente um pretexto para que líderes tiranos escondam o desejo de ser notado pelo mundo, usando-a para fins egoístas.

Em busca de adoração

Qualquer que seja a representação da imagem, e qualquer que tenha sido a motivação de Nabucodonosor, todas as pessoas, grandes e pequenas, estavam obrigadas a comparecer à cerimônia de consagração da imagem levantada (3.2). Era costume consagrar as suas estátuas antes de adorarem-nas.

Mais que um simples convite, era uma ordem! O rei queria impor a sua religião a todos. Além da presença, todos deveriam prostrar-se em adoração diante da suntuosa imagem assim que os instrumentos fossem tocados. A estátua era mais que um objeto arquitetônico; era um ídolo que deveria ser reverenciado por todos os súditos, tanto que a palavra "adorar" (aram. *s^{e}ghidh*) é mencionada diversas vezes (v. 5,6,7,10,11,12,14,15,18,28).

A punição para o descumprimento seria a morte dentro da fornalha. A cremação era uma forma de punição dos babilônios desde o Código de Hamurabi. Na época de Nabucodonosor, é mencionada também pelo profeta Jeremias (29.22).

A solenidade é extravagante e pomposa, e até mesmo uma orquestra é preparada. Assim que os instrumentos musicais fossem tocados, todos, inclusive as autoridades, deveriam prostrar-se e adorar. A palavra "prostrar" deixa claro que se tratava de uma veneração de caráter intenso e religioso. Os súditos deveriam curvar-se, inclinar-se ou se ajoelhar como sinal de adoração e reverência.

O verso 7 revela que, assim que o povo ouviu o som dos instrumentos, todos se prostraram e adoraram a estátua. Obviamente, como veremos, o escritor estava se referindo à massa de pessoas que, por convicção ou por medo da punição, deram cumprimento ao decreto do rei. Como é natural, três jovens fiéis não fazem parte de "todos". Curvar-se ao ídolo não era problema para a grande maioria das pessoas no Império Babilônio, embora procedessem de nações conquistadas. Contudo, havia remanescentes que não estavam dispostos a cumprir o decreto real.

II. A CORAGEM DOS AMIGOS DE DANIEL

Diante do decreto, alguns caldeus (3.8) dirigem-se ao rei e denunciam o trio de jovens hebreus, dizendo:

> Há uns homens judeus, que tu constituíste sobre os negócios da província de Babilônia: Sadraque, Mesaque e Abede-Nego; esses homens, ó rei, não fizeram caso de ti; a teus deuses não servem, nem a estátua de ouro, que levantaste, adoraram. (3.12)

Em primeiro lugar, as palavras dos acusadores revelam que eram invejosos ao mencionarem a posição privilegiada que os jovens judeus conquistaram em tão pouco tempo. Em segundo lugar, eram bajuladores ao

apelarem para o ego do rei ("não fizeram caso de ti"). Em terceiro lugar, eram ingratos, porquanto se esquecerem de que eles tiveram a vida poupada pela intervenção de Daniel e desses jovens que agora denunciam (2.24).

É curioso notar que Daniel não é mencionado nesse episódio. Não está escrito onde ele estava e nem o que fazia na ocasião. Certamente, por causa do seu caráter e testemunho ao longo da vida, Daniel não teria adorado a estátua do rei. Embora não tenhamos informações sobre o "sumiço" do líder, podemos extrair algumas preciosas lições do seu desaparecimento.

O fato de ele não estar diretamente envolvido nesse relato, apesar de ser o personagem humano principal no livro, indica que a coragem e a fé não eram exclusivas dele. Mostra que a fé e a fidelidade ao Senhor eram qualidades compartilhadas igualmente pelos outros jovens judeus. Além disso, o fato de Daniel, autor do livro, ter registrado o episódio sem a sua presença demonstra a sua humildade ao não se colocar como a única testemunha fiel na Babilônia, mas, sim, como alguém que deseja transmitir as lições e os exemplos de fé dos seus companheiros.

A fidelidade, afinal, não é exclusiva de alguém. Da mesma forma, não existem heróis solitários na vida cristã e sempre há alguém com quem podemos contar. A Igreja é um corpo formado por muitos membros (Rm 12.4,5).

A bravura dos jovens diante da perseguição

Tomado de fúria, o rei manda chamar os três rapazes e dá a eles o ultimato: se adorassem a estátua, estariam livres; do contrário, seriam lançados imediatamente na fornalha. Na sua prepotência, ainda diz: "[...] e quem é o Deus que vos poderá livrar das minhas mãos?" (v. 15).

Mostrando profunda convicção e força de caráter, que se manifesta em crentes sinceros que não se acovardam (2 Tm 1.7), os três rapazes rejeitam até mesmo se defender. Eles não precisam justificar-se diante da injustiça; é Deus quem os justifica (Rm 8.33). Com bravura, afirmam que, se forem lançados na fornalha, Deus irá livrá-los. E, mesmo se isso não ocorresse, em hipótese alguma iriam cultuar a imagem (v. 18). Não negociaram os seus valores e não negaram a fé.

Mesmo que as pessoas mais influentes tivessem cedido e ainda que a multidão tenha-se curvado à estátua, eles não o fariam. Tal resposta mostra que esses jovens eram novos em idade, porém maduros na fé. Sabiam que eventualmente, dependendo da vontade de Deus, estariam preparados para a morte. Preferiam morrer a ceder ao pecado!

Stuart Olyott resume bem a situação:

> A submissão de todos ao edito do rei era esperada, pois ninguém desejaria ser oprimido ou prejudicado por ele. Ninguém, exceto o remanescente fiel a Deus. A evidência de que eles permaneciam fiéis a Deus estava no fato que de modo algum se envolveriam no culto a deuses falsos. O primeiro mandamento era de suprema importância para eles. Nada consideravam mais importante do que amar o Senhor, seu Deus, com todo o seu coração, alma, mente e forças. Haviam recusado comer alimentos oferecidos aos ídolos e, portanto, certamente não se prostrariam diante de uma imagem. Todos os outros poderiam submeter-se ao decreto do rei, mas não eles. Há um Poder mais alto que devia ser obedecido. Somente eles seriam diferentes, não-conformistas. O pecado é pecado e não pode ser cometido, ainda que não o praticar implique em morte certa em uma fornalha ardente. Quando todos se curvassem, eles permaneceriam de pé![6]

A forma de agir da Hananias, Mizael e Azarias é um exemplo de firmeza diante dos ataques do mundo contra a fé. Em todas as épocas, os servos do Senhor têm sido constrangidos, perseguidos, presos e muitas vezes mortos por causa da fé que professam. Isso ocorreu no Antigo Testamento com os judeus e seguiu-se no Novo Testamento com a Igreja de Cristo. Atos 4 marca o início da perseguição aos cristãos logo após a descida do Espírito Santo, com a prisão de Pedro e João. Era o início da Igreja Perseguida.

A perseguição ocorre quando cristãos e as suas comunidades experimentam pressão e/ou violência por razões relacionadas à fé em Jesus. Ela manifesta-se tanto pela hostilidade social e cultural quanto por restrições legais impostas pelos governos e os seus agentes. De acordo com a *Missão Portas Abertas*, a perseguição religiosa "é consequência de uma 'dinâmica de poder' social que normalmente representa uma visão de mundo que tem uma reivindicação de superioridade sobre outras visões de mundo", não aceitando a convivência pacífica.[7]

A perseguição geralmente decorre de religiões, ideologias e/ou mentalidades corrompidas, que agem com o impulso de dominação e opressão. Ainda segundo a *Missão Portas Abertas*, dentre as principais formas de perseguição religiosa, estão o nacionalismo religioso, a hostilidade

etnorreligiosa, o protecionismo denominacional, a opressão comunista e pós-comunista, a intolerância secular e a paranoia ditatorial. No episódio de Daniel 3, a situação enquadra-se numa paranoia ditatorial, em que o governante procura impor as suas ideias valendo-se de pressão e ameaça de violência.

Em nossos dias, principalmente no Ocidente, a intolerância secular é a principal forma de perseguição à Igreja. Essa forma de conduta procura transformar a sociedade na forma de uma nova ética radicalmente secularista.

> Está, parcialmente, relacionada a normas e valores sobre sexualidade, casamento e outras questões que são contrárias aos valores cristãos. Quando indivíduos ou instituições cristãs tentam resistir a essa nova ética, são combatidos por meio de leis sobre não discriminação, censura da cruz e outros símbolos religiosos, leis de registro de igrejas, etc. A maior parte não é violenta, embora ocorram prisões de pastores e outros cristãos.[8]

Embora a liberdade religiosa seja um direito consagrado na Declaração Universal dos Direitos do Homem, os cristãos são hostilizados e pressionados por causa da fé em Cristo em várias partes do mundo. Tendo como exemplo os jovens hebreus e o sangue dos mártires que morreram por amor a Cristo, somos encorajados a resistir às investidas do mundo. Aqueles moços sabiam que, acima do decreto de Nabucodonosor, havia uma lei suprema, que não poderia ser contrariada. Trata-se de uma lei natural, transcendente, escrita no coração, acima de qualquer lei criada pelo governo humano.

O Deus que salva na fornalha

Diante do protesto dos rapazes, Nabucodonosor perdeu a paciência e mandou aquecer a fornalha sete vezes mais, determinando que Hananias, Mizael e Azarias fossem amarrados e jogados dentro da fornalha (3.19). O fogo era tão quente que matou aqueles que os conduziam (v. 22).

Quanto aos rapazes, porém, o fogo não teve poder sobre eles; aliás, Deus transformou o instrumento de morte em instrumento de livramento.[9] O fogo queimou as cordas que os prendiam, mas não queimou os seus corpos; assim, eles ficaram vivos e livres. Um verdadeiro milagre.

O rei percebeu que os moços não estavam sozinhos. “Por acaso não foram jogadas três pessoas na fornalha, então por que estou vendo quatro?”, indaga Nabucodonosor.

O rei observou que, além de vivos e livres, eles passeavam dentro do fogo sem sofrer nenhum dano (v. 25). Deus não apenas livra da morte quem é fiel, mas permite “passear pelo fogo”, dando testemunho do poder de Deus e do seu grande livramento. O Senhor permite que passemos por vales e provações, mas sempre está conosco (Is 43.2; Mt 28.20).

Nas palavras de Nabucodonosor, o aspecto da quarta pessoa dentro da fornalha era semelhante ao “filho dos deuses”, ou semelhante aos deuses. O rei está simplesmente expressando com as suas palavras que viu um ser sobrenatural entre as chamas. A passagem bíblica não nos revela a identidade desse personagem. Alguns entendem tratar-se de Jesus[10] pré-encarnado, sendo uma teofania do próprio Deus, ou até mesmo um anjo[11] (cf. v. 28). Seja como for, Deus estava com os jovens dentro da fornalha.

Ao final, todos constatam o grande livramento: os cabelos dos jovens hebreus não foram chamuscados, as roupas não sofreram mudança, e nem cheiro de fumaça eles possuíam (3.27). Deus cuidou dos mínimos detalhes (Mt 10.30). Como resultado da fidelidade e bom testemunho dos jovens, o rei, agora, em vez de exigir adoração, louva a Deus (v. 28). Também os fez prosperar (v. 30). Quando o crente é fiel, o Senhor é exaltado. Quando o crente honra a Deus, Ele também o honra (v. 26).

III. IDOLATRIAS E FORNALHAS DO TEMPO PRESENTE

No Antigo Testamento, a idolatria é considerada um pecado grave que viola o primeiro mandamento (Êx 20.3). É a adoração a um ídolo, uma imagem ou qualquer outra coisa que seja considerada um falso deus ou objeto de adoração no lugar do Deus verdadeiro.

Não é sem razão que a proibição de ter outros deuses vem em primeiro lugar no Decálogo, pois o pecado de idolatria é a origem dos demais pecados. Ao cultuar falsos deuses e falsas ideias, o homem perde os referenciais morais e espirituais estabelecidos por Deus, levando a outras práticas iníquas.

Por essa razão, os jovens hebreus se negaram a atender à ordem do rei. A sua nação estava sendo castigada pelo Senhor por causa da idolatria, e eles não estavam dispostos a cometer o mesmo erro do povo. Eles não chegaram a considerar sequer a possibilidade de realizar uma adoração falsa em público enquanto mantinham a fé em Deus no seu coração. Sabiam eles que qualquer forma de compromisso com a idolatria já era uma negação de Deus, pois o verdadeiro testemunho é baseado na integridade, expresso pelos lábios e guardado no coração.

Tipos de idolatria

No Novo Testamento, a Bíblia igualmente adverte sobre o pecado da idolatria (1 Co 10.14; 1 Jo 5.21; Cl 3.5; Gl 5.19-21; Ap 21.8). Contudo, é preciso lembrar que, além da devoção religiosa a falsos deuses e imagens de escultura, a idolatria também pode manifestar-se em várias outras condutas que excluem a primazia do Senhor da vida. Trata-se do pecado que tenta substituir o Deus verdadeiro por falsos deuses criados pelo homem, sejam eles físicos ou não, tanto em forma material quanto teórica (Sl 96.5):

a) **Autolatria**. Forma de idolatria própria que conduz ao egoísmo, ao individualismo e ao narcisismo. Quando o ego e a autoimagem são colocados acima de tudo, as pessoas tornam-se amantes de si mesmas (2 Tm 3.2).

b) **Culto à personalidade**. Valorização e veneração excessiva de outras pessoas, tais como figuras públicas, artistas, *influencers* e até mesmo religiosos. Paulo combateu esse tipo de prática que levava ao partidarismo na igreja de Corinto (1 Co 1.12,13).

c) **Amor ao dinheiro e à riqueza**. A busca desenfreada por riqueza e o foco no dinheiro como o principal objetivo da vida. Jesus disse que ninguém pode servir a dois senhores, porque ou há de odiar um e amar o outro ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom (Mt 6.24).

d) **Idolatria política**. Esse pecado também se manifesta na supervalorização de ideias e formas de pensamento segundo a tradição dos homens (Cl 2.8). Em nossos dias, novas formas de

> idolatria escondem-se em ideologias políticas que prometem algum tipo de salvação ou redenção humana. Uma ideologia corresponde a um sistema específico de ideias, uma visão totalizante da vida. Enquanto tal, ela busca resolver os problemas sociais, econômicos e políticos do mundo, apresentando-se como uma "tábua de salvação". Em certo sentido, todos os sistemas de ideias possuem uma dimensão religiosa quando prometem ao ser humano libertação de certos males que afligem a sociedade.

É preciso analisar um pouco mais a ideologia como idolatria, pois é uma das mais imperceptíveis e danosas em nosso tempo.

O que distingue uma ideologia da outra é a ênfase dada a algum aspecto ou elemento presente no mundo. Com efeito, o ponto comum a todas as ideologias é a veneração excessiva a algum aspecto da criação, o que faz surgir um tipo de idolatria (Êx 20.3; Rm 1.25; 1 Co 10.7). Em sentido mais amplo, portanto,

> a idolatria em formas teóricas pode incluir as vãs filosofias dos homens, pois ela tira parte da glória de Deus (Rm 1.23) e confere honras divinas a outrem. Assim, o naturalismo, o humanismo e o racionalismo são tipos de idolatria.[12]

Se a reverência a Moloque, Aserá, Astarte e Baal no Antigo Testamento acarretava matança de crianças, assassinatos, danos físicos, distorções sexuais e outras mazelas, hoje a obediência cega e idolátrica a certas convicções filosóficas e políticas têm igualmente provocado danos pessoais e sociais catastróficos. A diferença é que os ídolos contemporâneos são sofisticados e vêm envoltos em uma roupagem pós-moderna.

> Os ídolos de hoje costumam usar as vestes da racionalidade, da radicalidade e da instrumentalidade das ideologias modernas. Além disso, ao contrário dos anteriores, esses deuses são poderosamente dinâmicos e estão sempre em movimento. O que permanece aplicável é a essência da idolatria em si. As pessoas colocam algo feito elas em uma posição exaltada na sociedade. Depois, oferecem, sacrifícios em seu nome, como se aquilo tivesse vida e poder próprios. Por fim, elas se sujeitam a esses ídolos, mesmo que seus desejos não tenham sido satisfeitos".[13]

As ideologias elegem algo dentro da criação e transformam-na no seu próprio deus. David Koyzis expressou que "a idolatria escolhe um elemento da criação de Deus e tenta colocar essa coisa acima da barreira que separa o Criador da criatura, transformando-a numa espécie de Deus". Tal ocorre

quando se valoriza mais a liberdade (individualismo), a nação (nacionalismo), o dinheiro (capitalismo), a propriedade comum (socialismo) ou o meio ambiente (ambientalismo), por exemplo, acima de Deus, crendo que tais elementos, por si sós, possam proporcionar prosperidade, segurança e salvação para o homem.

Em certo sentido, o processo de construção ideológica revela o desejo legítimo do ser humano em explicar o que ocorre à sua volta, manifesta a sua necessidade interna de satisfazer a angústia por segurança, liberdade ou organização. Naturalmente, o homem anseia por referenciais. No episódio do bezerro de ouro (Êx 32), por exemplo, o povo de Israel, vendo que Moisés tardava em descer do monte, construiu a sua própria divindade. Seria ela o guia, o ponto de referência visual para aquele povo rebelde. Entretanto, o desejo legítimo foi satisfeito por uma ação ilegítima: a tentativa de substituir o Deus Jeová. O problema mais básico das ideologias é que elas tentam substituir a soberania e a suficiência divina por algo aparentemente benéfico, porém canalizado para um fim equivocado. O ouro usado para a construção do bezerro era, afinal, elemento da natureza criada por Deus, mas, uma vez fundido e feito em forma de animal para ser adorado, culminou na usurpação do propósito divino para o homem.

No mesmo sentido, a devoção demasiada a qualquer coisa fora do Criador transforma-se em idolatria. Afinal, compreendemos que o pecado de idolatria expressa-se não somente pela adoração aos deuses feitos de pedra ou madeira, mas também pela veneração a ideias e doutrinas humanas que podem levar a um estilo de vida correspondente (Sl 115.8).

A paixão ideológica produz mentes cativas, subservientes às suas proposições.

As novas fornalhas

Nabucodonosor não foi o único governante a exigir das pessoas lealdade absoluta. Esse tipo de regime totalitário aconteceu diversas vezes na história, transformando o Estado ou o líder político em objeto de reverência absoluta por meio do culto à personalidade. Trata-se de um sistema em que o governo possui controle sobre todos os aspectos da vida dos cidadãos, não havendo há espaço para oposição política ou liberdades individuais. Em

muitos casos, a religião é distorcida e usada como instrumento desse tipo de regime.

Em nossa cultura ocidental, os cristãos estão sendo empurrados para formas atualizadas de fornalhas ardentes. Elas não queimam o corpo, mas tentam destruir a fé, a espiritualidade e as convicções daqueles que servem ao Deus das Escrituras. Pensamentos totalitários procuram jogar os cristãos para a morte na cultura, caso não adoremos os seus ídolos. As fornalhas são novas, mas a estratégia é antiga. Vale a pena seguir o exemplo dos jovens hebreus e batalhar pela fé.

Passaram-se muitos anos desde o episódio em que os jovens hebreus enfrentaram a ameaça de serem lançados em um forno ardente por não adorarem a estátua do rei. Hoje, a Igreja de Cristo depara-se com pressões para ceder a ideologias prejudiciais. É essencial encontrar a coragem de resistir a essas pressões idolátricas evidentes e, ao mesmo tempo, discernimento para evitar a adoração de estátuas que sutilmente se ocultam em outras formas de expressão.

---

1 *Dura* significa "lugar rodeado por muros". É uma abreviação de um nome mais longo composto com Durtal como Duru-sha-karrari, um subúrbio da Babilônia. BALDWIN, Joyce G. **Daniel – Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1983, P. 106.

2 SWIN, Roy E. **Comentário Bíblico Beacon**. Vol. 4. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 509.

3 WALTON, John H. MATTHEWS, Victor H. CHAVALAS, Mark W. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia – Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 950.

4 CALVINO, João. **Daniel** – Volume I. São Paulo: Editora Paracleto, 2000, p. 181.

5 SILVA, Severino Pedro da. **Daniel Versículo por Versículo**: as visões para estes últimos dias. Rio de Janeiro: CPAD, 1985, p. 53-54.

6 OLYOTT, Stuart. **Ouse Ser Firme**: o livro de Daniel. São José dos Campos: Editora Fiel, 1996, p. 47.

7 Disponível em: https://portasabertas.org.br/lista-mundial/entenda-a-perseguicao-aos-cristaos.

8 Disponível em: https://portasabertas.org.br/lista-mundial/entenda-a-perseguicao-aos-cristaos.

9 LOPES, Hernandes. **Daniel – O Homem Amado no Céu**. São Paulo: Hagnos, 2005, p. 56.

10 PEDRO, Severino. **Daniel Versículo por Versículo**. Rio de Janeiro: CPAD, 1986, p. 67.
11 HELM, David. **Daniel para Você**. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 66.
12 PFEIFFER, Charles F; VOS, Howard F., REA, John Rea. **Dicionário Bíblico Wycliffe**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 946.
13 RAMOS, L.; CAMARGO, M; AMORIM, R. **Fé cristã e Cultura Contemporânea**: cosmovisão cristã, igreja local e transformação integral. Viçosa/MG: Ultimato, 2009, p. 143.

Capítulo 7

DEUS ABATE O CORAÇÃO ORGULHOSO

O capítulo 4 de Daniel, um dos mais extensos do livro, narra parte da biografia de Nabucodonosor e pode ser descrito como o julgamento ou a humilhação do rei da Babilônia. Neste testemunho pessoal, veremos como Deus abateu o seu orgulho e conduziu-o à humilhação e ao arrependimento.

Veremos como a sua soberba levou-o, por divina sentença, a uma condição de insanidade, fazendo-o viver como um animal selvagem por um período conhecido como "sete tempos", até que Deus redimiu-o dessa situação. Ao fim desse período, Nabucodonosor experimentou uma profunda transformação, reconhecendo a soberania do Deus Altíssimo.

Além do aspecto pessoal, este capítulo tem, segundo alguns autores, um caráter tipológico,[1] pois é possível ver no monarca um tipo de poder gentílico neste mundo, que será subjugado no fim pelo poder de Cristo.[2]

I. O EDITO E O SONHO DO REI

O quarto capítulo começa com um edito de Nabucodonosor, uma espécie de pronunciamento oficial para conhecimento de todos. O documento pode ser considerado não como uma lei, mas uma confissão feita em uma espécie de carta aberta.[3]

Nele, o rei declara a grandeza de Deus: "Quão grandes são os seus sinais, e quão poderosas, as suas maravilhas! O seu reino é um reino sempiterno, e o seu domínio, de geração em geração" (4.3). Contudo, como veremos, o

reconhecimento da grandiosidade de Deus pelo rei somente se deu depois da experiência dramática que ele narra a seguir (4.37).

Um ponto interessante acerca dessa passagem é sobre a sua autoria[4]. Conforme John Walvoord, quer o capítulo tenha sido escrito pelo próprio Nabucodonosor, quer por um dos seus escribas, quer possivelmente pelo próprio Daniel, sob a orientação do rei, o relato possui inspiração divina.[5]

A satisfação momentânea do rei e o seu sonho

Nabucodonosor conta como ele foi despertado da sua falsa segurança em que viveu por tanto tempo. O rei estava satisfeito e próspero no seu palácio (4.4). Com as suas conquistas, ele havia estendido o domínio do seu vasto império, alcançando grande sucesso. Nabucodonosor gozava de riqueza e fama. A sua cidade, Babilônia, era um esplendor, e ele sentia-se sossegado. Como na parábola de Jesus (Lc 12.13-21), a sua alma descansava na confiança da sua riqueza.

Não é esse o mesmo sentimento daqueles que vivem sem Deus e confiam na prosperidade material? No entanto, a paz e a satisfação do rei foram abruptamente interrompidas por um sonho perturbador. Diz o texto: "Tive um sonho, que me espantou; e estando eu na minha cama, as imaginações e as visões da minha cabeça me turbaram" (4.5).

A expressão "me espantou" indica um terror extremo ou pavor. O homem sem Deus, quando confrontado pela revelação divina e ao enxergar a sua real situação, é invadido pelo pavor da sua condição miserável.

Convocados para darem a interpretação do sonho, mais uma vez os sábios da corte não tinham uma explicação para oferecer ao rei (vv. 6,7). Nabucodonosor, então, manda chamar novamente Daniel. O monarca sabia que Daniel era diferente, em quem habitava o espírito de um ser divino (vv. 8,9). Diante das dificuldades, os descrentes buscam o socorro daqueles que dão testemunho de Deus.

A descrição do sonho

Ao narrar o sonho, o rei diz ter visto uma árvore frondosa, que crescia cada vez mais até a sua copa chegar ao céu. As suas folhas eram belas, e muitos

eram os seus frutos. Os animais do campo abrigavam-se debaixo dela, e os pássaros faziam ninhos nos seus ramos (vv.10-12).

No sonho, surge uma sentinela, um anjo que descia do céu que dava ordem para que a árvore fosse derrubada, deixando somente o toco e as suas raízes, presos com ferro e bronze. Ele deveria ser molhado como orvalho do céu e viveria com os animais selvagens. Durante sete tempos, teria a mente de um animal selvagem em vez de mente humana (vv. 15-17).

II. DANIEL INTERPRETA O SONHO E ACONSELHA O REI

Após ouvir a narrativa do sonho, Daniel permaneceu profundamente perturbado por um período (v. 19) a ponto de o próprio rei tentar acalmá-lo. Entretanto, Daniel, ciente do significado do sonho, talvez estivesse preocupado com a maneira de comunicar a interpretação ao rei. Mesmo ao compartilhar a verdade, é essencial exercer prudência e escolher as palavras apropriadas. A Bíblia destaca: "Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo" (Pv 25.11).

O assombro do profeta mostra o seu lado humano e afetivo. Daniel, como qualquer um de nós, não estava blindado contra fortes emoções de medo e pavor. O fato de querer bem ao rei e saber o que haveria de suceder-lhe, pesou no coração do jovem hebreu. Mesmo assim, além da inteligência espiritual, Daniel teve inteligência emocional para enfrentar a delicada situação.

"Senhor meu, seja o sonho contra os que te têm ódio, e a sua interpretação aos teus inimigos" (4.19), começou Daniel com toda a cautela, passando a contar ao rei a interpretação do sonho:

a) **A árvore majestosa** (**vv. 11,12**). A árvore simbolizava a formosura, a grandeza, o poder e a riqueza do reino de Nabucodonosor. De fato, este rei que governou a Babilônia no período de 605 a 562 a.C. foi um dos mais poderosos da história da Mesopotâmia. Daniel foi enfático ao dizer que a árvore era o próprio rei: "És tu, ó rei" (v. 22).

b) **O juízo divino**. O semblante do rei deve ter caído ao ouvir o restante da interpretação. O seu reino estava com os dias contados. Isso porque a árvore deveria ser cortada, deixando somente o tronco com as suas raízes, presas com ferro e bronze. O verso 15 mostra que a intenção não era a destruição completa de Nabucodonosor, e sim lhe dar a oportunidade de converter-se. A expressão "[...] o teu reino voltará para ti, depois que tiveres conhecido que o céu reina" (4.26) mostra que o Senhor é Deus de juízo, mas também de misericórdia.

c) **Vivendo entre os animais**. Daniel ainda diz que o entendimento do rei seria afetado, passando a viver e a comer entre os animais durante *sete tempos*, interpretado pela maioria dos comentaristas como *sete anos*.[6] Isso indicava a perda do discernimento mental por algum tipo de insanidade.

O conselho de Daniel

Após a interpretação do sonho, Daniel não se limitou a explicar o seu sentido. Como profeta, ele também aconselhou o rei a deixar a sua soberba e a renunciar os seus pecados:

> Portanto, ó rei, aceita o meu conselho, e põe fim aos teus pecados, praticando a justiça, e às tuas iniquidades, usando de misericórdia com os pobres, pois, talvez se prolongue a tua tranquilidade. (4.27)

Daniel é um modelo de pregador misericordioso e equilibrado. Ele enfatiza tanto a queda humana e as suas consequências, como também a possibilidade de redenção para o ser humano caído. Ele mostra o erro, porém enfatiza a graça divina capaz de reconciliar o homem.

Nessa passagem do versículo 27, nas palavras de Joyce Baldwin, não temos um determinismo passivo, e sim um incentivo a uma mudança de estilo de vida.[7] Não se tratava, portanto, de uma teologia do tipo toma-lá-dá-cá, pela qual o rei poderia ser salvo pelas suas obras.

> Nabucodonosor não recebeu uma promessa de perdão com base em boas obras ou esmolas aos pobres; antes, a questão era que, caso fosse um rei sábio e benevolente, ele atenuaria a necessidade da intervenção de Deus por meio do juízo imediato em razão de seu orgulho.[8]

A mudança de postura exigida por Deus envolvia a prática da justiça e o abandono da iniquidade, usando de misericórdia com os pobres. Isso mostra que a disciplina sobre o imperador também se devia à sua negligência e falta de misericórdia com os menos afortunados. O Senhor considerou essas falhas tão graves que o rei teria de passar por um período de disciplina, comendo com os animais do campo.

Daniel era um conselheiro de valor e não estava preocupado em satisfazer o rei para manter o seu cargo na corte, razão pela qual admoestou Nabucodonosor sobre os seus vícios de caráter.

III. O CUMPRIMENTO DA PROFECIA E A RESTAURAÇÃO DO REI

Doze meses após o sonho, veio o seu cumprimento sobre a vida de Nabucodonosor (4.29). Ignorando a advertência divina por meio de Daniel, o rei vangloriava-se, dizendo: "Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com a força do meu poder e para glória da minha magnificência?" (4.39).

Mesmo tendo ouvido a exortação sobre as consequências das suas atitudes, pela interpretação e exortação do servo de Deus, o rei continuou no seu caminho de prepotência. Conforme nos lembra Stuart Olyott, muitos agem da mesma maneira, pois ouvem a verdade do evangelho, que lhes causa profunda impressão, ficam tocados e inquietos pelo que ouviram, mas não dão lugar ao evangelho na sua vida. Olyott prossegue:

> Usando a linguagem de nossos antepassados, Nabucodonosor possuía a *notitia* e o *assensus*, mas não a *fiducia*. Em outras palavras, ouviu a verdade e a reconheceu como verdade — aceitou o fato de que ela é a verdade. Mas não se comprometeu com aquilo que sabia ser a verdade. Não descansou nela e não a tornou o fundamento de sua confiança.

Há uma enorme diferença entre assentimento intelectual e arrependimento genuíno; entre aceitar a verdade e deixar a verdade promover uma transformação pessoal, conduzindo a uma mudança de vida. O assentimento é importante, mas precisa ser seguido do reconhecimento da soberania divina e da conversão pessoal.

Desse modo, ao concluir a sua fala de autoglorificação, uma voz do céu declarou o destino de Nabucodonosor: "A ti se diz, ó rei Nabucodonosor: Passou de ti o reino. E serás tirado dentre os homens, e a tua morada será com os animais do campo [...]" (4.31,32). Expulso da companhia humana, o rei passou a viver como animal. Teve um surto que retirou a sua sanidade mental, a sua racionalidade (v. 33).

Vivendo como animal

A punição de Nabucodonosor mostra a diferença entre seres humanos e animais. Enquanto os naturalistas e evolucionistas insistem em defender que o homem é um "animal evoluído", por meio da seleção das espécies, a Bíblia mostra que o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26), com atributos que o distinguem completamente de um animal. Embora os animais tenham sido criados por Deus (Gn 1.21,24,25), não se comparam à natureza especial da raça humana.

A singularidade da raça humana, por causa da sua origem divina, reside nos atributos intrínsecos que a distinguem, moldando-a como detentora de uma natureza especial. A Bíblia, ao destacar que o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus, enfatiza a presença de uma dimensão espiritual, moral e intelectual que transcende o reino animal. A sentença sobre Nabucodonosor não apenas ilustra a soberania divina, mas também ressalta a posição única do ser humano na criação.

O rei foi acometido literalmente de uma loucura que retirou o seu discernimento e lucidez. No plano espiritual, o mesmo ocorre com o homem rebelde. No Novo Testamento, o apóstolo Paulo dá uma solene advertência:

> Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder, como a sua divindade, se entendem, e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis; Porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram, e o **seu coração insensato se obscureceu. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos.** E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis. Por isso também Deus os entregou às concupiscências de seus corações, à imundícia, para desonrarem seus corpos entre si; Pois mudaram a verdade de Deus em mentira, e

> honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém. (Rm 1.20-25, grifos do autor)

Aqueles que rejeitam a verdade são comparados a animais irracionais (2 Pe 2.12; Jd v.10). Eles são como bestas selvagens que seguem o seu próprio instinto. Apesar de dizerem que são portadoras de um tipo especial de conhecimento, vivem em completa ignorância, dominadas pelos seus próprios impulsos. Mathew Henry diz que "os homens, sob o poder do pecado, estão tão distantes de observar a revelação divina que não exercitam a razão, muito menos agem de acordo com ela".[9] Segundo Henry, "animais irracionais seguem o instinto dos seus apetites sensuais, e o homem pecaminoso segue a inclinação da sua mente carnal; eles se negam a usar a compreensão e a razão que Deus lhes deu, e assim são ignorantes do que podem e devem fazer".[10]

O fato é que Deus estava mostrando quem era o verdadeiro soberano e que Ele resiste aos soberbos. No capítulo 5, Daniel declara que, "quando o seu coração se exaltou, e o seu espírito se endureceu em soberba, foi derrubado do seu trono real, e passou dele a sua glória" (5.20).

Segundo H. A. Ironside:

> Em tudo isso, vemos um símbolo do poder gentílico em seu afastamento de Deus e em seu caráter bestial. De que loucura têm sido culpados governadores e nações que pisaram a Palavra de Deus sob seus pés e desprezaram a Sua misericórdia e graça, recusando submeter-se ao Seu governo! Uma grande árvore levantando-se em sua independência até o céu é o símbolo frequentemente usado nas Escrituras para descrever os grandes deste mundo. Ezequiel a utiliza como figura do reino assírio; e no Novo Testamento ela é usada por nosso Senhor Jesus Cristo como símbolo do reino dos céus na forma que ele assumiu nas mãos dos seres humanos.[11]

Norbert Lieth também observa que vivemos hoje numa época do antropocentrismo, em que o homem coloca-se de modo extremo acima de Deus e não o reconhece mais como autoridade suprema.[12] Nabucodonosor é o exemplo típico do ser humano que insiste em sua total independência, acreditando que a sua ciência, tecnologia e poder político são responsáveis pela vida como um todo.

Seguindo o seu próprio caminho de arrogância, o homem governa, comporta-se e vive sem importar-se com nada, agindo como se Deus não existisse, apesar de todas as mensagens e advertências divinas pela sua

palavra e pelos seus mensageiros. A humanidade progride cada vez mais, mas o homem continua sempre o mesmo.[13]

A Bíblia reiteradamente adverte sobre os perigos da soberba e do orgulho prepotente (Pv 16.5,18; Tg 4.6.). Jesus afirmou que qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado (Lc 14.10,11). Portanto, é melhor humilhar-se, para ser exaltado por Deus do que se exaltar e ser humilhado por ele.

O rei reconhece a grandeza de Deus

Tudo isso sobreveio sobre Nabucodonosor para que ele reconhecesse o poder do Altíssimo. Embora fosse chamado pelo profeta Jeremias de "servo" do Senhor (Jr 26.9), no sentido de ter sido o instrumento divino para punir Israel, o rei babilônio não assumiu uma posição de humildade perante Deus. Ocorre que o ímpio precisa ser confrontado pela Palavra de Deus e saber que se encontra perdido.

Bem diferente de algumas pregações de hoje, a mensagem de Deus para o rei não buscou inflar o seu ego, mas mostrar o seu estado, para que pudesse arrepender-se. E assim aconteceu. Passados os dias conforme a revelação, a consciência de Nabucodonosor retornou, recobrando o juízo. Ele glorificou ao Senhor e reconheceu o seu poder eterno (4.34). Ele teve de confessar que a sua humilhação foi ocasionada por Deus, o supremo.

O arrependimento e a restauração do rei da Babilônia mostram que o evangelho tem poder e é capaz de transformar a vida de qualquer pessoa. Podemos crer na conversão do ateu, do dependente de droga, do homossexual, do assassino, da prostituta. O evangelho é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê (Rm 1.16).

Embora não tenhamos edificado uma grande cidade como a Babilônia e realizado grandes feitos como Nabucodonosor, cada um de nós pode ser fisgado pelo orgulho. Tomemos cuidado para não cometermos o mesmo erro do imperador, vangloriando-nos por nossas realizações.

Pregando para todas as pessoas

A postura de Daniel ao transmitir integralmente a mensagem divina ao rei ensina-nos sobre a necessidade de pregarmos sem medo a todas as pessoas

(Mc 16.15). Na universidade, no trabalho ou em qualquer lugar, fale de Jesus e do plano da salvação indistintamente. Anuncie o evangelho aos pobres e ricos e não tenha receio de testemunhar para as autoridades. Daniel não desistiu de Nabucodonosor e não se deixou levar pelo histórico. Ele sabia que quem transforma é Deus.

Vivemos num mundo de pessoas poderosas que, cedo ou tarde, passarão por alguma crise, seja esta ordenada ou permitida pelo Senhor. Nessa hora, essa pessoas irão em busca de ajuda com pessoas que tenham acesso ao céu. Você está pronto a dizer a verdade e orientar alguém ao arrependimento para que a vida dela seja transformada?

A história pessoal de Nabucodonosor oferece-nos uma poderosa lição sobre as consequências da arrogância e da exaltação diante da majestade do Todo-Poderoso. Ela destaca a suprema soberania divina sobre toda a criação, lembrando-nos de que nenhuma criatura pode rivalizar com a glória de Deus. O episódio ilustra a capacidade da misericórdia e da justiça divinas de redimir o ser humano arrependido, revelando a esperança de transformação e restauração para qualquer pessoa.

---

1 De acordo com John F. Walvoord: "Quando comparada a outras passagens bíblicas que falam profeticamente da Babilônia e de sua queda (cf. Is 13-14), torna-se claro que a disputa entre Deus e Nabucodonosor é uma ampla ilustração das tratativas de Deus com a raça humana e, especialmente, com o mundo gentio com o orgulho de sua criatura e a falha em reconhecer a soberania divina". WALVOORD, John F. Daniel. Porto Alegre: Chamada, 2023, p. 168.

2 IRONSIDE, H. A. **Sobre o Livro de Daniel**. São Paulo: Depósito de Literatura Cristã, 2007, p. 56.

3 BALDWIN, Joyce G. **Daniel – Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 114.

4 "Presumivelmente, Nabucodonosor deu permissão para Daniel publicar seu pronunciamento. É possível que o imperador tenha se servido de Daniel na elaboração". LENNOX, John. **Contra a Correnteza**: A inspiração de Daniel para uma época de relativismo. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 172.

5 WALVOORD, John F. **Daniel**. Porto Alegre: Chamada, 2023, p. 169.

6 SWIN, Roy E. **Comentário Bíblico Beacon**. Vol. 4. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 513.

7 BALDWIN, Joyce G. **Daniel – Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 121.

8 WALVOORD, John F. **Daniel**. Porto Alegre: Chamada, 2023, p. 185,186.
9 HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico**: Novo Testamento – Atos a Apocalipse. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 896.
10 Idem.
11 IRONSIDE, 2007, p. 65.
12 LIETH, Norbert. **Daniel**: perspectivas do futuro. Porto Alegre: Actual Edições, 2004, p. 88.
13 Idem, p. 85.

Capítulo 8

A CONSEQUÊNCIA DESTRUIDORA DO PRAZER CARNAL

Muitos anos transcorreram desde os acontecimentos do capítulo 4, e o profeta agora é um homem de idade avançada, longe dos dias da sua juventude. Não obstante, Daniel continua firme em sua jornada de coragem e fidelidade ao Senhor.

Neste relato do capítulo 5, estamos no fim do apogeu do Império Babilônico e deparamo-nos com o episódio em que Belsazar, num banquete dissoluto, entrega-se a prazeres carnais e profana as coisas sagradas. Essa passagem oferece uma oportunidade para refletir sobre o hedonismo e as suas consequências na vida humana.

I. O BANQUETE DE BELSAZAR E O HEDONISMO

O rei e a sua festa carnal

Após a morte de Nabucodonosor II, o seu filho Evil-Merodaque (Jr 52.31-34) assumiu o trono da Babilônia por um curto período. Ele, no entanto, foi assassinado pelo seu cunhado Neriglissar, que assumiu o controle do reino. Após o reinado de Neriglissar, o trono passou para o seu filho Labashi-Marduk, que governou por apenas nove meses antes de ser assassinado.

Com a sua morte, Nabonido, genro de Nabucodonosor, passou a reinar na Babilônia, fazendo o seu filho Belsazar como corregente. Este é o rei

mencionado no capítulo 5 do livro de Daniel, responsável por organizar um banquete extravagante e depravado para mil dos seus nobres.

Por muito tempo, críticos da Bíblia questionaram a existência real de Belsazar, dizendo não existir fontes extrabíblicas antigas que fizessem referência a esse personagem. Em 1854, contudo, foram encontradas placas autênticas (Cilindros de Nabonido) com inscrições cuneiformes do século VI a.C. que mencionam Belsazar inclusive como corregente de Nabonido,[1] corroborando o relato das Escrituras.

Sobre o contexto histórico, John Lennox diz:

> Nabonido fez seu filho Belsazar corregente, confiando o reinado a ele durante sua ausência de dez anos na Arábia, de modo que Belsazar era tecnicamente o segundo governante do reino. É por isso que Belsazar só podia oferecer a posição de terceiro governante no reino àquele que pudesse ler a escrita na parede. A descrição de Nabucodonosor em Daniel 5 como «pai» de Belsazar, é consistente com o costume do Antigo Oriente Próximo, significando "ancestral" em vez de progenitor imediato.[2]

No decorrer da festa carnal, o rei, embriagado, ordenou que fossem trazidos os vasos de ouro e prata saqueados do Templo em Jerusalém pelo rei Nabucodonosor (5.2,3). De forma irresponsável e profana, Belsazar e os seus convidados profanaram esses vasos sagrados ao utilizá-los para beber vinho e render culto aos seus ídolos.

Nessa ocasião, possivelmente enquanto Nabonido encontrava-se ausente da Babilônia, Belsazar promovia o seu festejo com mulheres e amigos, satisfazendo as suas paixões, mesmo diante de um momento conturbado para o Império Babilônico. Na ocasião, a coligação militar formada pelos medos e persas preparava a invasão da cidade.

Segundo historiadores, a festa fora realizada como forma de demonstração de confiança perante os exércitos de Ciro. Pouco antes, Ciro, o Grande, rei dos persas, havia feito aliança com rei dos medos Ciáxares II, o seu tio. Coligados, decidiram anexar aos seus domínios o Império Babilônico, que se encontrava em rápida decadência.[3]

Segundo Joyce Baldwin: "o banquete foi pura bravata, o último estertor de um rei apavorado, tentando sem sucesso afogar os seus temores".[4]

A festa profana e o hedonismo

Como muitos, Belsazar deixou-se levar pelos desejos e pela imprudência. O seu festim degenerado, regado à luxúria, bebida e muita comida, acabou por profanar os utensílios sagrados de Israel. Tendo crescido no palácio, Belsazar tinha consciência do que estava fazendo e, possivelmente, sabia da humilhante experiência de Nabucodonosor com Deus (ver 5.22). Ainda assim, resolveu deliberadamente cometer um ato de sacrilégio, demonstrando falta de reverência em desafio direto às leis divinas.

O banquete extravagante de Belsazar simboliza a busca pelo prazer carnal e a indiferença espiritual na sociedade pós-moderna, imersa numa cultura orientada ao prazer. O hedonismo é uma doutrina e, ao mesmo tempo, uma forma de viver que coloca o prazer como o principal objetivo da vida. Os hedonistas defendem que a coisa mais importante na vida é a conquista do prazer e a fuga ao sofrimento, de sorte que a primeira pergunta que fazem não é: "Isso é correto?", mas: "Trará prazer?".

Podemos ver hoje muitas manifestações onde o prazer imediato e a busca por satisfação pessoal superam considerações morais e espirituais. Isso se reflete em comportamentos libertinos na sexualidade, no uso de drogas, na exploração de outros para uso pessoal e uma mentalidade de gratificação instantânea.

Vivemos uma época de excessos, em que as pessoas têm acesso sem precedentes a estímulos de alta recompensa e alta dopamina: drogas, comida, notícias, jogos, compras, sexo, redes sociais. O desafio humano atual não é a escassez, mas o excesso. Pesquisas têm demonstrado que o excesso de prazer está deixando as pessoas infelizes.[5] O exagero de estímulos leva a comportamentos viciantes e compulsivos.

As Escrituras oferecem várias advertências em relação a esses comportamentos. Em Eclesiastes 2.10-11, o rei Salomão, que buscou prazeres mundanos em sua busca de sabedoria, conclui que tudo é vaidade. Em Gálatas 5.19-21, o apóstolo Paulo adverte contra as obras da carne, que incluem "orgias" e "bebedices" (NAA).

II. O ENIGMA NA PAREDE

Enquanto o rei e os seus convidados alegravam-se nos seus prazeres, algo subitamente misterioso aconteceu. Apareceram uns dedos de mão humana

que começaram a escrever na parede do palácio do rei (5.5). A folia deu lugar ao silêncio, e o pavor tomou conta de todos. O rei ficou tão assustado que o seu rosto empalideceu, os seus joelhos batiam um no outro, e as pernas vacilaram.

Nas palavras de Norbert Lieth, Belsazar experimentou o que o nosso mundo experimentará sem demora.

> A humanidade de hoje pressente e percebe que a situação não pode continuar como está, que há uma "escritura na parede" — e esta não promete coisa boa. Tanto os grandes como os pequenos, os pobres e os ricos procuram ajuda, mas quase sempre no lugar errado, ou seja, com os "adivinhos" de hoje, que erram totalmente suas previsões.[6]

A escrita era um enigma para todos, incluindo o próprio rei Belsazar. Como era comum, ele chamou os sábios da Babilônia e prometeu que aquele que conseguisse interpretar a escrita receberia honras e seria o terceiro em comando no reino. Isso reforça que Nabonido era o primeiro, e Belsazar, o segundo (5.7).

Apesar dos esforços, nenhum deles foi capaz de interpretar a escrita misteriosa na parede. O conhecimento e a inteligência que possuíam não podiam ajudá-los a compreender mesmo um pequeno texto. Em razão do que se encontra em 5.16, expressando uma dificuldade na própria leitura, alguns expositores sugerem que as letras foram embaralhadas; outros sustentam que foram alteradas para que pudessem ter um valor igual;[7] ou simplesmente não sabiam o significado da expressão, embora, de algum modo, fossem capazes de ler.

O fato é que o sentido do escrito estava oculto para o rei e para os seus conselheiros. Estavam tão cegos que, vendo, não viam e, lendo, não entendiam.[8] Deus pode fazer isso. A Bíblia diz que "O segredo do SENHOR é para os que o temem; e ele lhes fará saber o seu concerto" (Sl 25.14).

Jesus muitas vezes usava parábolas como mensagens enigmáticas que, à primeira vista, não eram facilmente compreendidas pelo público em geral. Um exemplo disso está registrado no Evangelho de Mateus 13.10-17, em que os discípulos perguntam a Jesus por que Ele falava ao povo em parábolas. Em resposta, Jesus explica que aos discípulos foi dado o conhecimento dos mistérios do Reino dos Céus, enquanto para outros, as parábolas serviam como uma espécie de teste de discernimento espiritual.

Ele cita Isaías, dizendo que algumas pessoas têm ouvidos, mas não entendem; possuem olhos, mas não enxergam.

Diante da incapacidade dos sábios e magos, o rei ficou ainda mais angustiado e aterrorizado, pois ele sabia que esse evento incomum tinha um significado profundo e, possivelmente, uma mensagem divina.

Daniel é chamado

Diante de mais esse momento de crise, a rainha lembra-se de Daniel e faz referência do seu nome ao rei.

> A rainha, por causa das palavras do rei e dos seus grandes, entrou na casa do banquete; e falou a rainha e disse: Ó rei, vive para eternamente! Não te turbem os teus pensamentos, nem se mude o teu semblante.
> Há no teu reino um homem que tem o espírito dos deuses santos; e nos dias de teu pai se achou nele luz, e inteligência, e sabedoria, como a sabedoria dos deuses; e teu pai, o rei Nabucodonosor, sim, teu pai, ó rei, o constituiu chefe dos magos, dos astrólogos, dos caldeus e dos adivinhadores. (5.10,11)

Esse episódio mostra-nos, em primeiro lugar, que o testemunho de Daniel era conhecido, a ponto de ser lembrado por alguém pelas suas qualidades. Em que ocasiões você tem sido lembrado? Somente em momentos de festas, ou em momentos em que alguém precisa de ajuda espiritual? Em segundo lugar, vemos que a rainha estava certa sobre o que fazer, mas não sobre o resultado. Ela diz para Belsazar não se preocupar, pois havia alguém capaz de interpretar a mensagem. O que ela não sabia é que, nesse caso, a interpretação da mensagem era mais devastadora do que o enigma — certamente, o rei ficou mais preocupado após ouvir o profeta. Em terceiro lugar, vale observar a expressão "Há no teu reino um homem". Deus sempre tem um homem capaz de cumprir o seu propósito e fazer a diferença no mundo. Em quarto lugar, sendo Daniel esse homem, em avançada idade, vemos que havia amadurecido na presença de Deus. Uma juventude de fidelidade ao Senhor tem consequências para a vida toda!

III. A SENTENÇA DIVINA

Ao ser introduzido diante do rei, é importante perceber que Daniel é chamado pelo rei pelo seu nome hebreu (5.13), e não pelo apelido

babilônico; afinal, os anos haviam se passado, mas o servo de Deus não havia perdido a sua identidade, inclusive para os outros.

Nessa ocasião, novamente aprendemos com a conduta de Daniel. Ele fez questão de deixar claro que o rei poderia ficar com os seus presentes (5.17). Era uma forma de dizer que a sua presença ali e a sua interpretação do sonho não se devia a qualquer benefício material que pudesse receber. Em dias em que falsos profetas vivem de benefícios e profetizam de acordo com a conveniência daquilo que podem lucrar, fazendo negócio da obra de Deus, a ação de Daniel é um importante lembrete de como o servo do Senhor deve proceder.

Daniel lembra Belsazar da experiência do seu pai, Nabucodonosor, que reconheceu o Deus supremo. Daniel explica que Belsazar agiu com arrogância e desafiou o Deus vivo ao usar os utensílios sagrados do Templo para o seu banquete. Mesmo diante do rei e podendo ser morto, o profeta não suaviza a sua mensagem. Ele exorta Belsazar sobre a sua prepotência e pelo pecado que cometeu (5.22-23). Era o mesmo Daniel que havia advertido o Nabucodonosor.

O significado da escrita e o juízo divino

Daniel, cheio do Espírito, faz saber o teor da escrita na parede e a sua interpretação: MENE, MENE, TEQUEL e PARSIM. A primeira palavra estava repetida — MENE, MENE — e significava "contar ou contado". A palavra TEQUEL tinha o sentido de "pesado". A última palavra, PARSIM, significava "dividido" (Dn 5.25).

Para interpretar a mensagem, Daniel usou o termo "PERES", palavra com o mesmo sentido de PARSIM. A mensagem, portanto, era um veredicto claro: o juízo de Deus havia chegado sobre o rei e sobre o Império Babilônico!

O juízo divino abateu-se rapidamente. Naquela mesma noite, a palavra foi cumprida, e o rei foi morto pelos caldeus (5.30). Dario entrou e tomou a cidade da Babilônia. Embora o conquistador da Babilônia fosse Ciro, rei da Pérsia, ele teria constituído Dario[9] temporariamente como governante subordinado a ele.

E assim, a festa converteu-se em pranto. O prazer momentâneo deu lugar ao sofrimento. Belsazar morreu sem tempo de arrepender-se dos seus

pecados. Os medos e os persas passariam a reinar no lugar do Império Babilônico. Deus, mais uma vez, demonstrou a sua soberania sobre os reis da terra e a consequência destruidora do prazer carnal.

Ao reconhecermos as armadilhas do hedonismo e da busca desenfreada por prazer, podemos escolher um caminho de equilíbrio, autocontrole e busca de valores espirituais. Em Gálatas 5.22,23, Paulo destaca os frutos do Espírito, que incluem o autocontrole e a importância de viver de acordo com esses princípios para evitar a destruição espiritual.

---

1 LIEBI, Roger. **A História Mundial na Visão do Profeta Daniel**. Porto Alegre: Chamada, 2019, p.17.

2 LENNOX, John. **Contra a Correnteza**: a inspiração de Daniel para uma época de relativismo. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 194-195.

3 IRONSIDE, H. A. **Sobre o Livro de Daniel**. São Paulo: Depósito de Literatura Cristã, 2007, p. 74.

4 BALDWIN, Joyce G. **Daniel – Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 127.

5 LEMBKE, Anna. **Nação Dopamina**: Porque o excesso de prazer está nos deixando infelizes e o que podemos fazer para mudar. São Paulo: Vestígio, 2022.

6 LIETH, Norbert. **Daniel**: Perspectivas do futuro. Porto Alegre: Actual Edições, 2004, p. 99.

7 CALVINO, João. **Daniel** – Volume I. São Paulo: Editora Paracleto, 2000, p. 329.

8 Cf. Isaías 29.10-13.

9 "Daniel acrescenta que o reino foi transferido para o rei dos medos, a quem chama de 'Dario', mas a quem Xenofonte dá o nome de 'Cyaxares'. O certo é que, pela diligência de Ciro e sob seu comando, Babilônia foi capturada. Pois ele era um guerreiro tenaz e possuía autoridade suprema. Mas aqui não se lhe faz menção alguma. Todavia, Xenofonte relata que Cyaxares (que é aqui chamado de Dario) era o sogro de Ciro e que era respeitado na mais elevada honra e estima. Portanto, não surpreende que Daniel o coloque diante de nós como rei. Ciro estava contente com o poder, o louvor e a fama da vitória; o título, ele prontamente cedeu ao sogro, a quem via como um homem idoso e um tanto preguiçoso". (CALVINO, João. **Daniel** – Volume I. São Paulo: Editora Paracleto, 2000, p. 358).

Capítulo 9

ENTRE A LEI DE DEUS E A LEI DOS HOMENS

O sexto capítulo do livro de Daniel marca o início de uma significativa transição na paisagem política e governamental da época. Com a queda do Império Babilônico, a cidade de Babilônia vê-se agora sob o domínio dos Medo-persas, também conhecidos como o Império Aquemênida. O segundo grande império do sonho de Nabucodonosor torna-se realidade.

A ascensão dos Medo-persas trouxe consigo não apenas mudanças geopolíticas, como também proporcionou maior liberdade e tolerância religiosa aos povos conquistados. No entanto, mesmo sob um novo regime, o profeta Daniel depara-se com a maior provação da sua vida. Ele é confrontado com a pressão de abandonar a sua devoção inabalável ao Deus Altíssimo, submetendo-se à lei dos homens. Nesse contexto, por não negar a sua fé e manter-se firme na Lei de Deus, precisará enfrentar a cova dos leões.

I. VIVENDO SOB UM NOVO GOVERNO

O capítulo 6 começa com a descrição de um novo rei, que é chamado de "Dario, o medo" (Dn 5.31). A identidade desse governante, mencionado outras vezes no livro (Dn 11.1), é uma questão debatida entre estudiosos diante do fato de "Ciro, o persa" ter sido o conquistador da Babilônia (Is 44.28; 45.1). A Bíblia menciona que Daniel também serviu sob o seu comando (Dn 1.21; 10.1).

Uma corrente diz que Ciro e Dario tratava-se da mesma pessoa. O entendimento majoritário, no entanto, compreende que Ciro, após a sua

conquista, teria constituído Dario temporariamente como governante subordinado a ele. Segundo John Lennox,[1] essa ideia é apoiada linguisticamente, pelo fato de Daniel dizer que Dario foi "constituído rei" (Dn 9.1) e que "ocupou o reino" (Dn 5.31). Os relatos bíblicos também nunca se referem a Dario como rei da Média-Pérsia, mas apenas como governante da Babilônia.

A respeito de sua identidade, H. A. Ironside observa que o nome Dario não necessariamente deve representar alguma dificuldade, pois os reis antigos muitas vezes são conhecidos por nomes diversos. Segundo esse expositor, o último rei dos medos foi Ciáxares II (ou Cyaxares), que formou uma aliança com Ciro, o seu sobrinho, e liderou parte dos exércitos dos reinos confederados à batalha. A sua idade, como dada por Heródoto, confere com a de Dario tal como relatada neste capítulo (Dn 5.31). Os dois poderiam ser, portanto, a mesma pessoa.[2]

Alguns identificam Dario com Gobrias, o general do exército de Ciro que venceu a Babilônia.[3] John C. Whitcomb, em estudo minucioso, concluiu tratar-se de Gubaru, governador da Babilônia.

Qualquer que seja o outro nome atribuído a Dario, não há qualquer contradição nas Escrituras. Daniel foi testemunha ocular da história e, inspirado por Deus, fez o seu registro. Segundo Ironside: "O seu testemunho, para não mencionar a questão da inspiração divina, é certamente mais confiável do que aqueles lisonjeiros cortesãos ou historiadores, conhecedores apenas por ouvir dizer".[4]

O novo governo e a sua política

Após a conquista da Babilônia, era esperado que os vencedores da guerra organizassem o seu novo reino, tanto para manter a lei e a ordem quanto para obter benefícios dos povos conquistados, especialmente impostos.

Para tanto, a nova dinastia estabeleceu uma série de reformas administrativas que ajudaram a estruturar o império e a economia. Não seria impróprio lançar mão de homens qualificados que tinham previamente servido no reino babilônico.[5] Com isso, o império foi organizado em satrapias, que eram províncias administrativas com governadores nomeados, que detinham autoridade sobre os assuntos civis e militares da sua região.

Acima dos sátrapas, foram nomeados três presidentes, também chamados príncipes, incluindo Daniel (6.1-3). Eles tinham a responsabilidade de supervisionar a administração do império e garantir que as províncias fossem governadas de acordo com as leis e diretrizes do rei. Eles eram responsáveis por relatar qualquer irregularidade ou comportamento inadequado dos sátrapas.

Ciro, o imperador, tinha uma política de maior tolerância com os povos conquistados. Promulgou um código de leis conhecido como o "Cilindro de Ciro", que promovia a justiça e a liberdade religiosa, permitindo que vários grupos étnicos praticassem as suas crenças. O chamado Édito de Ciro, também denominado como o "Decreto de Ciro", possibilitou que os judeus deportados pelos babilônios retornassem para Jerusalém e reconstruíssem o Templo (cf. Ed 1.1-3).

Mesmo diante desse ambiente de maior liberdade e tolerância, Daniel foi perseguido pelas suas convicções. Isso mostra que, embora em muitos países os crentes tenham ampla proteção jurídica de expressão das suas crenças, com previsão na Declaração Internacional de Direitos Humanos, não estão isentos de serem constrangidos e forçados a relegar a fé. A previsão da liberdade religiosa na Constituição e nas leis não garante que os cristãos não serão discriminados e ofendidos, especialmente por causa de imposições ideológicas.

II. A CONSPIRAÇÃO CONTRA DANIEL

Em razão da sua conduta e excelência, Daniel começou a distinguir-se dentre os demais presidentes. Ele não era qualquer um. Nas acertadas palavras de Stuart Olyott: "Uma pessoa que permanece firme, motivado por honestidade e justiça, causa impressão".[6] Por esse motivo, o rei pensava em promovê-lo. Isso revela que Daniel, além de fiel e zeloso nas questões religiosas, também era um profissional qualificado e dedicado, fazendo com que se sobressaísse nas suas atividades.

A vida de Daniel mostra-nos que o trabalho diligente e bem-feito não apenas serve aos propósitos terrenos, como também reflete a excelência como uma expressão de serviço a Deus. O trabalho, afinal, criado por Deus, é um elemento importante na vida e pode ser uma forma de vocação

divina. O exercício profissional é mais que mera ocupação; pode ser uma vocação, um chamado para servir e contribuir para o bem comum. A Bíblia recomenda-nos a fazer tudo conforme nossas forças (Ec 9.10) e para a glória de Deus (1 Co 10.31).

Inveja e conspiração

Se, por um lado, a excelência de Daniel provocou boa impressão no rei, por outro, incomodou os seus "colegas de trabalho". Assim que o seu brilho começou a ofuscar os demais, a inveja brotou no seu coração. Infelizmente, isso é algo que ocorre com enorme frequência em qualquer ambiente e até mesmo na igreja. Em vez de reconhecer a excelência do outro e procurar aprender com ele, os invejosos preferem o caminho da destruição e fazem uso de fofocas, tramas e acusações caluniosas.

Por isso, dentro dos bastidores do poder do reino, os demais presidentes e governadores arquitetaram um complô para acabar com a imagem de Daniel perante o rei, procurando ocasião para difamá-lo. A Bíblia afirma, contudo, que eles não encontraram qualquer coisa que pudesse denegri-lo, "nem culpa alguma; porque ele era fiel, e não se achava nele nenhum erro nem culpa" (6.4, NAA).

Percebendo que não teriam nada contra Daniel, tendo em vista a sua conduta ilibada, os líderes mudam a estratégia e resolvem encontrar na "lei do seu Deus" (6.5) algo que pudesse prejudicá-lo. Eles deixam de procurar na conduta e passam a prejudicar Daniel com base nas suas convicções. Para tal, os homens perversos propuseram ao rei que fosse proibido em todo o reino, no período de trinta dias, que se fizessem petições ou orações a qualquer divindade ou homem, a não ser ao rei. A punição pela desobediência seria o lançamento na cova dos leões.

> Sem dúvida, os sátrapas e presidentes deram a Dario muitas razões boas para justificar a aprovação dessas medidas: seria um elemento unificador no novo império; criaria respeito para com a nova monarquia; estabeleceria a autoridade do rei em todos os afazeres de seus súditos, etc. Outros tipos de argumentos podem ter sido sugeridos a um rei vaidoso como razão suficiente para que o decreto fosse promulgado.[7]

O episódio ensina-nos que a mesma pessoa que bajula é aquela que também maquina o mal contra os justos.[8] Ao ouvir o argumento dos bajuladores, o rei ficou cego para os verdadeiros aspectos do assunto.

A estratégia dos inimigos de Daniel em muito se assemelha aos secularistas anticristãos, procurando centralizar no Estado a figura da divindade. Sem dúvida, buscam de todas as maneiras restringir a manifestação das crenças e punir a convicção dos cristãos. Na legislação e em decisões judiciais, surgem novos entendimentos que procuram amordaçar a voz da igreja, abolindo não somente a liberdade de crença, mas também a liberdade de expressão.

Vivemos uma era de suposta tolerância. Todavia, enquanto todas as expressões são válidas e permitidas, o cristianismo cada vez mais é hostilizado por causa da sua defesa de valores absolutos. É a intolerância dos tolerantes!

III. A LEI DOS HOMENS E A LEI DE DEUS

Mesmo diante do decreto do rei, novamente Daniel não se acovardou, ele ofereceu o testemunho da sua fé. Ainda que fosse um alto funcionário e ocupasse um lugar de privilégio no império, o profeta não negou a sua integridade e fidelidade a Deus com medo de perder *status*.

O servo de Deus sempre fora obediente ao rei; porém, ao perceber que a lei humana contrariava a Lei Divina, ele desobedeceria ao injusto mandamento, fazendo exatamente aquilo que o decreto proibia: buscou ao SENHOR em oração (Dn 6.10).

Em primeiro lugar, Daniel sabia que Dario tinha autoridade, porém tinha ainda mais certeza de que tal autoridade provinha de Deus (Rm 13.1). Em segundo lugar, como um homem temente e bom cidadão, o profeta era cumpridor das leis dos homens; contudo, ele não as cumpriria quando se chocassem com as leis de Deus (At 5.29); afinal, mais importante do que a lei estabelecida pelo governo humano é a Lei Natural revelada pelo Deus Altíssimo, imutável e atemporal, que não pode ser contrariada. Em terceiro lugar, Daniel sabia que o Senhor estava ao seu lado.

O poder da oração

Diante daquele momento de provação, Daniel foi para o seu quarto buscar a Deus em oração. Ele orou persistentemente, pondo-se de joelhos três

vezes ao dia. A oração deve ser um hábito na vida de todo aquele que busca intimidade e resposta da parte do Senhor (Fp 4.6; 1 Ts 5.17; Tg 5.16).

Daniel também orou agradecendo a Deus, pois a verdadeira oração também se expressa por meio da gratidão. Não há vitória espiritual sem oração. Não há crescimento espiritual sem oração. Como disse Martinho Lutero, "A oração é o suor da alma".

Com a sua coragem, não é surpreendente que Daniel tenha mantido a sua fé e o seu culto devocional a Deus. Ele continuou a buscar ao Senhor como sempre havia feito (6.10). Não era um decreto real que o faria parar.

A bravura do profeta faz-se evidente pelo fato de ele orar numa posição que poderia ser vista por todos que passassem. Havia "janelas abertas" viradas para Jerusalém. Essencialmente, isso mostra que, mesmo depois de muitos anos vivendo como estrangeiro na Babilônia, a cidade santa permanecia sendo a sua referência. Mesmo estando longe dela, Daniel expressava o seu amor e ligação espiritual e demonstrava o anseio pela restauração de Jerusalém e pelo cumprimento das promessas divinas.

Ao orar com as "janelas abertas" o profeta também estava dando um testemunho público da sua fé em Deus. Ele não escondia a sua adoração a Deus Altíssimo, mesmo em face da perseguição. Daniel está demonstrando que a fé não se restringe ao ambiente privado. Ela pode ser expressa e percebida por todos na esfera pública.

Em uma era marcada pelo secularismo predominante, líderes contemporâneos (sátrapas dos tempos modernos) buscam promulgar leis que relegam a fé e a religiosidade ao âmbito estritamente privado, limitando a sua expressão ao cenário pessoal. A postura exemplar de Daniel serve como inspiração para os cristãos, pois nos incentiva a resistir a esse tipo de opressão, defende fervorosamente a sua liberdade religiosa e mantém a prática da sua fé, mesmo diante de desafios sociais e legislativos. A igreja da atualidade precisa orar com as janelas abertas!

A denúncia contra Daniel

Dando sequência ao plano maquinado, os conspiradores entram em acordo e vão espionar a vida de Daniel para pegá-lo em flagrante. E acharam-no fazendo exatamente o que haviam previsto: "[...] Daniel orando e suplicando diante do seu Deus" (6.11). Que belo testemunho. Como

crentes, devemos viver de tal forma que nossos inimigos tenham a certeza de que a única forma de incriminar-nos é por causa da fidelidade a Deus. Não há melhor privilégio do que ser flagrado buscando a Deus em intensa oração!

Vivendo num mundo caído e de valores invertidos, pessoas íntegras sofrem injustiças e passam por provações, enquanto ímpios prosperam (Sl 73). Nem sempre o mal é distribuído de maneira proporcional e justa. Não há nenhum louvor em sofrer justamente pelos erros cometidos,[9] mas há grande alegria em padecer por fazer a coisa certa. Ao contrário do que afirmam os teólogos da prosperidade e do triunfalismo espiritual, vida com Deus não significa ausência de provações e lutas. Basta olharmos para a galeria de heróis da fé de Hebreus 11 para percebermos que muitos deles foram torturados até a morte, açoitados, acorrentados, apedrejados e estiveram famintos no deserto.

Diante da constatação, os oficiais buscam uma audiência com o rei para denunciar Daniel. Depois de usarem perguntas induzidas com a notória intenção de sequestrar o pensamento do rei, eles passam a acusar Daniel.

Dois aspectos são evidentes. Primeiro, eles mostram desprezo quanto a origem de Daniel: "Daniel, que é um dos exilados de Judá" (6.13, NAA). Em segundo lugar, Dario é manipulado. De acordo com David Helm:

> Sua autoridade é manipulada com facilidade pelos seus servos. E como os dois versículos seguintes deixam claro, todos os seus esforços pessoais a fim de readquirir algum grau de poder sobre a situação malogram.[10]

Deus fecha a boca do leão

Diante da denúncia, e mesmo a contragosto (6.14), o rei Dario mandou que lançassem Daniel na cova dos leões. Ele realmente não queria a morte de Daniel, a ponto de dizer a ele: "O seu Deus, a quem você serve continuamente, que ele o livre" (6.16, NAA).

Esse tipo de punição, conhecida como execução por leões, era uma prática esporádica que ocorria em algumas culturas antigas, não como uma regra do sistema judicial.

Depois que a cova foi tapada por uma pedra e selada, o rei passou a noite angustiado em vigília e jejuando, preocupado com o destino de Daniel. Pela manhã, levantou-se o rei e foi com pressa à cova dos leões:

> E, chegando-se à cova, chamou por Daniel com voz triste; e, falando o rei, disse a Daniel: Daniel, servo do Deus vivo! Dar-se-ia o caso que o teu Deus, a quem tu continuamente serves, tenha podido livrar-te dos leões? (6.20)

Para nós hoje, ficamos tranquilos diante dessa pergunta, pois sabemos do seu desfecho, mas podemos imaginar os segundos angustiantes e dramáticos enquanto a resposta não vinha de dentro da cova. É interessante perceber que a narrativa bíblica foca nessa ocasião o rei Dario. Não temos maiores detalhes sobre a experiência de Daniel naquela noite, a não ser a sua resposta lacônica ao rei em seguida. Isso está mostrando que o livramento divino às vezes não precisa ser completamente explicado, mas somente conhecido.

E, então, ouve-se a voz de Daniel, com uma resposta incrível:

> Ó rei, vive para sempre! O meu Deus enviou o seu anjo e fechou a boca dos leões, para que não me fizessem dano, porque foi achada em mim inocência diante dele; e contra ti, ó rei, não tenho cometido delito algum. (6.21,22)

Em contraste com o desespero do rei, Daniel responde calma e serenamente, expressando compaixão. Ao rei que autorizou a sua morte, Daniel mostra sinal de respeito. Ele explica que Deus fechou a boca dos leões e preservou a sua vida. Do mesmo modo que Deus havia agido com relação aos seus três companheiros, Ele enviou um ser sobrenatural para proteger e livrar o seu fiel servo.

Ao enfrentar a pressão de abandonar a sua devoção a Deus, Daniel escolheu permanecer firme na sua fé, continuando a orar diante das adversidades. Em vez de ser leal ao governo, manteve-se fiel a Deus. Daniel não podia administrar a orquestração dos seus inimigos, nem fazer o rei retroceder, mas podia manter-se fiel e íntegro. "Deus livrou Daniel em meio do problema, e não do problema. Muitas vezes, Deus não nos poupa das aflições, mas nos livra nelas.[11]

A sua coragem e confiança em Deus não apenas resultaram na sua proteção miraculosa na cova dos leões, mas também demonstraram um exemplo eterno de como podemos manter nossa integridade espiritual em face dos desafios culturais, políticos e jurídicos de hoje, independentemente das circunstâncias que estão em constantes mudanças em nosso país.

1 LENNOX, John. **Contra a Correnteza**: a inspiração de Daniel para uma época de relativismo. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 216.
2 IRONSIDE, H. A. **Sobre o Livro de Daniel**. São Paulo: Depósito de Literatura Cristã, 2007, p. 72.
3 SWIN, Roy E. **Comentário Bíblico Beacon**. Vol. 4. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 518.
4 IRONSIDE, H. A. **Sobre o Livro de Daniel**. São Paulo: Depósito de Literatura Cristã, 2007, p. 72.
5 WALVOORD, John F. **Daniel**. Porto Alegre: Chamada, 2023, p. 229.
6 OLYOTT, Stuart. **Ouse Ser Firme**: o livro de Daniel. São José dos Campos: Editora Fiel, 1996, p. 92.
7 Idem.
8 LOPES, Hernandes. **Daniel – o homem amado no céu**. São Paulo: Hagnos, 2005, p. 82
9 Pedro faz questão de deixar claro que não é qualquer tipo de sofrimento que dignifica o crente fiel. Essa a razão pela qual adverte veementemente: "Que nenhum de vós padeça como homicida, ou ladrão, ou malfeitor, ou como se entremete em negócios alheios" (1 Pe 4.15).
10 HELM, David. **Daniel para Você**. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 123.
11 LOPES, Hernandes. **Daniel – o Homem Amado no Céu**. São Paulo: Hagnos, 2005, p. 86.

Capítulo 10

OS IMPÉRIOS MUNDIAIS E A SUPREMACIA DO FILHO DO HOMEM

O capítulo 7 do livro de Daniel marca uma transição significativa na narrativa, trazendo uma mudança de gênero literário. Enquanto os primeiros seis capítulos concentram-se em histórias e eventos da vida de Daniel e os seus amigos, a partir do capítulo 7, entramos no território das visões e profecias.

A partir daqui, até o capítulo 12, o livro assume um caráter apocalíptico, à medida que Daniel relata uma série de visões e sonhos que recebeu. Ao todo, serão quatro visões: duas no período babilônico e duas no período medo-persa. A narrativa não segue a sequência cronológica do capítulo anterior. As primeiras duas visões são anteriores aos acontecimentos relatados no capítulo 6; e as outras duas, após.

Neste capítulo, em especial, veremos a descrição de uma visão profética que ocorreu durante o primeiro ano de reinado de Belsazar. Essa visão precede os eventos narrados nos capítulos anteriores do livro e possui um paralelo com o sonho da estátua de Nabucodonosor, narrado no capítulo 2, a respeito da sucessão quádrupla dos poderes gentios, mas com uma riqueza de detalhes que aprofunda nossa compreensão sobre o desenrolar da história mundial e a suprema soberania divina que permeia todos os eventos.

I. A VISÃO DOS QUATRO ANIMAIS

Daniel situa a sua visão no primeiro ano do reinado de Belsazar (7.1). Logo, ela ocorreu pelo menos dez anos antes do banquete mencionado no capítulo 5 e da queda do Império Babilônico.

Nessa passagem, pela primeira vez no livro, uma visão é dada diretamente a ele e, no versículo 2, Daniel é citado na primeira pessoa — "[...] Eu estava olhando" —, algo inédito até esse ponto, conforme observa John Walvoord.[1]

Na visão de Daniel, ele vê os "quatro ventos do céu" agitando o "mar grande " (7.2). Essa imagem simbólica sugere que eventos poderosos e influentes, representados pelos ventos, estão prestes a desencadear mudanças significativas e turbulentas na história da humanidade, simbolizada pelo mar. Na Bíblia, a agitação do mar representa a inquietude das nações da terra (Is 17.12; Ap 17.15).

Daniel continua descrevendo a sua visão, na qual quatro grandes animais surgem do mar: o leão com asas de águia (v. 4); o urso (v. 5); o leopardo com quatro asas (v. 6) e o quarto animal, terrível e espantoso (v. 7). A notável característica desses animais é que cada um deles é *diferente do outro*, o que indica que representam reinos ou impérios distintos, cada um com suas próprias características, poderes e importância na história.

O espanto de Daniel

A simbologia animalesca em Daniel 7 indica a natureza selvagem dos impérios, que batalham em busca de domínio e poder. Esses quatro animais representam os reis da terra (v. 17): o rei da Babilônia, o rei Medo-Persa, o rei da Grécia e o rei de Roma. Portanto, profetizando no período do Império Babilônico, Daniel anteviu a sua queda e os governos seguintes.

A visão era tão impressionante que deixou o profeta perplexo (v. 15). Apesar de ser um homem sábio e experiente, aquela revelação era profunda e impactante para ele. As implicações sombrias para as pessoas da terra e para o seu próprio povo eram mais do que Daniel podia absorver calmamente. O anjo de Deus, contudo, estava lá para dar entendimento a Daniel, explicando o sentido do sonho (vv. 16,17).

II. A INTERPRETAÇÃO DO SONHO

Apesar dessa revelação ter paralelo com o sonho de Nabucodonosor no segundo capítulo do livro, indicando a mesma realidade histórica, possuem ênfases distintas. Walvoord mostra os seguintes contrastes:

> Por um lado, no capítulo 2, um rei pagão e maligno é utilizado como um veículo da revelação divina que retrata a história mundial como uma imagem imponente na forma de um homem. Por outro, no capítulo 7 a visão é dada por meio de um profeta piedoso, Daniel, e a história mundial é retratada como quatro feras terríveis, e a última é quase indescritível. No capítulo 2, Daniel é intérprete, ao passo que, no capítulo 7, esse papel é dado a um anjo. O capítulo 2 considera a história mundial de uma perspectiva humana, como um espetáculo glorioso e impressionante. O capítulo 7 enxerga a história mundial do ponto de vista de Deus, em sua imoralidade, brutalidade e depravação. Em detalhes proféticos, o capítulo 7 em muito excede o capítulo 2 e constitui, de certo modo, um comentário sobre a revelação anterior.[2]

Roger Liebi também observa que, em Daniel 2, os quatro impérios mundiais são representados na figura de um homem, remetendo à tarefa que receberam de Deus de representar o seu senhorio nesta terra (cf. Gn 1.27). Enquanto isso, Daniel 7 descreve os quatro impérios mundiais como animais ferozes, o que demonstra o caráter dessas potências: todas estavam muito longe de cumprir a incumbência divina, porque excluíram totalmente o Deus vivo dos seus domínios.[3] Desse modo, as duas revelações juntas expressam a seguinte verdade: "Humanidade sem divindade transforma-se em bestialidade".[4]

A diferença na forma como Deus fez saber a mesma verdade profética para um rei descrente e para um crente fiel ensina que Ele pode revelar-se e revelar os seus mistérios de diversas maneiras, conforme lhe apraz. Se Deus não está limitado a uma única forma de desvelar, por que muitos insistem em limitar o revelar divino?

Os quatro animais

Vejamos, a seguir, cada um desses animais e o paralelo com a estátua de Nabucodonosor:

a) **O primeiro animal** (**Império Babilônico**). O primeiro animal visto por Daniel era um leão com asas de águia (7.4). Esse animal feroz e régio corresponde à cabeça de ouro da estátua do rei da Babilônia (2.38). Em Jeremias 4.7 e 50.17, Nabucodonosor é

comparado a um leão. A menção de que lhe foi dado um coração de homem (7.4) alude à sua restauração após ter vivido entre os animais (Dn 4).

b) **O segundo animal** (**Império Medo-Persa**). O profeta continuou olhando e viu um animal semelhante a um urso, que se levantou de um lado, tendo na boca três costelas entre os seus dentes (7.5). Essa fera de grande poder é retratada como o peito e braços de prata da estátua, correspondendo ao Império Medo-Persa, sob o comando de Ciro. A esse animal foi dito: "Levanta-te, devora muita carne", indicando seu poder destrutivo. Na simbologia profética, as três costelas entre os dentes seriam potências conquistadas pelo império, possivelmente Babilônia, Lídia e Egito.[5]

c) **O terceiro animal** (**Império Grego**). Na sequência, surge um leopardo, que tinha quatro asas de ave nas suas costas e quatro cabeças (7.6). Esse se correlaciona com o ventre e quadris de bronze da estátua. Apesar de ser menor e menos majestoso do que um leão, o leopardo é um animal mais veloz. Essa qualidade amplifica-se na visão pelo fato de possuir asas. As características desse animal representam adequadamente o Império Grego liderado por Alexandre, o Grande, que conquistou uma nação após a outra com extrema velocidade. As quatro cabeças, conforme a maioria dos intérpretes, referem-se às divisões governamentais que o reino teria.[6] Com a morte de Alexandre, o império foi dividido em quatro partes, distribuídas entre os seus generais: Seleuco, Ptolomeu, Lisímaco e Cassandro.

d) **O quarto animal** (**Império Romano**). Esse animal despertou a curiosidade de Daniel de maneira singular. O profeta viu um animal terrível e espantoso, e muito forte, o qual tinha dentes grandes de ferro; ele devorava e fazia em pedaços e pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os animais que apareceram antes dele e tinha dez chifres (7.7). Ele lembra a parte inferior da estátua, com pernas de ferro e os pés e dedos de ferro e barro.

O profeta antecipou o período em que o Império Romano emergiu como uma superpotência. A descrição do versículo 7 diz que o quarto animal fazia os seus inimigos em pedaços. A primeira coisa que o Império Romano fazia após conquistar uma nação era dividir as suas terras em regiões, tetrarquias, províncias e distritos. Roma destacou-se como o império mais impactante na história. Enquanto era formidável, representado pelo ferro na sua força e eficácia administrativa, também se mostrava frágil, como o barro, devido à imensa corrupção que, em última instância, contribuiu para o declínio de um império cujo nome tornou-se sinônimo de grandiosidade e decadência.

O quarto império será diferente de todos os demais (7.23), sendo ainda mais devastador. Além do seu cumprimento histórico, a visão aponta também para uma dimensão apocalíptica dos últimos dias, quando o império será reconstituído. Os três primeiros impérios foram absorvidos um pelo outro, mas este será destruído por intervenção divina.

O Anticristo

O horizonte escatológico do último animal fica evidente na sequência da visão de Daniel. As dez pontas (algumas traduções usam a expressão "chifres") que saíam da cabeça do quarto animal prefiguravam dez reis (ou líderes) advindos do Antigo Império Romano (v. 20). Mas outro rei, representado pela pequena ponta, será levantado após os dez reis e abaterá os três primeiros, arrancando-os tal como descreve a visão.

Essa descrição encontra ressonância em Apocalipse 17.12-14. Os fatos proféticos do versículo 8 são ainda futuros, como bem mostra o livro de Apocalipse. Os dez líderes[7] existirão simultaneamente, dando a ideia de um governo mundial, cujo poder será repassado à pequena ponta por força ou por vontade, sugerindo, com isso, um único líder. Na escatologia pentecostal, a interpretação é que a pequena ponta representa o Anticristo, que surgirá no fim dos tempos e fará guerra aos santos (7.21).

Segundo o pastor Antonio Gilberto:

> O Anticristo será um homem personificando o Diabo, porém, apresentando-se como se fosse Deus (Dn 11.36; 2 Ts 2.3,4). [...] A Besta ou Anticristo será uma personagem de uma habilidade e capacidade desconhecida até hoje. Será o maior líder de toda a história; acima de qualquer famoso general ou governante mundial conhecido. Será

> portador de uma personalidade irresistível. Sua sabedoria e capacidade serão sobrenaturais. Além da ação diabólica direta, outros fatores contribuirão decisivamente para a implantação do governo do Anticristo, como poderio bélico, alta tecnologia e poder econômico.
> Será um grande demagogo. Influenciará decisivamente as massas com seus discursos inflamados (Ap 13.5). A Bíblia diz que toda a terra se maravilhará após a Besta (Ap 13.13). Exercerá uma influência e um fascínio extraordinário sobre as massas. [...] O Anticristo será recebido ao aparecer como solução dos problemas e crises sociais e políticas que fustigam o mundo inteiro, para os quais os líderes mundiais mais capazes não encontram solução.[8]

O prefixo "anti" significa "oposto a" ou "em lugar de". O Anticristo será alguém que se oporá ao Senhor Jesus Cristo, tentando colocar-se no seu lugar. Não se trata de um sistema ou de uma ideia abstrata, mas, sim, de uma pessoa. Paulo descreve-o em 2 Tessalonicenses como o homem do pecado, o filho da perdição (2 Ts 2.3,4).

O Anticristo será, portanto, a mais completa personificação de Satanás e o seu mais autêntico representante (2 Ts 2.9); porém, ele mesmo se apresentará como se fosse Deus. Será "o iníquo" (2 Ts 2.8), e a sua influência será "mundial", pois governará sobre todas as nações (Ap 13.8; 17.12; Dn 8.24).

Referindo-se à passagem de 2 Tessalonicenses 2, John Lennox assevera que Paulo, ao que parece, está descrevendo em linguagem clara o que Daniel e o Apocalipse descrevem de maneira simbólica; isto é, a forma final do poder mundial que será destruído pela vinda de Jesus. A afirmação de Paulo sobre a operação do ministério da injustiça ou iniquidade (2 Ts 2.7) ressoa com mais detalhes na descrição de Daniel do quarto animal: "cuidará em mudar os tempos e a lei" (7.25). Desse modo, é possível ver o quarto animal como a manifestação derradeira da rebelião humana contra Deus.[9]

III. O REINO DE DEUS E O SEU JULGAMENTO

A visão de Daniel mostra que o poder dos animais não é para sempre. O versículo 9 diz:

> [...] foram postos uns tronos, e um ancião de dias se assentou; sua veste era branca como a neve, e o cabelo da sua cabeça, como a limpa lã; o seu trono, chamas de fogo, e as rodas dele, fogo ardente.

O trono é símbolo de poder, governo e julgamento. A profecia revela-nos que o juiz supremo nesse julgamento é o "ancião de dias", que é uma representação de Deus, com cabelos brancos e vestes brancas.

O tribunal divino apresentado no capítulo 7 de Daniel revela que Deus julgará "a pequena ponta" e proferirá o veredito final contra o quarto animal (vv. 11,12). O juízo é executado contra o grande animal, enquanto este profere palavras de jactância. Esse é o ponto culminante da visão de Daniel, em que o Altíssimo avalia e julga as más ações, a crueldade e a maldade das nações deste mundo!

A vinda do "Filho do Homem"

É válido perceber que, no sonho do capítulo 2, a estátua colossal foi destruída por uma pedra que depois encheu toda a terra. Agora, no capítulo 7, o animal será destruído e "um como filho do homem" assume o reino para sempre. Daniel descreve a cena da seguinte maneira:

> Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem; e dirigiu-se ao ancião de dias, e o fizeram chegar até ele. E foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino, o único que não será destruído. (7.13,14)

A pedra que esmaga a estátua e cresce para encher a terra é comparável à ascensão de Jesus Cristo como o Messias e a promessa de que o seu Reino será estabelecido para sempre. Sabemos que "Filho do homem" é um título que frequentemente é aplicado à pessoa de Cristo nas Escrituras (Mt 16.13). O próprio Jesus, ao ser indagado se era o Cristo, respondeu: "Eu o sou, e vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu" (Mc 14.62).

A esse Jesus, Paulo assevera que Deus

> lhe deu um nome que é sobre todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai (Fp 2.9-11).

Se Cristo detém todo o poder, o seu povo reinará com Ele. É isso o que diz o versículo 18: "Mas os santos do Altíssimo receberão o reino e possuirão o reino para todo o sempre e de eternidade em eternidade".

Enquanto os reinos humanos, representados pelos animais, levantam-se e caem, demonstrando um "prazo de validade", o Reino que os santos receberão não terá fim.

Isso significa que os poderes terrenos e humanos são temporários, mas o Reino de Deus é eterno e preencherá todo o espaço! A mensagem central é a supremacia e o domínio duradouro de Deus sobre todas as coisas. Isso renova nossas esperanças e fé no poder do Senhor Deus.

A Grande Tribulação

Conquanto Daniel fique sabendo que a vitória final e suprema pertence a Deus e ao seu povo, o Senhor mostra que esse tempo demoraria a chegar. Talvez tenha sido por esse motivo que o profeta esteve abatido (7.13). Nas palavras de David Helm:

> Daniel está vendo que o governo do reino de Deus não chegará de forma consumada ao fim dos setenta anos de Exílio. Em vez disso, outro reino iníquo e mais dois depois deste, passarão imponentes pelo palco do mundo antes de os tronos serem instalados e a sentença ser proferida. Mas isto é certo: fogo cairá do céu. A justiça prevalecerá. O ancião de Dias matará os animais, mesmo que se afirme que o poder deles existirá por um período. A salvação virá.[10]

Enquanto esse tempo não chega, muitos eventos hão de acontecer ainda na face da terra. É nesse sentido que os versos 24 e 25 apresentam um período específico dos últimos tempos, em que o Anticristo perseguirá o povo de Deus. Ele vai falar contra o Altíssimo e perseguir os seus seguidores, representados como "os santos", mártires e crentes advindos da Grande Tribulação. Além disso, ele tentará mudar leis e regulamentos, possivelmente tentando suprimir a religião e os princípios morais.

Por "um tempo, e tempos, e metade de um tempo" (v. 25), o Anticristo terá autoridade no mundo. Esse período equivale a "três anos e meio", ou "quarenta e dois meses" ou "mil e duzentos e sessenta dias" (cf. Dn 12.7; Ap 12.14). Ele compreende a metade dos sete anos finais prescritos como a Grande Tribulação e o fim do "tempo dos gentios". Nos primeiros "três anos e meio", o Anticristo fará acordo com Israel, mas não o cumprirá (Dn 9.27).

Esse é o período de grande poder e influência política desse líder mundial sobre o mundo e os judeus. O Messias, entretanto, irá dominá-lo e quebrará

o seu reino de mentira. O Anticristo será condenado, e a plenitude do Reino de Deus será estabelecida para sempre!

Essas visões revelam a promessa de que, apesar dos impérios e das forças poderosas que governam o mundo, o Senhor Deus continua no controle e, ao fim de tudo, estabelecerá seu Reino eterno de justiça e paz. Isso nos desafia a manter nossa fé firme mesmo em meio às incertezas e turbulências do mundo, pois Deus tem um plano soberano que será cumprido.

---

1 WALVOORD, John F. **Daniel**. Porto Alegre: Chamada, 2023, p. 254.
2 WALVOORD, John F. **Daniel**. Porto Alegre: Chamada, 2023, p. 255, 256.
3 LIEBI, Roger. **A História Mundial na Visão do Profeta Daniel**. Porto Alegre: Chamada, 2019, p. 69.
4 Idem, p. 70.
5 WALVOORD, John F. **Daniel**. Porto Alegre: Chamada, 2023, p. 265.
6 LENNOX, John. **Contra a Correnteza**: a inspiração de Daniel para uma uma época de relativismo. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 250.
7 Em adição a esse argumento: "Se não houvesse mais nenhum comentário sobre essa passagem e o intérprete precisa descobrir o significado apenas com base no que o texto afirma, seria razoável concluir que o pequeno chifre fosse um homem e que, portanto, os dez chifres que o precedem também fossem seres humanos, que eram governantes em relação ao quarto império. Olhos e boca são características humanas". WALVOORD, John F. **Daniel**. Porto Alegre: Chamada, 2023, p. 265.
8 GILBERTO, Antonio. **O Calendário da Profecia**. 16.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p. 48,49.
9 LENNOX, John. **Contra a Correnteza**: a inspiração de Daniel para uma época de relativismo. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 265.
10 HELM, David. **Daniel para Você**. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 144.

Capítulo 11

REVELAÇÕES SOBRE O TEMPO DO FIM

No capítulo 8 do livro de Daniel, encontramos o relato do profeta sobre uma visão que ele teve no terceiro ano do reinado de Belsazar. Nela, Daniel foi transportado espiritualmente para a cidadela de Susã, na região de Elão, onde viu espiritualmente uma intensa batalha entre um carneiro e um bode. Enquanto as profecias dos capítulos 2 e 7 oferecem um panorama geral sobre os acontecimentos da história e quatro impérios mundiais, essa detalha os impérios Medo-Persa e Grego. A passagem descreve uma revelação sobre Antíoco IV Epifânio e a sua representação do Anticristo nos tempos do fim.

I. A VISÃO DE UM CARNEIRO E UM BODE

A visão do capítulo 8 ocorre no terceiro ano do reinado de Belsazar, por volta de 550–549 a.C.[1] Não se tratava de uma visão pelos olhos físicos e nem imaginação da mente humana, mas, sim, uma revelação celestial concedida por Deus ao seu servo.

No seu vislumbre profético, Daniel vê-se na *cidadela* de Susã,[2] na província de Elão, localizada a uns 300 quilômetros a leste da Babilônia. A expressão "cidadela" alude a um local específico, referindo-se a uma fortaleza situada em lugar estratégico, que domina e protege uma cidade. Segundo historiadores, Susã servia como residência de inverno dos reis persas.

Na época, Susã não era um local de destaque; porém, conforme observa John Walvoord,[3] Daniel vê-se projetado numa visão para um canal ao lado de uma cidade pouco conhecida naquela época e longe de um futuro glorioso, embora destinada a ser a importante capital da Pérsia, o lar de Ester e a cidade da qual Neemias saiu para ir a Jerusalém.

É importante perceber que grande parte da visão é explicada pelo anjo Gabriel, a quem o Senhor Deus enviou com o propósito de dar a interpretação a Daniel (v. 16).

O carneiro com dois chifres

O primeiro animal da visão do profeta é um carneiro de dois chifres, simbolizando o Império Medo-Persa (v. 20). Os dois chifres compridos do animal, sendo um maior do que o outro, representam a história desses dois impérios que se unem após a conquista da Média por volta de 550 a.C., dando origem ao Império Aquemênida. O chifre mais alto (v. 3) aponta para a Pérsia, que, apesar de ser posterior ao reino Medo, se tornou proeminente.

Ciro, o Grande, foi o líder persa responsável por essa unificação e posteriormente pela tomada da Babilônia. Trata-se do mesmo Ciro mencionado pelo profeta Isaías (Is 44.28; 45.1) que o Senhor levantou para colocar fim ao período de exílio dos judeus na Babilônia (Ed 1.1). Isso porque Ele é soberano e usa quem quer para cumprir os seus desígnios sobre o seu povo e sobre o mundo.

Segundo Joyce G. Baldwin:

> O rápido progresso de Ciro durante os dez anos de 549 a 539 sugeria um carneiro marrando todo animal que se lhe opunha. Arremetendo com ímpeto em direção ocidente e ao norte, para dentro da Ásia Menor, ele sobrepujou a Babilônia, somente para capturá-la mais tarde, tomando as terras a sudoeste e a sudeste.[4]

De acordo com o relato de Daniel (vv. 4,5), Ciro era um conquistador implacável, sendo invencível nas suas campanhas militares, o que o tornou um líder poderoso. Filho do rei persa Cambises, Ciro conseguiu conquistar os territórios da Mesopotâmia, de toda a Ásia Menor (atual Turquia) e de territórios a leste da Pérsia (parte ocidental da Índia). Também é conhecido

pela sua atitude respeitosa em relação aos inimigos derrotados, tratando os povos conquistados com tolerância.

II. O BODE E O PEQUENO CHIFRE

Daniel ainda estava considerando a visão do primeiro animal, quando surge o segundo. Ele descreve: "[...] eis que um bode vinha do ocidente sobre toda a terra, mas sem tocar no chão; e aquele bode tinha uma ponta notável entre os olhos" (8.5). Tal arremessa-se impetuosamente contra o carneiro e vence-o.

Conforme será explicado pelo ser angelical, o bode é o rei da Grécia (8.21). Ele é identificado na história como "Alexandre, o Grande" (356–323 a.C.), filho de Filipe da Macedônia. Amplamente reconhecido como um dos maiores líderes militares da história, devido às suas conquistas expansivas pelo mundo conhecido na época. Educado pelo filósofo Aristóteles, também difundiu a cultura grega por meio de uma política chamada "helenização".

O fato de o animal surgir "sem tocar no chão" (v. 5) mostra a velocidade da sua expansão. Em doze anos de reinado, Alexandre tinha um vasto império que se estendia da Grécia à Índia. Quando foi posto por general de toda a Grécia, ele teve um chifre extraordinário entre os seus olhos; ou, seja, ele precaveu-se em que o seu título de general fosse a causa do aumento de autoridade pessoal.[5] O seu poderio e força são descritos na maneira como enfrentou o carneiro: fere-o; quebra os seus dois chifres; derruba-o na terra; e pisoteia-o (v. 7).[6]

Novamente, somos lembrados da inerrância da profecia bíblica, que teve o seu cumprimento cabal na história. Quando Daniel escreveu a sua visão, a Grécia consistia apenas num conjunto de estados independentes e muitas vezes em guerra um contra o outro, apesar de ligados por laços de consanguinidade.[7]

Ao afirmar que o rei da Grécia haveria de destruir o rei da Pérsia, sucessor do Império Babilônio, Daniel estava contrariando todas as expectativas geopolíticas da época. Antes daqueles dias, o poder sempre surgiu do Oriente e estendeu-se até o Ocidente, mas agora a visão mostra o bode vindo do lado ocidental. A Palavra de Deus não falha!

Os quatro chifres

A profecia diz que o bode engrandeceu-se sobremaneira; mas, estando na sua maior força, aquele grande chifre foi quebrado; no seu lugar, subiram outros quatro também notáveis, para os quatro ventos do céu (v. 8). Alexandre morreu no seu apogeu e em pleno vigor, perto dos 33 anos de idade. A causa da sua morte é incerta e motivo de debate entre historiadores. As opiniões dividem-se principalmente entre envenenamento, malária ou febre tifoide.

O certo é que o rei grego passou sem deixar sucessores naturais ao trono, embora a história registre pelo menos dois filhos: Alexandre IV, filho de Roxana; e Héracles, filho de Barsine, uma princesa persa. Ambos foram posteriormente assassinados durante as lutas de poder entre os sucessores de Alexandre, conhecidos como diádocos, que ocorreram após a morte do conquistador.

Com isso, a profecia foi cumprida: o seu reino foi quebrado e repartido, mas não para a sua posteridade. Os quatro chifres que surgem referem-se à divisão do reino depois da sua morte (v. 22), que desencadeou uma série de lutas entre os seus generais: Cassandro, Lisímaco, Ptolomeu e Seleuco.

O império foi então repartido em quatro partes, cada uma governada por um dos generais. Cassandro reinou na Macedônia; Lisímaco reinou na Trácia e Ásia Menor; Ptolomeu reinou no Egito, e Seleuco reinou sobre a Síria e o restante do Oriente Médio. Este último incluía a Judeia, naquela ocasião, e será ele o palco da sequência da profecia.

O pequeno chifre

Enquanto Daniel observava, viu surgir de um dos quatro chifres um pequeno chifre. Historicamente, segundo entendimento teológico, esse pequeno chifre simboliza Antíoco IV Epifânio (215–162 a.C), pertencente à dinastia selêucida. Embora não fosse herdeiro direto do trono, Antíoco assumiu o poder após o assassinato de Seleuco IV Filopátor, em meio a intrigas e disputas.

O texto diz que o pequeno chifre engrandeceu-se até contra o exército do céu; e a alguns do exército, e das estrelas, lançou por terra, e os pisou (v. 10). Sobre esse aspecto, John Walvoord diz que, embora essa seja uma

profecia difícil, provavelmente a melhor explicação é que ela está relacionada à perseguição do povo de Deus, com o seu desafio às hostes angelicais que são protetoras desse povo, incluindo o próprio Deus.[8] Em Daniel 12.3, os santos ressurretos são descritos brilhando como estrelas; e, na promessa a Abraão, o seu povo é descrito como incontáveis estrelas (Gn 15.5; 22.17).

Ao assumir o trono sírio, mudou o título para Antíoco IV Epifânio, isto é, "Deus manifestado", reinando de 175 a 164 a.C. Dotado de um temperamento cruel e sanguinário, esse homem cometeu diversas atrocidades contra o povo judeu, buscando o seu extermínio.

Flávio Josefo, historiador judeu do século I, nas suas obras *Antiguidades Judaicas* e *As Guerras Judaicas*, fornece-nos informações sobre Antíoco IV Epifânio. Ele é descrito como um tirano que tentou impor a cultura grega de maneira forçada sobre os judeus.

Em uma das suas campanhas militares, invadiu Jerusalém e profanou o Templo, conforme a visão de Daniel (vv. 10,11). Posteriormente, proibiu as práticas religiosas judaicas. Isso deu lugar à Revolta dos Macabeus, liderada por Judas Macabeu.

É importante sempre ter em mente que, conquanto as profecias refiram-se às nações gentílicas, o foco da revelação divina a Daniel é a nação de Israel. Para além do cumprimento histórico, portanto, a principal razão para introduzir tudo isso foi que recebêssemos esclarecimento referente a alguém que ocupará um papel importante no tempo do fim.

III. O TEMPO DO FIM

Em razão das suas características e descrições bíblicas, Antíoco é tido por muitos intérpretes das Escrituras como um tipo de Anticristo, um líder no fim dos tempos que se levantará contra o povo de Deus e fará coisas semelhantes (vv. 23-24).

Conforme o ensino do saudoso pastor Antonio Gilberto, Antíoco seria o cumprimento parcial dessa visão, e o Anticristo, o cumprimento cabal. As suas características são as de um ditador mundial.[9] Será o último grande governo mundial da história, identificado em Apocalipse como a besta que surge do mar — "vi subir do mar uma besta que tinha sete cabeças e dez

chifres" (Ap 13.1). É um personagem que terá controle sobre dez reinos e representa o Anticristo e o seu governo: "Estes têm um mesmo intento e entregarão o seu poder e autoridade à besta" (Ap 17.13).

Desse modo, seguimos o entendimento de que a profecia de Daniel, nesse ponto, é uma predição genuína e historicamente cumprida no século II a.C., mas também típica e antecipatória do conflito final entre Deus e os governantes gentios no período de perseguição a Israel que precede o retorno de Cristo.[10]

Dwight Pentecost resume da seguinte forma:

> A chave para compreender os capítulos 7 a 12 da profecia de Daniel é entender que Daniel está focando a sua atenção nesse grande governante e seu reino, que surgirá no tempo final. E, embora Daniel possa usar referências históricas e referir-se a eventos que, para nós, possam estar cumpridos, Daniel está pensando neles apenas para nos dar mais detalhes sobre essa forma final de poder mundial gentio e seu governante, que reinará na terra. No capítulo 8 de Daniel, temos outra referência a ele. Daniel descreve um rei que irá conquistar o Império Medo-Persa. Trata-se de um evento histórico que ocorreu séculos após Daniel. Houve um indivíduo que surgiu do império grego e que foi um grande inimigo da nação de Israel. Nós o conhecemos como Antíoco Epifânio, um governante que buscou mostrar o seu desprezo pela Palestina, pelos judeus e pela religião judaica ao ir até o templo em Jerusalém com uma porca, que ele matou e cujo sangue derramou no altar. Esse homem foi conhecido como aquele que desolou, ou "o desolador". Mas essa passagem em Daniel 8 está falando não apenas de Antíoco em sua desolação e sua profanação do templo; ela está olhando para a frente, para o grande desolador que viria, aquele que é chamado de pequeno chifre em Daniel 7. Em Daniel 8.23, lemos a respeito dele e seu ministério.[11]

Como pode a descrição de um rei selêucida do século II a.C. estar relacionada com o fim dos tempos?

Ao responder essa intrigante questão, John Lennox diz que a figura de Antíoco e os horrores que perpetrou projetam longas sombras no futuro, pelo que, no fim dos tempos, outro líder como Antíoco se levantará e fará coisas semelhantes. Em Antíoco, afirma Lennox, "estavam as sementes de um mal que gestará e se tornará em temerosa realidade num tempo que ainda está por vir".[12] Esse rei é um protótipo ou modelo de pensamento do futuro, servindo de auxílio para Daniel e para imaginarmos o que está para acontecer e estarmos cientes de tendências similares em nossos dias.

Como podemos ver, a profecia de Daniel vai além do aspecto militar e geopolítico, abrangendo também questões culturais que caracterizarão os

últimos dias. Um tempo em que a verdade será lançada por terra e o engano prosperará. De acordo com Roy Swin, enquanto o capítulo 7 ressalta o poder político das nações, o capítulo 8 destaca as influências culturais. À luz dessa hipótese, é possível imaginar que esses dois aspectos, provenientes de dois reinos diferentes, convirjam em dado momento numa manifestação culminante do mal, ou seja, no surgimento do Anticristo.[13]

Tal entendimento ganha força com a leitura dos versos 23 a 25, e o seu paralelo com 2 Tessalonicenses 2.1-10.

> Tanto o rei insolente na visão de Daniel quanto o homem do pecado na descrição de Paulo obtêm poder de uma fonte obscura. Ambos se exaltam contra Deus. Ambos lutam contra Cristo, que é o Príncipe dos príncipes. E ambos são mortos pelo poder sobrenatural de Deus.[14]

Não podemos perder de vista que, assim como Antíoco, o rei histórico, o Anticristo também será derrotado, mas não por algum rei humano, mas pelo próprio Cristo (v. 25). O versículo 25 retrata o Armagedom apocalíptico, quando o poder gentílico mundial sob o Anticristo será sobrenaturalmente destruído por Cristo na sua vinda. O poder e a vitória final não pertencem, portanto, ao carneiro ou ao bode, mas ao Cordeiro de Deus!

Uma visão atormentadora

Durante as visões, de tão tremendas, Daniel teve momentos de fraquezas físicas. Na primeira parte, após ter as visões proféticas, alguém deu ordem para que o anjo Gabriel desse a entender a Daniel o sentido (v. 16). Nesse momento, o profeta teve medo e caiu sobre o seu rosto e depois adormeceu. O anjo, porém, tocou-o e fez com que ele ficasse de pé (vv. 17,18).

Novamente, ao final, Daniel ficou frágil e adoeceu (v. 27). Afinal, ele viu coisas angustiantes que se abateriam sobre o mundo e principalmente sobre o seu próprio povo. Ficou espantado. Por mais espirituais que possamos ser, existem momentos em que ficamos abatidos pela fraqueza. A Bíblia diz, contudo, que o profeta levantou-se e voltou aos seus afazeres perante o rei. Mesmo sabendo que o rei seria destronado, Daniel não deixou de trabalhar e servir. Isso mostra que o conhecimento do porvir e a escatologia não

podem levar-nos a uma fuga da realidade e de nossas responsabilidades terrenas. Novamente, aprendemos com a sabedoria de Daniel!

Ao término, Daniel declara que ninguém podia entender aquela visão; estava além da compreensão. Nem mesmo ele tinha todas as respostas. O profeta foi humilde em reconhecer as suas limitações. Atitude muito diferente daqueles em nossos dias que parecem saber tudo sobre os eventos escatológicos, inclusive detalhes irrelevantes baseados em especulações.

O estudo apocalíptico das últimas coisas exige seriedade e cautela (Dt 29.29; Rm 12.3). Assim como o profeta, precisamos confiar no Senhor. Olhando para o seu contexto social e político, era praticamente improvável conjecturar os fatos futuros, como, por exemplo, a ascensão da Grécia. A Palavra de Deus é, todavia, infalível!

---

1 Cf. BALDWIN, Joyce G. **Daniel – Introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1983 p. 164.

2 "Se Daniel estava olhando de Susã para o canal de Ulai, o carneiro estava na outra margem, isto é, a leste do rio. Foi daquela direção que os medo-persas vieram quando determinaram o fim do domínio babilônico". LIEBI, Roger. **A História Mundial na Visão do Profeta Daniel**. Porto Alegre: Chamada, 2019, p. 84.

3 WALVOORD, John F. **Daniel**. Porto Alegre: Chamada, 202, p. 308.

4 BALDWIN, Joyce G. **Daniel – Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 165.

5 CALVINO, João. **Daniel** – Volume II. São Paulo: Editora Paracleto, 2000, p. 106.

6 LOPES, Hernandes. **Daniel – o Homem Amado no Céu**. São Paulo: Hagnos, 2005, p. 104.

7 IRONSIDE, H. A. **Sobre o Livro de Daniel**. São Paulo: Depósito de Literatura Cristã, 2007, p. 122.

8 WALVOORD, John F. **Daniel**. Porto Alegre: Chamada, 202, p. 316.

9 GILBERTO, Antonio. **Daniel e Apocalipse**: como entender o plano de Deus para os últimos dias. Rio de Janeiro: CPAD, 1984, p. 42.

10 WALVOORD, John F. **Daniel**. Porto Alegre: Chamada, 202, p. 318.

11 PENTECOST, Dwight. Citado por WALVOORD, John F. **Daniel**. Porto Alegre: Chamada, 202, p. 334.

12 LENNOX, John. **Contra a Correnteza**: a inspiração de Daniel para uma época de relativismo. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 279.

13 SWIN, Roy E. **Comentário Bíblico Beacon**. Vol. 4. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 529.

14 LENNOX, John. **Contra a Correnteza**: a inspiração de Daniel para uma época de relativismo. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 280.

Capítulo 12

ESTUDO, ORAÇÃO E AS SETENTA SEMANAS DE DANIEL

Nesta seção, estudaremos o capítulo 9 do livro de Daniel, ocasião em que o profeta acha-se profundamente preocupado com o destino do seu povo e de Jerusalém. Ele busca entender o plano de Deus para a restauração de Israel e o fim do exílio. Com fervor espiritual, orou a Deus buscando respostas, e a sua oração sincera foi atendida por uma revelação profunda por meio do anjo Gabriel. Essa revelação divina contém a profecia das Setenta Semanas, por meio da qual Deus faz saber sobre um período decretado para o seu povo e a sua cidade santa. Nesse episódio, além de aprendermos mais uma vez com a postura piedosa de Daniel, veremos a história redentora que se desdobra na Bíblia, incluindo a vinda do Messias, a sua morte e o subsequente destino de Jerusalém.

I. ESTUDO E INTERCESSÃO DE DANIEL

O reino dos caldeus havia chegado ao fim com a queda da Babilônia (Dn 5.30-31), e agora Israel encontrava-se sob o domínio do Império Medo-Persa. Dario é o governante, sob a autoridade do rei Ciro, como vimos no capítulo 9.

A postura do profeta Daniel, na sua vida de devoção, mais uma vez tem muito a ensinar-nos em nossos dias.

Consciente acerca das visões que lhe foram dadas por Deus, a mente de Daniel volta-se para o seu povo, dedicando-se ao estudo das antigas

profecias por meio das Escrituras (v. 2). Ele recordou-se da referência de Jeremias, profeta que vaticinou sobre o cativeiro babilônico. O seu interesse era por mera curiosidade intelectual. Ele tinha convicção de que Deus havia falado com Jeremias e que podia falar com ele também.

Tendo estudado os livros, os pergaminhos trazidos de Jerusalém, Daniel teve entendimento acerca do cumprimento da desolação de Jerusalém no período de setenta anos. Essa profecia encontra-se nos capítulos 25 e 29 de Jeremias, referindo-se ao período de provação dos israelitas sob domínio estrangeiro.

É interessante perceber o zelo de Daniel em ler e estudar o ensino ministrado por outros profetas. Ele cria que as Escrituras eram a Palavra de Deus. O verdadeiro profeta, afinal, jamais despreza o estudo sistematizado das Escrituras! Como escreveu o apóstolo Pedro,

> Nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação; porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo. (2 Pe 1.20,21)

Daniel tinha testemunhado que a Palavra do Senhor não cai por terra, vendo o seu cumprimento. Existiam, portanto, evidências suficientes para confiar na sua veracidade. De igual forma, como diz John Lennox, temos evidências comprobatórias externas provenientes da história, arqueologia e disciplina sobre a veracidade das Escrituras, mas, no fim, é a Palavra de Deus que autenticará a si mesma ao ser percebida pela Palavra de Deus por aquilo que diz.[1]

Daniel era um homem de oração e dos livros. O profeta tinha visões, mas nunca abandonou a Palavra escrita de Deus. Eis um dos segredos de como viver na Babilônia sem que a "Babilônia" viva em você. Isso nos lembra que a leitura da Bíblia e de livros de bons autores é vital para o entendimento do cristão sobre as questões espirituais. Por isso, Paulo aconselha o jovem Timóteo a persistir na leitura (1 Tm 4.12).

Oração e jejum

Nas palavras de David Helm, enquanto Daniel lia Jeremias, o seu afeto por Deus sem dúvida teria aumentado (sobretudo se levarmos em conta que é

provável que a passagem de Jeremias 25.11,12 tenha estado entre as que foram lidas por Daniel).[2]

> Esses versículos indicam a proximidade do fim do Exílio. Suas orações estavam cheias de uma expectativa confiante de que Deus estava prestes a agir; uma vez que Daniel cria que tudo aquilo que Deus havia prometido, Deus cumpriria. Em vista disso, a postura que Daniel adota em 9.3 para essa oração é intrigante e surpreendente: "Então voltei a face ao Senhor, buscando-o em oração e rogando por misericórdia com jejum e pano de sacos e cinzas".[3]

Ao compreender a mensagem, Daniel buscou o Senhor em oração e súplicas, com jejum (v. 3). Ele estava empenhado numa busca profunda e sincera pela ajuda divina. Daniel estava disposto a orar com as Escrituras.

Ao longo da sua jornada de fidelidade, Daniel sempre se mostrou um homem de oração. Ele orou por livramento, orou para agradecer e agora orava para interceder. Daniel tinha convicção de que era preciso voltar-se ao Senhor com um coração contrito e arrependido por causa da sua nação. Por isso, ele põe-se a interceder pelo povo de Judá, de Jerusalém e de todo o Israel.

Mesmo sabendo que Deus havia falado por meio de outro profeta sobre o tempo estabelecido sobre Israel, Daniel não fez uma oração "reivindicando" de Deus o seu cumprimento. Também não entoou canções iguais às contemporâneas que exigem bençãos de Deus. Ele também não usou a promessa divina como justificativa para ficar inerte, como escreveu Stuart Olyott:

> No decorrer da História, as pessoas têm utilizado frequentemente as promessas de Deus como desculpa para não fazer nada. A atitude delas tem sido fatalista, levando-as à inatividade, enquanto aguardam o cumprimento das promessas. Daniel não conhecia esse tipo de atitude. Para ele, a promessa divina era uma razão para se engajar no trabalho árduo de oração, e não uma desculpa para a inatividade. Resolveu implorar que Deus manifestasse, mais uma vez, a sua benignidade para com Jerusalém.[4]

Em vez disso, o profeta dirige-se a Deus em humildade e reverência. A sua oração é intensa, de forma que quase podemos ver o servo de Deus prostrado, numa busca fervorosa pela face do Senhor. Até aqui, Daniel tem sido econômico ao registrar os acontecimentos da sua jornada, só que ele faz questão de alongar-se nessa oração. A sua intercessão vai do versículo 4 ao 19. É um modelo de oração para todo crente.

Em primeiro lugar, Daniel adora e reconhece a grandeza de Deus. Ele diz: "Ah! Senhor! Deus grande e tremendo, que guardas o concerto e a misericórdia para com os que te amam e guardam os teus mandamentos" (v. 4).

Em segundo lugar, ele confessa o pecado do povo (vv. 5-15). Daniel expressa profundo pesar pelos pecados do povo de Israel, reconhecendo que a desobediência às leis divinas resultou no castigo do exílio. Daniel junta-se ao povo quando confessa o seu pecado e infidelidade. Embora íntegro, Daniel não se pôs acima do povo, mas na mesma condição. Ele usa por duas vezes a expressão "confusão do rosto" (vv. 7-8), referindo-se a uma condição em que as pessoas estão desconcertadas; em um estado de confusão, incerteza ou desorientação.

Em terceiro lugar, ele busca misericórdia (v. 16). Daniel pede misericórdia a Deus, apelando para a sua grande bondade. Conforme Stuart Olyott,

> parte da grandeza desta oração está no fato de que Daniel tinha consciência de não haver Deus esquecido de ser misericordioso. Alicerçado nisso, Daniel teve a coragem de aproximar-se do Senhor e deixar confiantemente, perante Ele, os seus pedidos.[5]

Ele pede ao Senhor para que aparte a sua ira sobre Jerusalém e sobre o monte santo (v. 16). Ele pede a Deus que ouça a oração e que a sua face brilhe sobre o seu santuário desolado (v. 17). Clama novamente para que a sua oração seja atendida, perdoe o seu povo, agindo sem tardar, por amor do seu próprio nome (v. 18).

Com esse exemplo bíblico, um verdadeiro modelo de influência que devemos seguir, somos inspirados em nossos dias a compreender o valor da oração intercessora e do jejum (Ef 6.18; 1 Ts 1.2; 1 Tm 2.1-2; Mt 6.16-18) .

II. DEUS REVELA O FUTURO DO SEU POVO

Antes mesmo de terminar a sua intensa oração, o anjo Gabriel[6] apareceu repentinamente diante dele (v. 21). Esse ser angelical, o mesmo registrado no capítulo 8, é mencionado na Bíblia como mensageiro de Deus (Lc 1.19-20,26). Foi enviado nessa ocasião em resposta à súplica do profeta, para dar a ele entendimento sobre a visão (vv. 22-23).

Apesar do espanto, Daniel deve ter experimentado um conforto indescritível ao ouvir a voz do anjo. O seu pedido moveu o Céu. Muitas

vezes, na vida, não recebemos uma resposta divina rápida, daí a necessidade da perseverança (Cl 4.2). No caso de Daniel, porém, o Senhor apressou-se em atender ao seu servo, porque era ele "mui amado" (v. 23). A verdade maravilhosa é que Deus tem prazer em ouvir a oração dos seus filhos, sobretudo quando se concentram na glória do seu nome!

Daniel era amado no Céu, e essa é uma afirmação importante nessa passagem. Ele era amado no Céu por causa da jornada de piedade e de integridade ao longo da sua vida: "Ele andou com Deus na juventude e na velhice, como jovem escravo e como primeiro-ministro da Babilônia. Ele foi fiel a Deus na pobreza e na riqueza, na humilhação e na promoção".[7]

Oração aos anjos?

Você deve notar que Daniel dirigiu a sua oração a Deus, e não ao anjo Gabriel. Em lugar algum das Escrituras temos autorização para orar aos seres angelicais. Esse tipo de prática é chamada de *angelolatria,* ou seja, idolatria aos anjos.

Embora sejam seres espirituais com poderes extraordinários superiores aos homens (Sl 8.4,5; 103.20; 2 Pe 2.11), são criaturas limitadas. Não são oniscientes (1 Pe 1.12) e recusam a adoração (Ap 22.8-9); antes, adoram a Deus e a Cristo (Ap 5.11-12). Eles são "[...] espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação" (Hb 1.14).

Assim, supostas mensagens angelicais não podem perverter o evangelho revelado na Palavra (Gl 1.8). Por essas mesmas razões, conforme consta em nossa *Declaração de Fé das Assembleias de Deus* no Brasil, a ideia de que todas as pessoas possuem um anjo da guarda designado para acompanhá-las durante toda a sua vida não tem sustentação bíblica.

A revelação das setenta semanas e o Messias

A mensagem de explicação do anjo celeste revela um tempo determinado de setenta semanas decretadas por Deus para o seu povo e a sua cidade santa (v. 24). Ela vai além do pedido do profeta.

Fazendo uma contagem histórica da profecia de Jeremias, Daniel compreendia que o cativeiro estava chegando ao fim. Isso viria a ser cumprido por intermédio do Decreto de Ciro não muito tempo depois.

O anjo, contudo, dá um entendimento mais profundo[8] e apocalíptico das setenta semanas, que se aplica não somente a Israel, mas a todo o mundo. Roy Swin explica:

> [...] na mensagem que Gabriel trouxe, mais uma porta de percepção profética se abre em uma dimensão mais ampla em torno do propósito de Deus não somente para Israel, mas para o mundo. Essa dimensão mais ampla de revelação diz respeito à obra e ao reino do Messias. Esse assunto tinha sido introduzido em visões e sonhos anteriores, como na grande imagem de Nabucodonosor (2.44-45) e na visão dos quatro animais por Daniel (7.13-14). Mas aqui a mensagem vem de outro anjo e em maiores detalhes.

Deus quer que você amplie o seu entendimento e tenha uma dimensão mais profunda da sua Palavra e da vida espiritual, semelhantemente ao que aconteceu com Daniel.

As setenta semanas simbólicas destacam, sobretudo, o tempo e a obra do Messias. Ele é descrito como o Ungido e o Príncipe (vv. 25, 26). O versículo 24 apresenta seis aspectos da sua obra redentora: (1) acabar com a transgressão, (2) dar fim ao pecado, (3) expiar a iniquidade, (4) trazer a justiça eterna, (5) selar a visão e a profecia e (6) ungir o Lugar Santíssimo.

III. ENTENDENDO AS SETENTA SEMANAS

John Walvoord afirma que os quatro versículos finais do capítulo 9 de Daniel contêm uma das mais importantes profecias do Antigo Testamento. Por esse motivo, o pastor Antonio Gilberto declarou que, se não entendermos bem a profecia das Setenta Semanas, tampouco entenderemos o Sermão Profético de Mateus 24 e nem o livro de Apocalipse, uma vez que ela abrange esses dois. O Senhor deu a Daniel um quadro geral dos eventos futuros relacionados com Israel; e a João, em Apocalipse, deu os detalhes desses eventos.[9]

Vejamos, por isso, o seu conteúdo, segundo declarado pelo varão Gabriel:

> Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade para extinguir a transgressão, e dar fim aos pecados, e expiar a iniquidade, e trazer a justiça eterna, e selar a visão e a profecia, e unigir o Santo dos santos. Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Messias, o Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas; as ruas e as tranqueiras se reedificarão, mas em tempos angustiosos. E, depois das sessenta e duas semanas, será tirado o Messias e não

será mais; e o povo do príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será com uma inundação; e até ao fim haverá guerra; estão determinadas assolações. E ele firmará um concerto com muitos por uma semana; e, na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; e sobre a asas das abominações virá o assolador, e sisso até à consumação; e o que está determinado será derramado sobre o assolador. (Dn 9.24-27)

Semanas de anos

A primeira questão nessa profecia é saber se as semanas em referência são semanas de dias ou de anos, visto existirem essas duas interpretações. Seguindo uma linha teológica conservadora, pré-milenista e dispensacionalista, entende-se que, nessa profecia, são semanas de anos, não de dias.

O pastor Antonio Gilberto[10] elenca as seguintes razões para tal entendimento:

1) O original não diz "semana", e sim "setes" ("setenta setes"). Quando se trata de semana de dias, como em Daniel 10.2,3, é acrescentado, em hebraico, a palavra para dias: *yamin*.

2) É bíblica a expressão "semana de anos" (Lv 25.8; Nm 14.34; Ez 4.7.). Aplicação prática de uma "semana de anos" (Gn 29.20,27).

3) Os seis ditosos eventos preditos a respeito de Israel em 9.24, ainda não se cumpriram.

4) Em 9.27, por ocasião da última das setenta semanas, a Bíblia diz: " E ele firmará um concerto com muitos por uma semana". É algo ridículo um pacto entre nações por uma semana de dias, quando somente o protocolo e as celebrações muitas vezes tomam mais de uma semana [...]

Nessa mesma linha, Walvoord comenta que o esmagador consenso da erudição concorda que a unidade de tempo deve ser considerada como anos.[11] Além disso, se interpretarmos como semanas de dias, o período seria de apenas 490 dias. Esse entendimento é improvável, visto que, dentro desse espaço de tempo, a cidade será reconstruída e destruída.[12]

A leitura da passagem (vv. 24-27) mostra que as semanas estão divididas em três grupos. Sendo semanas de anos, totalizam 490 anos. Os três grupos

são: a) 7 semanas (49 anos); b) 62 semanas (434 anos); c) uma semana (sete anos).

Os dois primeiros grupos temporais (a + b), que totalizam 483 anos, estão no mesmo fluxo histórico e devem ser contados na mesma ordem. Para o seu cálculo, considera-se o calendário lunar judeu com o ano de 360 dias, conforme interpretação advinda das próprias Escrituras. Isso porque a referência bíblica mais antiga a um mês da história aponta para um mês de 30 dias de extensão[13] (Gn 7.11; 8.4). Esse entendimento é confirmado[14] pelos 42 meses da Grande Tribulação (Ap 11.2; 13.5), período equiparado a 1260 dias (Ap 11.3; 12.6).



Explicação das Setenta Semanas de Anos de Daniel

69 semanas de anos x 7 anos em cada semana x 360 dias por ano = 173.880 dias

5 de março, 44 a.C. (decreto de Artaxerxes) + 173.880 dias = 30 de março, 33 d.C. (a entrada triunfal)

Verificação

444 a.C. a 33 d.C. = 476 anos

476 anos x 365.2421989 dias = 173.855 dias

+ dias entre 5 de março (decreto de Artaxerxes) e 30 de março (a entrada triunfal) = 25 dias

Total = 173.880 dias

Desse modo, seguindo nossa linha escatológica, as 69 semanas iniciais correspondem a 173.880 dias, conforme sintetizado pelo diagrama[15] a seguir:

a) *Sete semanas (49 anos)*: O início deu-se com o decreto da reconstrução de Jerusalém (v. 25). Os principais estudiosos concordam que se trata do decreto de Artaxerxes Longímano, baixado em 445 a.C. (cf. Ne 2). Conforme afirma Dwight Pentecost: "[...] quando examinamos o Decreto de Artaxerxes, estabelecido no seu vigésimo ano e registrado em Neemias 2.1-8, vemos que é a data permissão para a reconstrução de Jerusalém. Esse constitui o início do período profético indicado por Deus nessa profecia".[16] Ele termina em 396 a.C.[17]

b) *Sessenta e duas semanas (434 anos)*: Esse período vai de 397 a.C. até os dias da morte de Cristo (vv. 25, 26). Esse ínterim marca as atrocidades sofridas por Israel debaixo do poder dos monarcas selêucidas e do domínio romano. Nesse tempo, o Senhor foi morto, e, mais tarde, Jerusalém foi novamente destruída por intermédio da liderança do general do exército romano, Tito, em 70 d.C.

c) Uma semana (7 anos): Essa etapa final da profecia de Daniel é um dos pontos mais debatidos[18] no estudo escatológico. Duas correntes sobressaem. A primeira linha interpretativa sustenta que a septuagésima semana foi cumprida nos anos imediatamente seguintes à morte de Cristo.[19] A segunda linha teológica, a que seguimos, compreende que, entre a sexagésima nona e a septuagésima semana, existe uma lacuna, um lapso temporal, de sorte que a última semana da profecia ainda está no futuro.

Estudiosos como John Lennox, John Walvoord, Dwight Pentecost e outros observam que as dificuldades bíblicas e históricas em torno da primeira corrente são insuperáveis. Lendo Daniel 9.24, é difícil ver como as outras coisas, além da expiação de Cristo, foram cumpridas no período de sete anos após a sua morte. Se isso ocorreu, é preciso perguntar a que se refere Daniel em 9.26,27, porquanto não há nada na história do tempo que se encaixe nessa descrição.[20]

Nas contundentes palavras de Walvoord:

> Em última análise, a questão que se apresenta a todo expositor é qual interpretação fornece exposição mais natural e inteligente do texto. Se não for necessário considerá-lo como profecia literal, e as unidades de tempo não forem literais, uma variedade de interpretações se torna imediatamente possível. Se o expositor, todavia, desejar seguir o texto de maneira meticulosa, não há na verdade alternativa, exceto declarar todo o septuagésimo sete como ainda futuro, pois não houve um período de sete anos que tenha cumprido os eventos da profecia, independentemente de quão elaborada a interpretação seja. Isso é geralmente reconhecido por aqueles que entendem os últimos sete anos como um período indefinido que permite a interpretação futurista.[21]

De igual forma, Dwight Pentecost[22] observa que os acontecimentos de Daniel 9.26 necessitam de um intervalo, visto que dois grandes eventos ocorrem após a sexagésima semana e antes da septuagésima: a morte do Messias e a destruição da cidade e do Templo de Jerusalém. Tais acontecimentos, segundo o expositor, não ocorreram na septuagésima semana, pois esta não é introduzida até o versículo 27, mas num intervalo entre a sexagésima semana e a septuagésima.

Em abono, Pentecost assegura que o ensinamento neotestamentário de que Israel foi deixado de lado (Mt 23.37-39) até a restauração do trato de Deus, requer um espaço entre as últimas duas semanas; afinal, se a última semana fora cumprida, as seis bênçãos prometidas deveriam, igualmente, ter sido cumpridas para Israel. Acontece que nenhuma delas foi experimentada pela nação ainda. O autor destaca, por fim, que, ao lidar com a profecia, Jesus prevê um intervalo, porquanto Mateus 25.15 faz referência à vinda do "abominável da desolação", sendo esse um sinal para Israel de que a Grande Tribulação aproxima-se (Mt 24.21). Ele prossegue

> Mesmo nessa hora, porém, há esperança, pois "logo em seguida à tribulação daqueles dias [...] verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens, com poder e muita glória" (Mt 24.29,30). Desse modo, o Senhor coloca a septuagésima semana de Daniel no final dos tempos imediatamente antes de seu segundo advento à terra. Associando isso a Atos 1.6-8, vemos que toda era de duração indeterminada estará interposta entre a sexagésima nona e a septuagésima semana na profecia. A única conclusão deve ser que os acontecimentos da septuagésima semana ainda não foram cumpridos e aguardam cumprimento literal futuro.[23]

Tal compreensão, portanto, é baseada em argumentos sólidos. Compare Daniel 9.27 com Mateus 24.15 e veja como se trata de uma profecia que ainda não se cumpriu. Essa última semana refere-se, então, ao período que

implicará o advento do Anticristo e o início do tempo de Tribulação para Israel e para o mundo.

A Grande Tribulação será o período de maior angústia da história humana (Ap 6.15-17), quando o mundo testemunhará a ira do Senhor (Jr 30.7). Essa etapa da história foi determinada por Deus para fazer justiça contra a rebelião dos moradores da terra e para preparar a nação de Israel para o encontro com o seu Messias.

As duas metades da septuagésima semana

Na parte final da profecia revelada a Daniel, consta:

> E ele firmará um concerto com muitos por uma semana; e, na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; e sobre a asa das abominações virá o assolador, e isso até à consumação; e o que está determinado será derramado sobre o assolador. (9.27)

Isso mostra que a septuagésima semana pode ser dividida em duas metades distintas. A *primeira metade* será marcada pelo reinado absoluto do Anticristo — o "príncipe", de acordo com Daniel 9.26b. Ironside afirma que "o príncipe é aquele terrível caráter que ainda entrará em cena e que reivindicará para si mesmo o poder supremo nos tempos dos dez reis do Império Romano".[24] Se o Anticristo é apresentado no capítulo 8 quanto ao seu poder global, aqui, no capítulo 9, temos a sua atuação em relação à nação israelita. Ele enganará Israel fazendo um concerto com o povo judeu (Dn 9.27a) e buscará a adoração como se fora Deus (2 Ts 2.4b), profanando o santuário, o lugar santo para o povo de Israel, como alertou o próprio Senhor Jesus (Mt 24.15).

A *segunda metade* terá início quando Israel negar-se a adorá-lo, e, então, o Anticristo quebrará o acordo de paz — depois de três anos e meio (Dn 9.27b) — e perseguirá o povo judeu. Essa *segunda metade* é a Grande Tribulação propriamente dita (1 Ts 5.3; Jr 30.7). Ao fim do período de sete anos, aparecerá o Libertador de Israel: "E, assim, todo o Israel será salvo" (Rm 11.26). Esse é o ápice de toda a profecia das setenta semanas, a Segunda Vinda de Jesus Cristo, encerrando, assim, o septuagésimo sete de Israel, bem como o tempo dos gentios.

O intervalo e a Igreja

O estudo das Escrituras demonstra um longo intervalo de tempo que precede a septuagésima semana. A Bíblia identifica esse intervalo profético como "os tempos dos gentios" (Lc 21.24). Estamos atualmente no tempo da graça de Deus e temos de anunciar o ano aceitável do Senhor para o mundo inteiro (Lc 4.18,19).

É importante ressaltar que a profecia de Daniel refere-se a Israel e a Jerusalém. A Igreja de Cristo não passará pela Grande Tribulação (Ap 3.10), pois terá sido arrebatada. Nesse período, receberemos nossos galardões consoante ao trabalho que executamos na expansão do Reino de Deus. A promessa de Jesus à sua Igreja é a de preservá-la desse sofrimento (1 Ts 1.10; 5.9; Lc 21.35,36).

---

1 LENNOX, John. **Contra a Correnteza**: A inspiração de Daniel para uma época de relativismo. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 303.

2 HELM, David. **Daniel para Você**. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 178.

3 Idem.

4 OLYOTT, Stuart. **Ouse Ser Firme**: o livro de Daniel. São José dos Campos: Editora Fiel, 1996, p. 145.

5 Idem., p. 148.

6 Sobre a expressão "Gabriel, o homem ", em Daniel 9.21 (NAA): "A referência a 'Gabriel, o homem', não é uma negação de sua condição de anjo, mas serve para identificá-lo como a visão de Daniel 8.15-16. O termo 'homem' (hebr., *'ish*), também é utilizado no sentido de servo. E, como Wood observa, é possível que 'ish tenha sido usado porque ele 'aparecera na forma humana'. Como mostrado no capítulo 8, há um interessante jogo de palavras no pensamento aqui. Leupold comenta: 'O termo Gabriel significa homem de Deus, mas com esta diferença: a primeira raiz, *gebher*, significa 'homem' no sentido de 'o forte', e a segunda raiz, *'el*, significa o 'Deus forte'. Em outras palavras, essa expressão poderia ser traduzida por 'o servo, o forte do Deus forte'". WALVOORD, John F. **Daniel**. Porto Alegre: Chamada, 2023. p. 366.

7 LOPES, Hernandes. **Daniel – o Homem Amado no Céu**. São Paulo: Hagnos, 2005, p. 119.

8 "Daniel entendeu, a partir das profecias de Jeremias, que o exílio na Babilônia duraria setenta anos (Dn 9.2; Jr 25.11; 29.10). Ele reconheceu que a restauração dependia do arrependimento nacional (Jr 29.10-14), de modo que Daniel intercedeu pessoalmente por Israel com penitência e petições. Ele orou especificamente pela restauração de Jerusalém e do Templo (Dn 9.3-19). Aparentemente, Daniel esperava o cumprimento imediato e

completo da restauração de Israel com a conclusão do cativeiro dos setenta anos. No entanto, a resposta que lhe foi entregue pelo arcanjo Gabriel (a profecia dos setenta anos) revelou que a restauração de Israel seria progressiva e se cumpriria definitivamente somente no tempo do fim". LAHAYE, Tim; HINDSON (Ed.) **Enciclopédia Popular de Profecia Bíblica**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: CPAD, 2004, p. 429).

9 GILBERTO, Antonio. **Daniel e Apocalipse**: como entender o plano de Deus para os últimos dias. Rio de Janeiro: CPAD, 1984, p. 44.

10 GILBERTO, Antonio. **Daniel e Apocalipse**: como entender o plano de Deus para os últimos dias. Rio de Janeiro: CPAD, 1984, p. 47.

11 WALVOORD, John F. **Daniel**. Porto Alegre: Chamada, 2023, p. 373.

12 PENTECOST, J. Dwight. **Manual de Escatologia**: uma análise detalhada dos eventos futuros. São Paulo: Editora Vida, 2002, p. 266.

13 Idem.

14 WALVOORD, John F. **Daniel**. Porto Alegre: Chamada, 2023, p. 390.

15 LAHAYE, Tim; HINDSON (Ed.) **Enciclopédia Popular de Profecia Bíblica**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: CPAD, 2004, p. 428. Esse diagrama segue a linha adotada por Harold Hoehner, que refinou e atualizou os estudos de Robert Anderson. Na explicação de Walvoord: "Com base em sua revisão, ele acredita que as datas para as 69 semanas de Daniel 9.25 iniciam no primeiro dia de nisã (5 de março) de 444 a.C. e terminam no décimo dia de nisã (30 de março), no ano 33 d.C". (WALVOORD, 2023, p. 391).

16 PENTECOST, 2002, p. 267.

17 PEDRO, Severino. **Daniel Versículo por Versículo**. Rio de Janeiro: CPAD, 1986, p. 180.

18 Por questão de objetividade, iremos nos deter às duas principais correntes sobre o tema. Contudo, vale ter em mente a existências de outras visões: "Pelo menos quatro outras visões têm sido sugeridas em oposição à futurista: (1) a visão liberal de que o septuagésimo sete foi cumprido nos eventos após perseguição aos macabeus, assim como os sessenta e nove setes anteriores; (2) a visão dos eruditos judeus de que a septuagésima semana foi cumprida na destruição de Jerusalém no ano 70 d.C.; (3) a visão de que a septuagésima semana de Daniel constitui um período indefinido, iniciando com Cristo, mas que se estende até o fim, com frequência defendida pelo milenaristas; e (4) a visão de que o septuagésimo sete são sete anos literais que se iniciam com o ministério público de Cristo e terminam cerca de três anos e meio após a sua morte". WALVOORD, 2023, p. 3997-998.

19 PENTECOST, 2002, p. 269.

20 LENNOX, John. **Contra a Correnteza**: a inspiração de Daniel para uma época de relativismo. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 321.

21 WALVOORD, 2023, p. 402.

22 PENTECOST, 2002, p. 271.

23 Idem, p. 271-272.

24 IRONSIDE, H. A. **Sobre o Livro de Daniel**. São Paulo: Depósito de Literatura Cristã, 2007, p. 140.

Capítulo 13

O FIM DE TODAS AS COISAS

Os últimos três capítulos do livro de Daniel (10–12) constituem uma unidade. Essa seção contém a última e mais minuciosa revelação que o Senhor concedeu a Daniel dois anos após o retorno dos judeus à terra de Israel, no terceiro ano de Ciro (537 a.C).

O profeta tem agora aproximadamente 84 anos; é um ancião. Nessa época, o primeiro grupo de exilados havia retornado a Jerusalém. Por algum motivo, possivelmente em razão da sua idade avançada e pela sua presença relevante na Babilônia, Daniel não regressou à sua terra natal.

Anteriormente, o profeta havia tido sonhos e visões; agora o Senhor concede a ele uma revelação mais elevada da sua palavra sobre um grande conflito (10.1), por meio de uma experiência com o Filho de Deus. Assim, nesse derradeiro estudo, somos conduzidos à conclusão da missão profética de Daniel, encerrando a carreira de fé e o seu testemunho público.

I. PREPARANDO-SE PARA RECEBER A MENSAGEM DO CÉU

Como qualquer ser humano, Daniel tinha os seus momentos de aflição e tristeza (10.2). Ninguém é tão forte que não possa abater-se. A razão do seu abatimento tinha a ver possivelmente com a interrupção da reconstrução do Templo e da cidade de Jerusalém naquela ocasião (Ed 1–3; 4.4,5).

O povo voltou, mas a restauração plena ainda não havia acontecido. O conhecimento desse fato levou o profeta à angústia da alma, por causa do amor que nutria pela sua nação. Em vez de reclamar da situação ou murmurar contra Deus, ele entrou em vigília e jejuou durante três semanas (10.3). Daniel era um profeta de lágrimas!

O ser celestial

Em resposta à sua busca, Daniel tem uma visão gloriosa. Um ser celestial cheio de esplendor apresenta-se (vv. 5,6). Ele está vestido de linho, e o seu corpo é descrito como sendo de turquesa, e o seu rosto parecia um relâmpago; os seus olhos como tochas de fogo; os seus pés e braços brilhavam como bronze polido, e a voz como o som da multidão.

As suas descrições são parecidas com as que o apóstolo João e o profeta Ezequiel tiveram (Ap 1.12-20; Ez 1.26). Para muitos exegetas bíblicos, isso seria uma teofania, a manifestação do próprio Filho de Deus,[1] enquanto outros sustentam tratar-se de um anjo.

Diante da imagem imponente, os companheiros de Daniel fogem de medo, e ele fica só. O seu corpo fica enfraquecido, desfalecendo com o rosto em terra. A glória divina é demais para o frágil ser humano suportar.

O profeta, no entanto, recebe ajuda e experimenta a consolação. É isso o que ocorre com os que ficam na presença de Deus! Em primeiro lugar, ele recebe o toque celestial para recuperar as suas forças (v. 10). Em segundo lugar, o profeta ouve o seu nome ser chamado, sendo novamente lembrado de que é amado no Céu (v. 11). Oh! Como é bom em momentos de fraqueza escutar a voz divina dizendo que somos amados. Em terceiro lugar, Daniel recebe amparo, dizendo para não temer (v. 12).

A batalha nas regiões celestiais

Daniel é informado de que a mensagem de resposta à sua oração foi resistida pelo príncipe do reino da Pérsia (v. 13). Nossos principais teólogos ensinam que não se trata de um príncipe terreno, mas um anjo maligno que obedece a Satanás. Tal fica evidente por conta da sua oposição ao mensageiro divino enviado a Daniel.

Foi somente após a ajuda do arcanjo Miguel na batalha espiritual que a resposta chegou. A referência a Miguel como "um dos primeiros príncipes" mostra que existe uma organização e ordem angelical, por intermédio de graduações que revelam níveis de autoridade.

Fica evidente que o que acontece na terra tem implicação nas regiões celestiais. Enquanto a visão ateísta e naturalista enxerga somente o plano físico e material, o crente, sobretudo o pentecostal, tem a convicção de que

existe uma realidade invisível em que as maiores batalhas são travadas. Devemos recordar, com Norbert Lieth, que "existem grandes lutas espirituais nas regiões celestiais a respeito de tudo o que acontece na história da salvação".[2]

Devemos, por isso, levar mais a sério o mundo espiritual (1 Pe 5.8), sabendo que nossa luta não é contra a carne e sangue (Ef 6.12). O Diabo e as suas hostes são os verdadeiros inimigos da obra do Senhor.

II. A REVELAÇÃO DO FUTURO

O objetivo da revelação a Daniel era dar a ele conhecimento sobre o que haveria de acontecer ao povo de Deus (v. 14). Essa perspectiva do futuro estende-se não apenas aos anos imediatamente posteriores, mas até o fim do mundo. A revelação será detalhada nos capítulos 11 e 12.

Enfraquecido pelo que vira e ouvira, Daniel é tocado e fortalecido três vezes (vv. 16-19); afinal, o Deus que move nações e reis demonstra um incrível cuidado com os que são fiéis a Ele. Por fim, Daniel fica sabendo que a guerra não havia acabado (vv. 20,21).

O futuro imediato — a dimensão história

No capítulo 11, Deus revela eventos que estavam para acontecer no futuro imediato de Israel, bem como eventos do fim dos tempos (escatológicos). Eles desdobram-se no período interbíblico, ou seja, entre o Antigo e o Novo Testamentos, envolvem uma sucessão de reis que vão de Ciro até o desmoronamento do reino de Alexandre Magno (o rei valente, v. 3) e contemplam profecias sobre a Síria e Egito e as suas guerras envolvendo os judeus (vv. 5-35), incluindo Antíoco IV Epifânio (*o homem* vil, v. 21), torturador de Israel de quem tratamos anteriormente.

Segundo o pastor Abraão de Almeida,[3] esse capítulo pode ser dividido em quatro partes: a) versos 1 a 4, os reis da Pérsia e o terceiro império até a sua divisão em quatro, após a morte de Alexandre Magno; b) versos 5 a 20, os reis do Norte e do Sul (Síria e Egito); c) versos 21 a 35, o reinado de Antíoco IV Epifânio; d) versos 36 a 45, o Anticristo, no fim dos tempos.

Com relação ao futuro imediato, a passagem descreve minuciosamente intrigas políticas, alianças e conflitos militares ao longo dos séculos

seguintes. Em razão da riqueza dos detalhes proféticos, muitos chegaram a questionar a datação do livro de Daniel, como se tivesse sido escrito posteriormente aos fatos históricos.

O termo teológico empregado para isso é *vaticinium ex eventu*, ou seja, "profecia depois do evento". Porfírio, um filósofo pagão do século III d.C., foi um dos principais a fazer tal acusação. Nessa mesma linha, W. Sibley Towner[4] afirmou ser preciso assumir que a visão de Daniel como um todo é uma profecia após o fato, porque, segundo ele, "humanos são incapazes de predizer eventos futuros com exatidão e com séculos de antecedência". Em certo sentido, Towner está correto, pois os homens não podem prever o futuro. Acontece que profecias bíblicas não são meras palavras humanas, mas a própria revelação divina (2 Pe 1.21).

É interessante perceber, como disse John Lennox, que a questão aqui não é a falta de evidências do cumprimento das profecias, mas a sua abundância atestada pelo testemunho da história. Muitos detalhes foram esclarecidos por historiadores como Políbio, Tito Lívio, Heródoto, Josefo e os livros de Macabeus.[5]

O fato é que a predição de eventos históricos centenas de anos antes da sua ocorrência mostra que a Palavra de Deus não cai por terra. Nas palavras de Olyott:

> O livro de Daniel é uma peça literária fantástica em que a História foi escrita antes de se realizar! Não pode haver outra explicação além desta: sua origem é sobrenatural. Não admira que nosso Senhor Jesus Cristo tenha dito a respeito do Antigo Testamento em geral e, portanto, do livro de Daniel: "A tua palavra é a verdade" (Jo 17.17).[6]

É preciso destacar este ponto: Jesus deu testemunho de Daniel e da sua profecia (Mt 24.15; Mc 13.14). Ora, se o próprio Cristo reconheceu a legitimidade do profeta e a autenticidade da sua mensagem, Ele considerou o texto das Escrituras como profecia, e não como registro histórico posterior. Será que Jesus conhece menos da Bíblia do que os teólogos liberais que rejeitam a autenticidade de Daniel? Certamente que não!

Seja como for, o homem sem Deus, incrédulo, sempre buscará justificativas para tentar anular a veracidade das Escrituras. Embora existam razões suficientes para acreditar que o livro de Daniel foi escrito no sexto século antes de Cristo — portanto, anteriormente aos acontecimentos

históricos —, o homem encontra meios para invalidar a Palavra de Deus, mesmo que as provas estejam diante dos seus olhos.

Essa é uma forma de tentar eximir-se da responsabilidade diante de Deus, acreditando com isso que os eventos futuros não ocorrerão. Grande engano! Assim como os eventos históricos foram cabalmente cumpridos nos séculos seguintes a Daniel, no desenrolar da história das nações que impactaram Israel, o mesmo ocorrerá com a dimensão escatológica da profecia, quer o homem acredite, quer não.

O futuro remoto — a dimensão escatológica

O versículo 35 marca uma mudança de gênero literário, com a expressão "tempo do fim". Desse modo, do versículo 36 em diante, temos o futuro remoto de Israel, o "tempo de angústia para Jacó" (Jr 30.7), passando para uma literatura apocalíptica.

Até esse ponto, a profecia fazia alusão aos impérios Persa e Grego, minuciosamente cumprida. Daqui em diante, temos outra realidade, cujos eventos nenhum comentarista bíblico alega encontrar cumprimento no restante do capítulo.[7]

> Ao contrário da seção anterior, não há uma correspondência histórica específica. Desse modo, os eruditos que a consideram como Escritura genuína, em geral veem essa passagem como aguardando um cumprimento futuro.[8]

Conforme John Lennox, esse capítulo

> também foi escrito para avisar as pessoas no futuro (da perspectiva de Daniel) sobre o perigo de interpretar erroneamente os sinais dos tempos, e pensar que o tempo do fim chegou quando não chegou.[9]

Esse é um erro muito frequente dentre os que usam a escatologia como um recurso especulativo e sensacionalista.

O fato é que a passagem mostra um quadro profético do futuro Anticristo e a sua atuação, especialmente contra o povo escolhido de Deus. Será um grande líder mundial com poder político e bélico (vv. 36-38) que procurará destruir Israel.

Podemos perceber o perfil desse futuro rei no versículo 36 (NAA):

> — Este rei fará o que quiser, se levantará, e se engrandecerá sobre tudo o que se chama deus. Falará coisas incríveis contra o Deus dos deuses e será bem-sucedido, até

> que se cumpra a indignação; porque aquilo que está determinado será feito.

Embora pareça referir-se a Antíoco IV Epifânio, sobre o qual a passagem precedente está tratando, o texto alude a alguém que se projeta para o futuro. Nesse ponto, percebe-se novamente Antíoco IV Epifânio como protótipo do Anticristo.

Stuart Olyott diz:

> O versículo 36 nos fala de um rei que agirá segundo a sua própria vontade. A figura é de um homem que chega ao poder, prospera, cresce em poder e, então, fala contra todos os deuses. É verdade que Antíoco Epifânio aceitou ser chamado de divindade, mas nunca se engrandeceu sobre todos os deuses, pois durante sua vida manteve alguma forma de religião. Falou contra o Deus dos deuses, mas nunca contra toda religião. Este versículo deve se cumprir naquele que "se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus ou é objeto de culto" (2 Ts 2.4).[10]

Os versículos 37 e 38 prosseguem descrevendo as suas características malignas. Esse líder não terá respeito ao Deus dos seus pais e nem terá respeito ao amor das mulheres, nem a deus algum, porque se engrandecerá acima de tudo.

Dividem-se os estudiosos sobre o sentido dessa passagem; porém, é concordante o caráter blasfemo e antiteísta do Anticristo. O desrespeito pelo Deus dos seus pais aponta para a sua desconsideração pelas divindades cultuadas pelos seus antepassados,[11] para com as tradições familiares.[12]

"Nem terá respeito ao amor das mulheres" (Dn 11.37) pode ser uma alusão a Tamuz/Adônis (Ez 8.14), cujo culto era muito popular na Síria, especialmente entre as mulheres. Walvoord sugere[13] que essa expressão refere-se ao desejo natural das mulheres judias de gerarem o Messias prometido, a semente da mulher conforme Gênesis 3.15. Desse modo, a expressão torna-se um símbolo da esperança messiânica em geral. À luz disso, o rei da profecia de Daniel, seria contrário à esperança messiânica.[14]

O Anticristo não terá apreço por nenhuma divindade, porque se engrandecerá acima de tudo, conforme a parte final do versículo 37; ou seja, ele rejeitará tanto o verdadeiro Deus quanto os falsos deuses, porque ele mesmo se colocará como a própria divindade. Diz o versículo 38 que ele honrará a um deus das forças, aludindo ao seu poder bélico para fazer guerras, como governante mundial. Toda a sua soberba, materialismo e

prepotência são verificados na sequência, assim como a sua capacidade de fazer alianças e acordos em troca de apoio, retribuindo com alto preço.

III. ARMAGEDOM E AS ÚLTIMAS COISAS

A partir do versículo 40 até o fim do capítulo, deparamos com um relato do início do conflito dos últimos dias.

Vale relembrar o cenário. Israel fará uma aliança pelo período de uma semana de anos (sete anos) com o Anticristo (Dn 9.26,27), restaurando-a a uma posição dentre as nações do mundo. Contudo, no meio da semana, ou seja, depois de três anos e meio, a aliança será quebrada, dando início à Grande Tribulação.

À luz do contexto anterior, em que o rei é retratado como um monarca absoluto, coincidindo com outras passagens bíblicas (Dn 7.23; Ap 13.7), a guerra a seguir, segundo Walvoord, é uma rebelião contra essa liderança e significa a ruptura do governo mundial que estivera no poder.[15]

A passagem detalha movimentos militares de nações confederadas contra o Anticristo. Apesar da força devastadora das nações, por meio terrestre e marítimo, estas não obterão sucesso. No seu contra-ataque, o Anticristo repele os seus inimigos e ocupa a terra gloriosa (v. 41) — uma referência à Terra Santa. Edom e Moabe, e os chefes dos filhos de Amom escapam. Com a sua vitória, ainda que parcial, o Anticristo consegue aumentar grandemente os seus tesouros de ouro e prata e obtém preciosidades do Egito.[16]

Diante dos rumores, a sua fúria e desejo de morte aumentam, e, ao fim da sua campanha, o rei vil consegue estabelecer-se entre o mar grande e o monte santo e glorioso (v. 45), numa referência a Jerusalém. Aqui, Daniel não se preocupa em dar os detalhes do clímax dessa batalha, algo que será feito no capítulo 12. Mas uma coisa é certa: o derradeiro governante mundial chegará ao fim, e não haverá quem o socorra.

Tal passagem deve ser compreendida em sintonia com outras profecias bíblicas. Esse momento aponta para o fim da septuagésima semana de Daniel. No fim desse período, os exércitos do Anticristo estarão reunidos no vale do Armagedom para destruir Israel: "E os congregaram no lugar que

em hebreu se chama Armagedom" (Ap 16.16). Essa batalha sem precedentes na história será um enfrentamento bélico-espiritual.

O livramento divino

Daniel deve ter sentido alívio e conforto ao ouvir o restante da profecia no capítulo 12; aliás, é preciso ter em mente que Daniel 11.36 a 12.3 forma uma única seção, revelando os principais fatores do tempo do fim: "(1) um governante mundial; (2) uma religião mundial; (3) uma guerra mundial; (4) um tempo de grande tribulação para Israel; (5) ressurreição e julgamento; (6) recompensa dos justos".[17]

Desse modo, após ter uma noção do período sombrio da Grande Tribulação e do tempo de angústia, o profeta fica sabendo que Deus enviará o arcanjo Miguel para proteger o povo de Israel durante a batalha final. Essa revelação tem o seu paralelo com Apocalipse 12.7,8: "E houve batalha no céu: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão; e batalhavam o dragão e os seus anjos, mas não prevaleceram".

Sobretudo, o grande general é Cristo (Mt 24.15-31). Deus dará livramento ao seu povo quando este reconhecer que Jesus é o Messias (Ez 37). O Senhor, à frente do exército celestial, em cavalos brancos, vencerá o Anticristo e o Falso Profeta e irá lançá-los no lago de fogo (2 Ts 2.8; Ap 19.20), e os exércitos inimigos serão destruídos (Zc 14.12).

> O termo "Armagedom" vem da língua hebraica. *Har* é a palavra para "montanha" ou "colina". Mageddon provavelmente diz respeito às ruínas da antiga cidade de Megido, que fica acima do Vale de Esdrelom no norte de Israel, onde os exércitos do mundo se reunirão.
>
> De acordo com a Bíblia, grandes exércitos do oriente e do ocidente se reunirão nesta planície. O Anticristo derrotará os exércitos do sul, pelo fato de estes ameaçarem o seu poder, e destruirá uma Babilônia reconstruída a leste — antes de finalmente voltar as suas forças para Jerusalém a fim de dominá-la e destruí-la. Quando ele e seus exércitos marcharem contra Jerusalém, Deus entrará em ação e Jesus Cristo voltará para resgatar o seu povo, Israel. O Senhor, com seu exército angelical, destruirá os exércitos, capturará o Anticristo e o Falso Profeta e lançá-los-á no lago de fogo (Ap 19.11-21).
>
> Quando o Senhor voltar, o poder e domínio do Anticristo terão fim. Charles Dyer afirma: "Daniel, Joel e Zacarias identificam Jerusalém como o local onde ocorrerá a batalha final entre Cristo e o Anticristo. Os três predizem que Deus interferirá na história do seu povo e destruirá o exército do Anticristo em Jerusalém. Zacarias

> profetiza que a batalha terá um fim quando o Messias voltar à terra e seus pés tocarem o Monte das Oliveiras. Essa batalha será concluída com a segunda vinda de Jesus".
> A campanha do Armagedom — na verdade, em Jerusalém — será um dos acontecimentos mais desapontadores da história. Com exércitos tão gigantescos reunidos em ambos os lados, seria de se esperar um confronto épico entre o bem e o mal. Não importa, todavia, quão poderoso alguém é na terra. Ninguém é páreo para o poder de Deus.[18]

A declaração do versículo 2 do capítulo 12 refere-se à ressurreição dos justos e dos injustos em consonância com outras passagens das Escrituras (Jo 5.29; At 24.15). De acordo com a *Declaração de Fé das Assembleia de Deus*, elas acontecerão em momentos distintos. Os justos, cujos nomes estão no Livro da Vida, serão ressuscitados por ocasião da volta de Cristo (1 Ts 4.16), para a vida eterna. Essa é uma esperança gloriosa do cristão (1 Co 15.20-24). A ressurreição dos injustos acontecerá após o Milênio (Ap 20.5), para a eterna condenação.

Concluindo a missão profética

Nas suas palavras finais, o mensageiro celestial diz para Daniel cerrar as palavras e selar o livro, até ao fim do tempo (v. 4). Para os costumes da época, selar um livro era uma forma de dar credibilidade pública, uma garantia da sua veracidade; logo, o selo da palavra profética assegurava que a revelação era dada por Deus para que as gerações seguintes pudessem confiar e entender. Isso explica a declaração de que "muitos correrão de um lado para outro e o conhecimento aumentará" (v. 4, NVT).

A passagem não se refere ao crescimento da ciência e da tecnologia, mas ao conteúdo expresso da profecia de Daniel. É por causa dela que hoje, ao estudarmos as Escrituras, nosso conhecimento expande-se pela graça de Deus.

Após perguntar ao homem vestido de linho sobre o tempo em que aquelas coisas aconteceriam e de humildemente reconhecer que não havia entendido a resposta enigmática que lhe fora dada (vv. 6-8), o ser celestial diz para Daniel prosseguir; afinal, tais palavras teriam o seu cumprimento. Deus fará a sua obra no meio dos homens. Podemos não saber ao certo o tempo exato de cada ocorrência futura, mas podemos confiar no Senhor; por isso, é bem-aventurado aquele que espera, pois descansará!

1 “Embora haja espaço para debate, há pelo menos alguma evidência para considerar a aparição como uma teofania. Se for, o homem de 10.5-6 precisaria ser diferenciado do anjo de 10.10-14, bem como de Miguel, citado em 10.13”. WALVOORD, John F. **Daniel**. Porto Alegre: Chamada, 2023, p. 418.
2 LIETH, Norbert. **Daniel**: perspectivas do futuro. Porto Alegre: Actual Edições, 2004, p. 198.
3 ALMEIDA, Abraão. **As Visões Proféticas de Daniel**. Rio de Janeiro: CPAD, 1987, p. 19.
4 TOWNER, W. Sibley. **Daniel**: Interpretation: a Bible commentary for teaching and preaching. Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 2011.
5 LENNOX, John. **Contra a Correnteza**: a inspiração de Daniel para uma época de relativismo. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 346.
6 OLYOTT, Stuart. **Ouse Ser Firme**: o livro de Daniel. São José dos Campos: Editora Fiel, 1996, p. 178.
7 WALVOORD, 2023, p. 469.
8 Idem., p. 470.
9 LENNOX, 2017, p. 345.
10 OLYOTT, 1996, p. 189.
11 WALVOORD, 2023, p. 477.
12 BALDWIN, Joyce G. **Daniel – Introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 209.
13 Tal entendimento é seguido também por H. A. Ironside: “Toda mulher judia esperava ser a vontade de Deus que por meio dela o Messias chegasse ao mundo. O messias foi enfaticamente o Desejo das mulheres. O anticristo O despreza totalmente fingindo ser ele mesmo Aquele predito”. IRONSIDE, H. A. **Sobre o Livro de Daniel**. São Paulo: depósito de literatura cristã, 2007, p. 186.
14 WALVOORD, 2023, p. 478, 479.
15 WALVOORD, 2023, p. 483.
16 Idem, p. 485.
17 WALVOORD, 2023, p. 490.
18 LAHAYE, Tim. **Enciclopédia Popular de Profecia Bíblica**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 74, 75.

EPÍLOGO

Após uma jornada de estudo que nos permitiu explorar o livro de Daniel na sua totalidade, somos enriquecidos com o seu exemplo de vida e devoção. Mediante esses estudos, aprendemos que, mesmo num mundo corrompido e tentador, é possível mantermos nossa fidelidade ao Senhor, apesar de nossas limitações.

Enquanto aguardamos esperançosamente a realização das profecias, somos exortados a continuar a seguir a mensagem divina. O versículo de Daniel 12.13 — "Tu, porém, vai até ao fim [...]" — ressoa em nosso coração, lembrando-nos da importância de perseverar até o fim. Essa jornada de estudo ofereceu-nos mais do que conhecimento; ela também nos convida a uma jornada contínua de fé e obediência, sabendo que nosso compromisso com o Senhor é alicerçado na sua fidelidade inabalável.

Que a confiança em nosso Deus seja a âncora que nos sustenta, e que nossa jornada de fé seja marcada pela perseverança, mesmo quando as promessas divinas desdobram-se diante de nossos olhos. Que a mensagem poderosa do livro de Daniel continue a ressoar em nosso coração, motivando-nos a viver uma vida de devoção, esperança e expectativa da gloriosa realização das promessas divinas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Abraão. **As Visões Proféticas de Daniel**. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.

BALDWIN, Joyce G. **Daniel – Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1983.

BAPTISTA, Douglas. **A Igreja de Cristo e o Império do Mal**: como viver neste mundo dominado pelo Espírito da Babilônia. Rio de Janeiro: CPAD, 2023.

BARKER, Kenneth (Org.). **Bíblia de Estudo NVI**. São Paulo: Editora Vida, 2003.

BLAMIRES, Harry. **A Mente Cristã**: como um cristão deve pensar. São Paulo: Shedd Publicações, 2006.

CALVINO, João. **Daniel** – Volume I. São Paulo: Editora Paracleto, 2000.

CALVINO, João. **Daniel** – Volume II. São Paulo: Editora Paracleto, 2000.

CRAIG, Willian Lane. **Apologética Contemporânea**: a veracidade da fé cristã; 2. Ed. – São Paulo: Vida Nova, 2012.

EAGLETON, Terry. **A Morte de Deus na Cultura**. Rio de Janeiro: 2016.

GILBERTO, Antonio. **O Calendário da Profecia**. 16.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

GILBERTO, Antonio. **Daniel e Apocalipse**: como entender o plano de Deus para os últimos dias. Rio de Janeiro: CPAD, 1984.

HARRISON, R. K. **Tempos do Antigo Testamento**: um contexto social, político e cultural. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

HELM, David. **Daniel para Você**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico**: Novo Testamento – *Atos a Apocalipse*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

IRONSIDE, H. A. **Sobre o Livro de Daniel**. São Paulo: Depósito de Literatura Cristã, 2007.

LAHAYE, Tim; HINDSON (Ed.) **Enciclopédia Popular de Profecia Bíblica**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

LEMBKE, Anna. **Nação Dopamina**: Por que o excesso de prazer está nos deixando infelizes e o que podemos fazer para mudar. São Paulo: Vestígio, 2022.

LENNOX, John. **Contra a Correnteza**: a inspiração de Daniel para uma época de relativismo. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

LIEBI, Roger. **A História Mundial na Visão do Profeta Daniel**. Porto Alegre: Chamada, 2019.

LIETH, Norbert. **Daniel**: perspectivas do futuro. Porto Alegre: Actual Edições, 2004, p. 88.

LOPES, Hernandes. **Daniel – o Homem Amado no Céu**. São Paulo: Hagnos, 2005.

OLYOTT, Stuart. **Ouse ser firme**: o livro de Daniel. São José dos Campos: Editora Fiel, 1996.

MCGRATH, Alister. **Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica**: uma introdução à Teologia Cristã. Shedd Publicações, 2005.

NASCIMENTO, Valmir. **O Cristão e a Universidade**. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

PALMER, Michael (ed.). **Panorama do Pensamento Cristão**. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

PEARCEY, Nancy: **Verdade Absoluta**. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

PEDRO, Severino. **Daniel Versículo por Versículo**. Rio de Janeiro: CPAD, 1986.

PENTECOST, J. Dwight. **Manual de Escatologia**: uma análise detalhada dos eventos futuros. São Paulo: Editora Vida, 2002.

PFEIFFER, Charles F; VOS, Howard F., REA, John Rea. **Dicionário Bíblico Wycliffe**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

RAMOS, L.; CAMARGO, M; AMORIM, R. **Fé cristã e Cultura Contemporânea**: cosmovisão cristã, igreja local e transformação integral. Viçosa/MG: Ultimato, 2009.

SWIN, Roy E. **Comentário Bíblico Beacon**. Vol. 4. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

TOWNER, W. Sibley. **Daniel**: Interpretation: A Bible Commentary for Teaching and Preaching. Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 2011.

TWENGE, Jean M. **iGen**: Por que as crianças superconectadas de hoje estão crescendo menos rebeldes, mais tolerantes, menos felizes e completamente despreparadas para a vida adulta. São Paulo: Versos, 2018.

WALTON, John H. MATTHEWS, Victor H. CHAVALAS, Mark W. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia − Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WALVOORD, John F. **Daniel**. Porto Alegre: Chamada, 2023.

NA COVA DOS LEÕES

O livro de Daniel é para todas as épocas. Retirado à força da sua casa quando ainda tinha cerca de catorze anos, Daniel é conduzido até uma terra estrangeira. Dentro de uma cultura hostil e cercado por inimigos, ele enfrentou conspirações e mudanças culturais e políticas e, mesmo pressionado de diversas formas, não negou a sua fé.

Além do exemplo de vida, Daniel também nos ensina por meio das revelações que Deus deu a ele. Ele era um homem com os pés na Babilônia, mas com o coração em Jerusalém. Ele vivia no mundo, mas a sua mente estava no Céu; por isso, Deus deu a ele revelações extraordinárias sobre os eventos futuros do povo de Israel e do mundo, incluindo os últimos dias.

Num tempo em que faltam referenciais de virtudes, inteligência humilde e lealdade sábia no mundo, vale a pena olhar para a vida de Daniel e sermos inspirados pela sua história e sabedoria. Numa época em que as pessoas que influenciam as novas gerações são avaliadas não pela excelência moral e intelectual, mas pela quantidade de seguidores nas redes sociais, é urgente resgatar modelos sólidos de inspiração para a vida.



VALMIR NASCIMENTO

Graduado em Direito pela Universidade de Cuiabá, Mestre em Ética e Gestão pelas Faculdades EST, São Leopoldo/RS, Especialista em Direito Agroambiental pela Universidade Federal de Mato Grosso e Pós-graduado em Estado Constitucional e Liberdade Religiosa pela Universidade Mackenzie, Universidade de Coimbra e Universidade de Oxford.

Também é professor universitário e Diretor de Assuntos Acadêmicos da ANAJURE (Associação Nacional de Juristas Evangélicos). Evangelista da Assembleia de Deus em Cuiabá-MT, atua junto ao ministério de evangelismo universitário da Agência Pés Formosos/Chy Alpha Brasil. Entre as suas obras, destacam-se: *Entre a Fé e a Política*, *O Cristão e a Universidade* e *Seguidores de Cristo*, todas publicadas pela CPAD.

CPAD
cpad.com.br
CPADvideo
editoraCPAD
editora_cpad
EditoraCPAD
ISBN 978-65-5968-308-6
7 908234 017210